



\$ 5
52 páginas

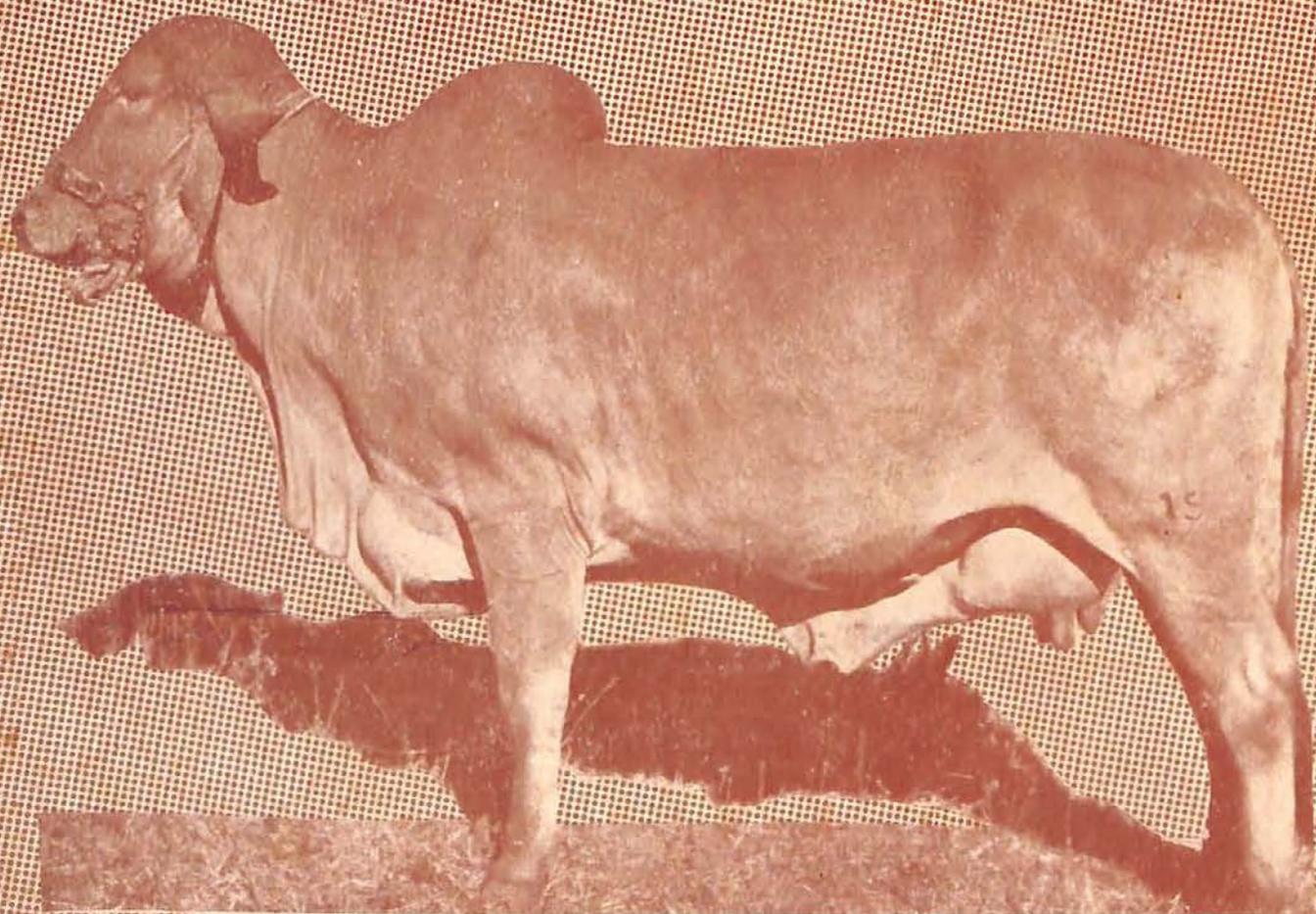
Ilmo. Snr.

DR. OTAVIO DA SILVEIRA MAFREDO - N.º 69 e 70

Rua Vigario Silva, 27

UBERABA - C.M.

Ag.º - Set.º - 1950



FAZENDA DO BARREIRO

Grande plantel de criação da RAÇA GIR, propriedade de

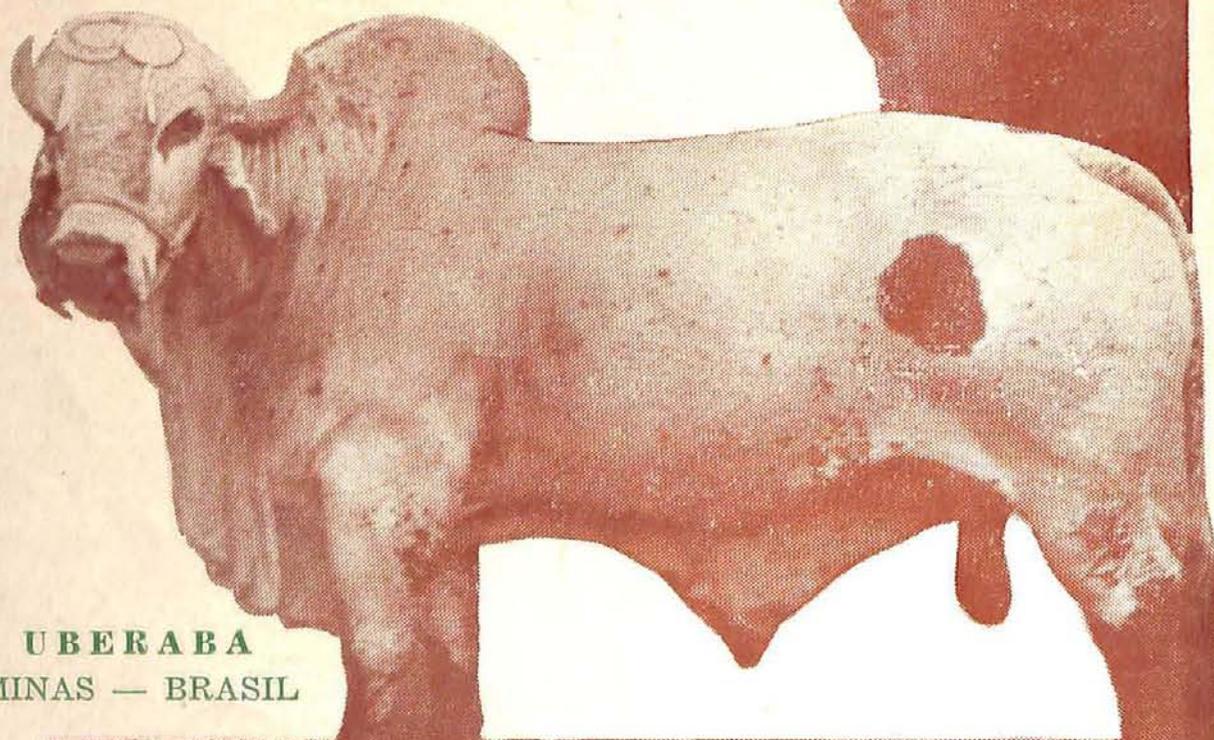
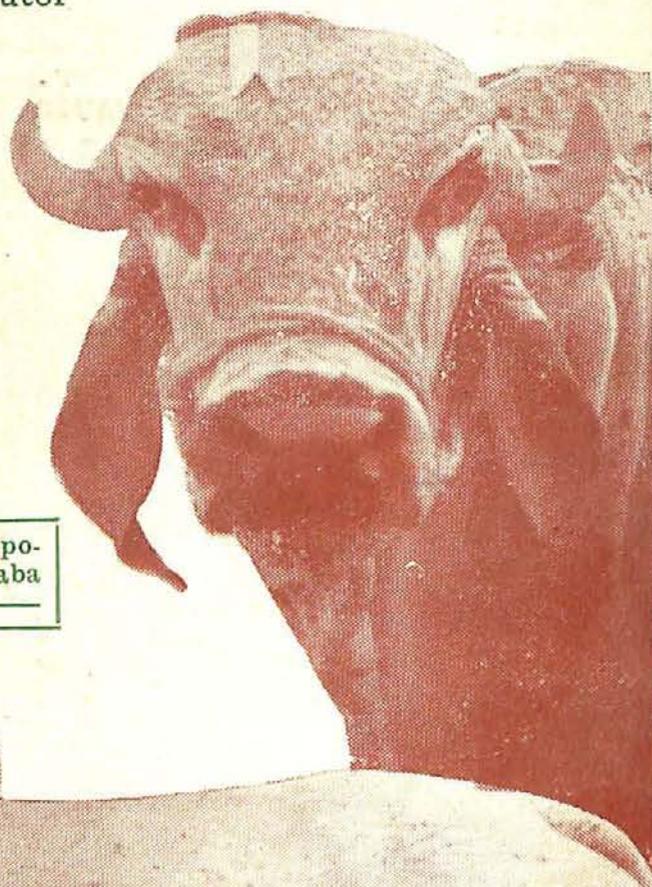
ANTONIO ABADIO DA ROCHA

todo de grandes figuras da Raça, de fêmeas registradas, e produção controlada pelo serviço de Registro Genealógico da S. R. T. M., á frente dos quais está este maravilhoso reprodutor

M
U
Z
E
U

LÉRO	{	BANDEIRANTE	{	MELÊTA
		SAFIRA		FAKIR
YÁRA	{	GIRINHA	{	MELÊTA
		IMPERADOR		FAKIR

Reservado Campeão da XVIª Exposição Feira Pecuária de Uberaba em Maio último.



UBERABA
MINAS — BRASIL

*Um novo produto...
uma nova vitória...*

PROGENITON-F

(STILBOESTROL)

ESPECÍFICO PARA:
PROVOCAR OU APRESSAR O CIO NAS FÊMEAS
METRITES

RETENÇÃO DE PLACENTA
EXPELIR FETOS MUMIFICADOS

A Farmopecuária S/A. - Produtos Veterinários, sente-se orgulhosa em ser o primeiro laboratório de produtos veterinários a oferecer aos criadores brasileiros esse novo produto recentemente lançado nos Estados Unidos com tão brilhantes resultados que alguns cientistas equiparam o valor dessa descoberta àquela da Sulfanilamida e seus compostos....

Peça amostra grátis à

FARMOPECUARIA S/A. - Produtos Veterinários

502, Rua Asdrubal do Nascimento, 502
Caixa Postal 1666 - Telgms. "Coroa" - São Paulo

COSTA

Reumatismo que deforma !

As impurezas do sangue provocam dores ciáticas, dores nas costas e nos quadris, reumatismo doloroso nas juntas, sobretudo nos dedos dos pés e das mãos, que se deformam, se imobilizam e chegam até a perder definitivamente o movimento. Combata estas dores torturantes, que fazem da vida um vale de lágrimas, com

“Galenogal”

Grande auxiliar no tratamento da Sífilis, que purificando o sangue elimina as dores e evita a deformação dos ossos. Usai-o com confiança, pois não ataca o estômago nem os intestinos. É indicado por grande número de médicos. (2—E C)

NOSSA CAPA

BRISA

Apresentamos em nossa capa principal desta edição, uma verdadeira preciosidade, em se tratando de uma fêmea de Raça Gir — a reprodutora **BRISA**, uma das numerosas e magníficas figuras do plantel de criação do cel. Rodolfo Machado Borges, em sua Fazenda das Lorangeiras, a menos de vinte quilômetros da cidade de Uberaba — Minas — Brasil.

BRISA que é filha de Bey e Vitória, ambos campeões de sua raça e neta do grande Campeão Martelo, foi considerada, na última Exposição Nacional, em S. Paulo, além do título de campeã que levantou com facilidade, como o mais perfeito exemplar das raças indianas, presentes ao certame, indicado para representar o **standard** econômico necessário à formação do rebanho nacional de carne.

SUMÁRIO

	Pgs.
Nossa capa — Sumário	4
A Pecuária Capichaba — Redação ...	5
Um juiz brasileiro em San Antônio — Entrevista	6
O elevado custo da produção petro- lífera — Noticiário	8
A criação Gir de Rodolfo Machado — Reportagem	9
A mandioca supéra a alfafa — Walter N. Banghan	15
A cultura do Tungue no País — Esta- tística	19
Para o desenvolvimento da Pecuária Nacional — Noticiário	20
A temperatura dos animais — Prof. Vitório Codo	21
A salga húmida da carne — Prof. J. Bifono	22
Mês de Agosto	24
—	
A produção nacional de enxadas — Estatística	25
Fazenda de S. Sebastião — Araxá ...	26
O custo de produção do arroz, nos Es- tados do Sul — Redação	29
Iª Exposição de Animais e Produtos Derivados — Noticiário	31
Brucelose — Prof. Anibal Alves Torres	41
VIª Exposição Regional de Animais em S. João da Boa Vista	42
A fabricação da manteiga	43
Resultados da Iª Exposição de Ani- mais, no Esp. Santo	45
Doenças na criação dos bezerros — Mário D'Apice	47
Expediente da Revista	49
Mês de Setembro	50



Ano X — N.º 69

Revista Agro-Pecuária sob o patrocínio da « Sociedade Rural do Triângulo Mineiro »

UBERABA — AGOSTO DE 1950.

||
A
PE-
CUÁ-
RIA
CABI-
CHA-
BA
||

A recente exposição estadual de animais e produtos derivados, realizada em 24 de Julho último, na capital do Espírito Santo, veio revelar ao País que o pequeno estado litorâneo realizou um grande progresso agro-pecuário e é, mesmo, aquela das unidades brasileiras que, com maior carinho, cuida do fomento de sua produção animal.

Esse intenso trabalho de recuperação pecuária foi iniciado, no Espírito Santo, desde que os seus impulsionadores — ontem como hoje — o sr. Governador Carlos Lindemberg e o sr. Secretário Napoleão Fontenele da Silveira — ocupavam na administração espiritosantense, respectivamente, os cargos de Secretário da Agricultura e Diretor da Produção Animal.

Feliz do Brasil si, no mesmo ritmo, se tivesse pautado o esforço fomentador dos rebanhos nacionais de todas as outras unidades federativas.

Não se pode, nos estreitos limites de uma crônica como esta, detalhar as realizações que verificamos de visu, em nossa recente estada naquela capital, para abono de apreciação tão lisongeira quanto exata. No entanto, podemos determinar que, de 1946 aos primeiros meses de 1950, o aumento dos rebanhos capichabas era de quasi vinte e cinco por cento, marcando-se, em milhares de cabeças, da seguinte forma: Bovinos — de 393 para 500; Equinos — de 86 para 106; Muares — de 71 para 83; Assininos — de quase um (977 cabeças), para um e meio (1.500 cabeças); Suínos — de 619 para 700; Ovinos — de 15 para 20; Caprinos — de 43 para 46; e Aves — de 2.803, para 3.500.

Em auxílio de avaliar-se o que é a entrosagem desse magnífico movimento de recuperação pecuária que a Secretaria da Agricultura leva a efeito, através do seu Departamento de Produção Animal, basta citar as fazendas, laboratórios e escritórios que ali o desenvolvem: a Fazenda Sant'Ana — avicultura e sericicultura; a Fazenda «Mte. Líbano» e o Posto Zootécnico de S. Mateus — aprimoramento de gado zebú; os Postos de Monta de Itapemirim e Batalhas — equinos e assininos, havendo em departamentos especializados de Vitória e Cachoeiro, laboratórios e posto experimental de Inseminação Artificial, dando resultados tão promissores, que basta dizer que, no certame a que nos referimos, já foram apresentadas produções de bovinos, equinos e muares, obtidas por esse moderno processo.

Passemos por alto, também, pela grandiosa obra da construção do Parque de Exposições de Itacibá, pelos serviços do Instituto Biológico do Espírito Santo, da Estação Sericícola de Vargem Alta, de Defesa Sanitária Animal, em Cachoeiro de Itapemirim e Vitória, de Economia e Assistência ao Cooperativismo e, ainda, o de Divulgação Agrícola que são razão, motivo e explicação do desenvolvimento pecuário capichaba.

Agora, Carlos Lindemberg e Napoleão Fontenelle deixam a liderança daquele maravilhoso movimento, atraídos pela política federal do seu Estado, setor em que, também, lhe podem prestar assinalados serviços.

Resta aos capichabas, porém, o consolo de que o movimento que nos maravilhou e de que nos ocupamos, fica em boas mãos, as do dr. Guilherme Pimentel, o mais eficiente dos colaboradores com que contaram para a consecução de tão meritório programa.

UM JUIZ BRASILEIRO EM SAN ANTÔNIO

Convidado pela Pan American Zebú Association, de San Antonio-Texas-U.S.A., o nosso ilustre patricio, sr. João Rodrigues Borges Jr. esteve, em Fevereiro último, naquele país, observando o progresso e os métodos americanos da criação de gado de origem indiana.

Após servir na comissão julgadora de zebuinos na grande parada que é a «San Antonio Livestock Exposition», o sr. João Rodrigues Borges Junior visitou vários centros de criação nos estados sulinos da grande república.

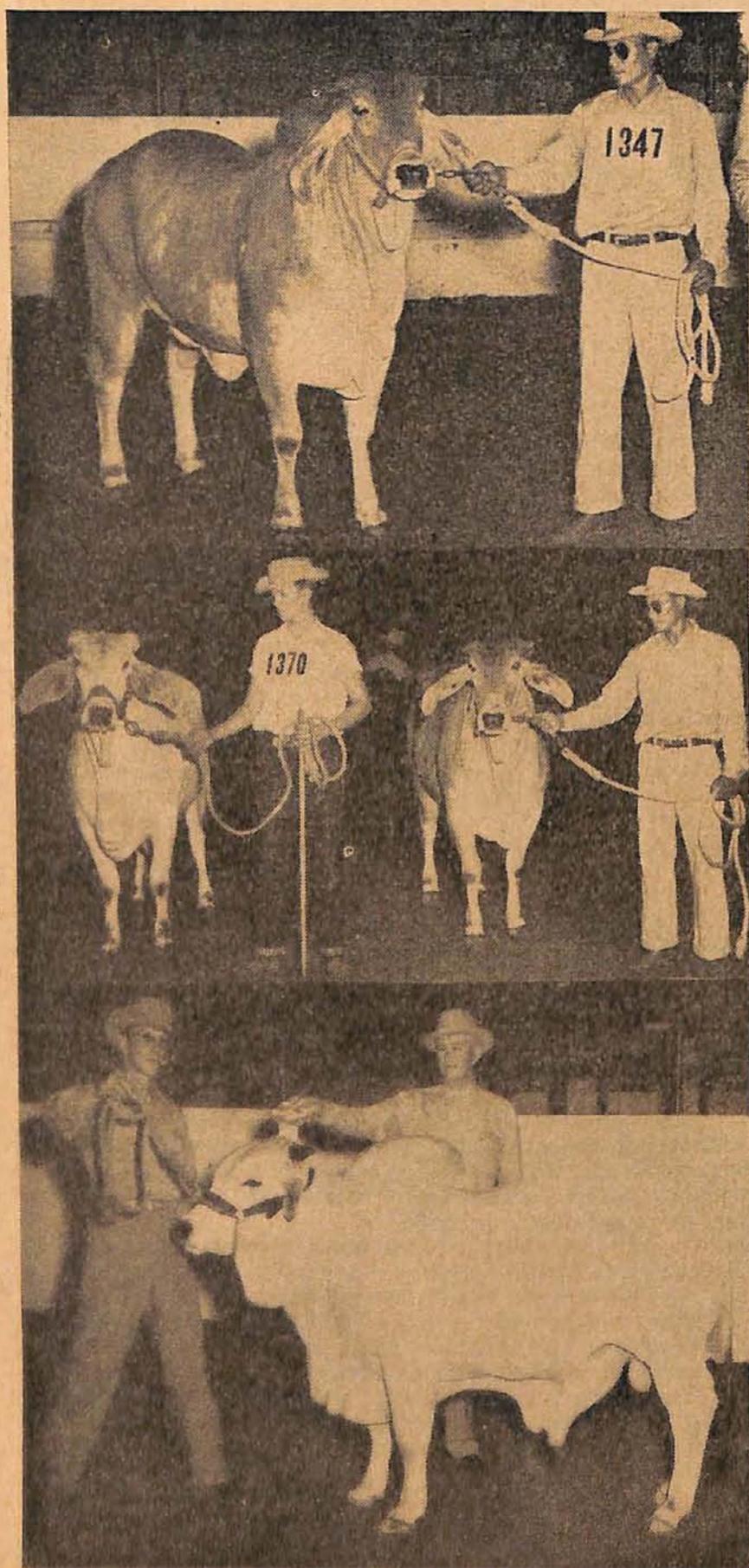
Ao regressar de sua profícua estada nos Estados Unidos, teve a gentileza de externar as suas impressões para os leitores da Revista «Zebú» e, estas, são as que apresentamos nestas páginas.

Tão interessantes e tão concisas que são um verdadeiro brinde que endereçamos aos apreciadores. A ele — o seu autor — endereçamos os nossos agradecimentos.

AS IMPRESSÕES DE JOÃO RODRIGUES BORGES JR.

— «Atendendo a um gentil convite para atuar como juiz da Pan American Zebu Association, estive em Fevereiro ultimo em San Antonio, Texas, onde pude observar com grande satisfação a melhoria por que passa o gado zebú

«————» Uma grande campeã do certame. Ao centro: a mesma ao lado da segunda colocada. Em baixo: um primeiro prêmio e um quase Nellore, de pernas curtas.



daquele grande Estado americano. Isto foi ocasionado com o novo sangue fornecido por alguns touros brasileiros levados áquele país recentemente (1946, via México).

— «A procura do criador de gado do sul dos Estados Unidos pelo zebú ou Brahman, como lá eles o chamam, é imensa. Grande é a facilidade desta raça em adaptar-se ás mais diferentes condições climatéricas. Vi pessoalmente nos Estados bem ao norte, como Montana e Wyoming, o zebú suportando as mais terríveis nevadas sem o menor agasalho; o couro destes animais cobre-se de pelos tão compridos como os das raças européas.

— «A maioria do gado levado á Exposição de San Antonio, na seção da Pan American Zebu Association, que me foi dado a julgar era quasi todo descendente de touros importados nossos. Não se pôde definir qual das quatro raças predomina, se é o Guzerat, Gyr, Nelore ou Indu Brasil. Há boa porcentagem de todas elas.

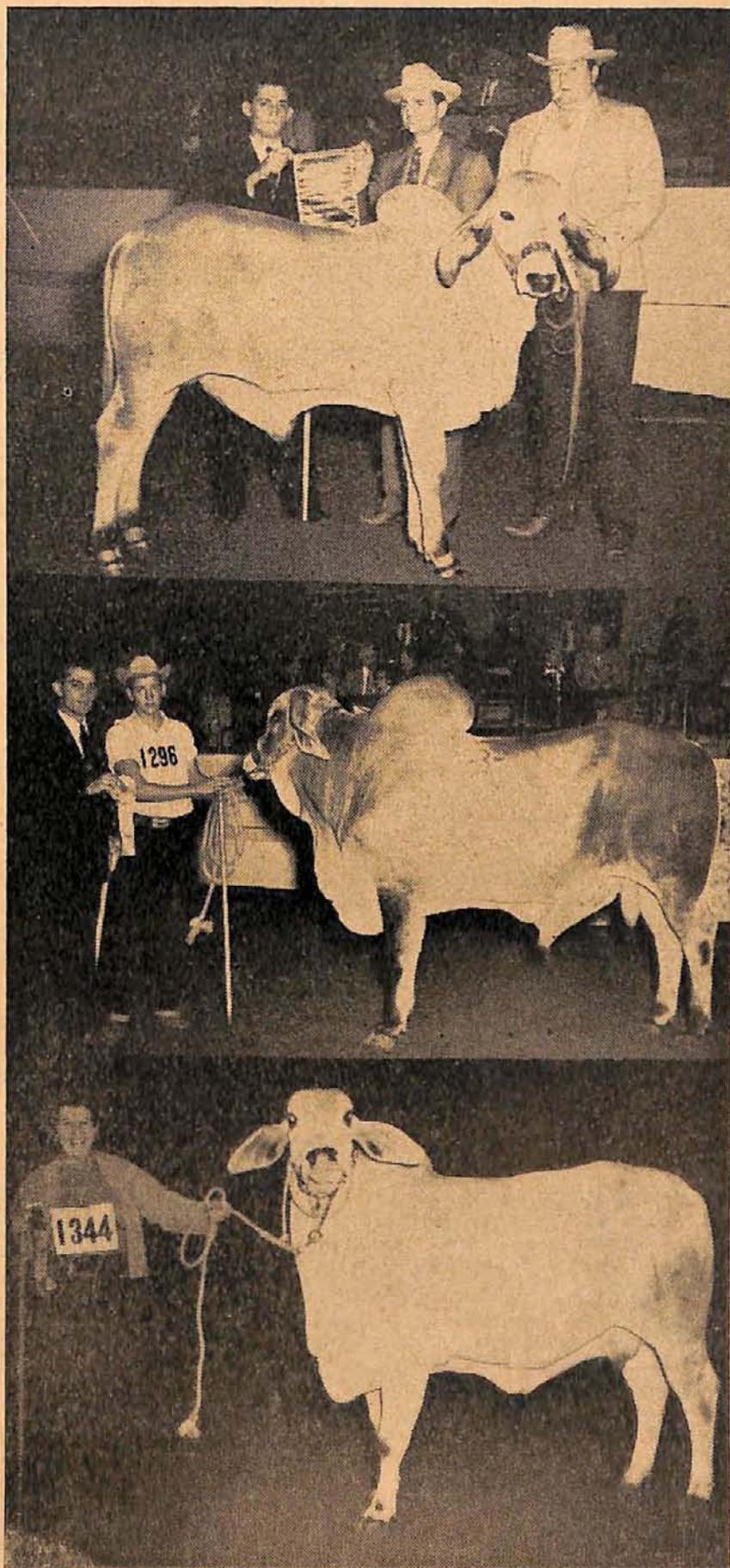
«Achei bastante interessante o método de seleção a que me obrigaram para a classificação do Grande Campeão da Raça. Classificam-se os campeões das diversas categorias, e depois entre os campeões classifica-se o melhor animal, não se levando em conta a sua idade, se é um bezerro ou um touro feito.

«Pelas fotografias podem-se ver alguns dos exemplares expostos.

«Durante o período da Exposição, numa reunião de criadores de gado zebú, pude assistir um filme colorido, tirado pelo Sr. Charles Shreiner III, aqui no Brasil, do gado de algumas fazendas do Triângulo Mineiro. Pode ob-

(Conclui à pág. 14)

Ao alto: Um grande »
Campeão de poucos meses de idade, apresentado pelo juiz João Rodrigues Borges Jr. Outras grandes figuras do certame zebuista da FAZA.



A industria petrolifera requer vultosos capitais

★
EM MÉDIA OITO POÇOS SE-
COS SÃO PERFURADOS PARA
CADA POÇO PRODUTIVO

★
Analisando o aspecto econômico dos benefícios que a exploração do petróleo traria ao Brasil e as despesas que tal operação exige, "Revista Esso", publicação institucional da Standard Oil Company of Brazil, inclui em seu último número um artigo intitulado "Petróleo no Brasil".

Tal artigo fala inicialmente nas vantagens que adviriam para o país se, dentro de um clima propício e de leis estimuladoras, muitas companhias nacionais, com a participação do capital estrangeiro, viessem a se dedicar à industrialização do petróleo brasileiro.

Ocupa-se, em seguida, da existência, no Brasil, de formações geológicas favoráveis ao acúmulo de petróleo e mostra as dificuldades que cercam as operações da indústria petrolífera. A experiência de muitos países tem comprovado que em campos ainda não explorados são necessários oito poços perfurados para cada poço produtivo e três perfurados para um produtivo nos campos já limitados. Acresce a circunstância de estar aumentando a profundidade necessária à extração do petróleo, havendo casos de poços que alcançam a profundidade de 4.500 metros, ou mais, custando 20 milhões de cruzeiros cada um. Tomando por estes dados, pode-se fazer um conceito dos gastos vultosos que a indústria do petróleo requer. Para que o petróleo do Brasil seja extraído de modo a tornar-se útil ao povo brasileiro, calcula-se ser necessária a inversão pelo menos de cerca de dois bilhões de cruzeiros em pesquisas.

Por outro lado, — diz o artigo — no Brasil o consumo de petróleo e de seus inúmeros derivados dobra de seis em seis anos. Tendo de importar as quotas que consome, com grande desequilíbrio para as finanças nacionais, o país não tira

proveito de seu petróleo que, inexplorado, não beneficia ninguém.

No entanto, o que se observa em tôdas as outras partes do mundo, mostra que a livre iniciativa e a utilização de ca-

pitais e esforços por parte de muitas organizações independentes, competindo no financiamento dos trabalhos, constituem o sistema de operação que melhores resultados tem tido na indústria petrolífera.

Mão
confie
na Sorte



ESPERAR que o inverno não prejudique suas pastagens, ou confiar nalgum verde das baixadas, constitui o pior jogo em questões de alimentação de seu gado.

Os animais só podem produzir economicamente quando recebem uma ração farta, sadia e tecnicamente balanceada.

As RAÇÕES CONCENTRADAS

BRASIL são cuidadosamente estudadas e manipuladas afim de proporcionar o maximo rendimento pelo menor custo.

Faça hoje mesmo uma experiência — alimente seu rebanho com "Rações Concentradas Brasil" e nunca mais deixará de fazê-lo.

Peçam prospectos, consultando o nosso Departamento Técnico.

(Registro n. 958 do D. P. A.)

(Resp. — BRENNO M. DE ANDRADE — eng.-agronomo)



PEDIDOS À

Caixa Postal 1117
São Paulo

PRODUTO DA
REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S/A.

Rua Xavier de Toledo, 114 — Tel. 4-7378
Caixa Postal 1117 — São Paulo

A Criação "Gir" de Rodolfo Machado

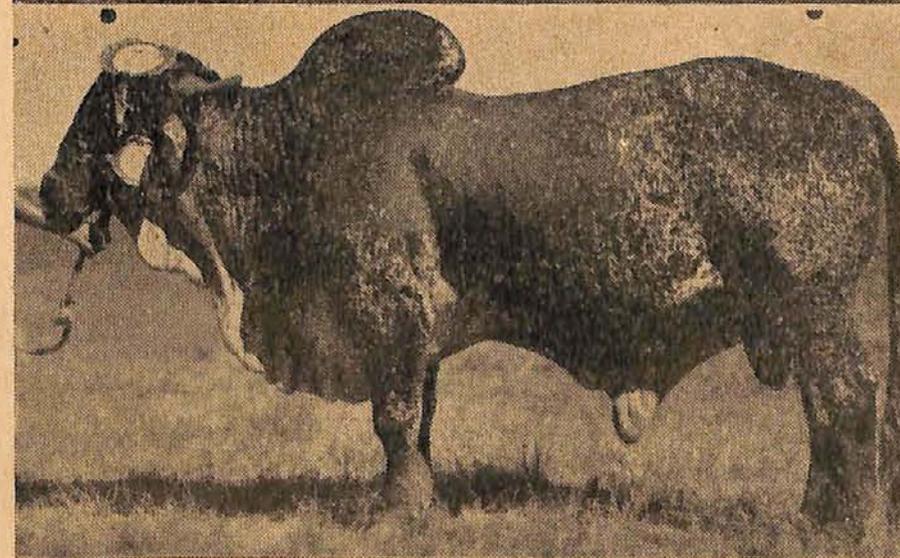
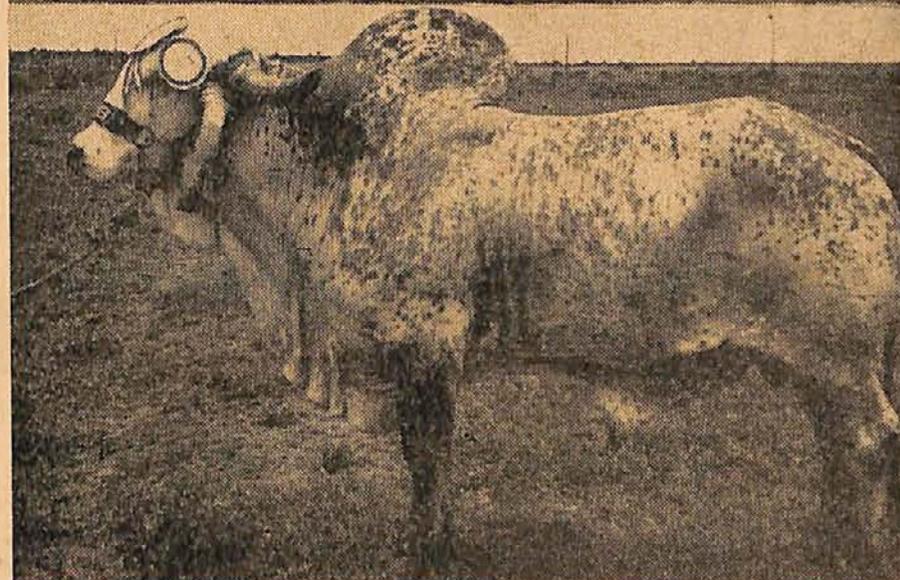
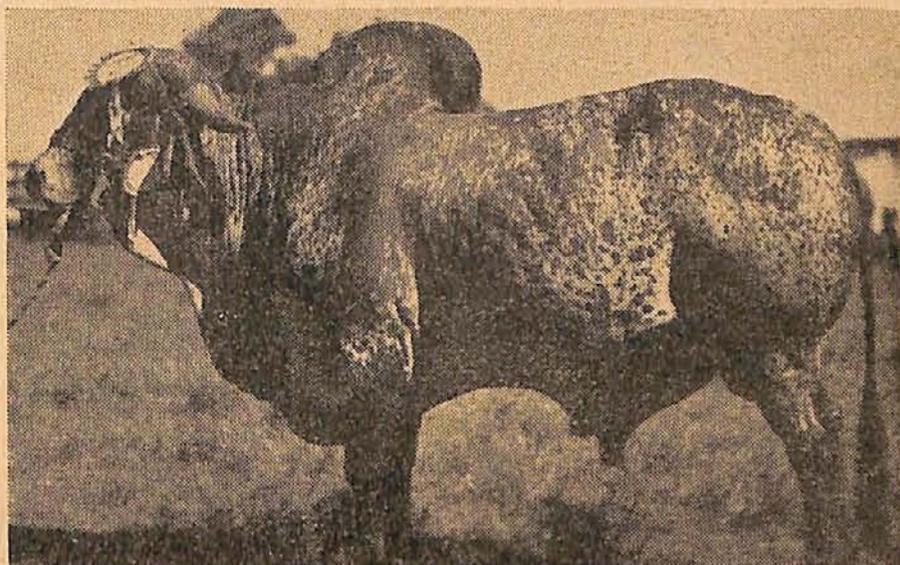


AS FAMILIAS DE BEY, MARTELO E INDÚ

No esforço nacional em favor da formação de um rebanho brasileiro para corte, á base de uma raça igualmente nacional, com origem naquilo que fomos buscar á Índia e melhoramos já em muitos furos, quando se passarem os tempos, não se apagará da sua historia, o papel que nele desempenhou um rude e tenaz fazendeiro uberabense — Rodolfo Machado Borges, de uma descendência de criadores de têmpera, como ele mesmo, sempre tão teimosos em preservar para o País, uma riqueza inestimavel, nem sempre apreciada e levada em sua devida conta e seu devido valor.

Ainda não se haviam firmado técnicos e criadores especializados em assuntos zebuistas, nessa preferência que hoje se firma, a favor das Raças Gir e Nelore, por reconhecerem-lhes os atributos excepcionais e já, para Rodolfo Machado, aquela preferência era página lida e decorada, tanto que estabelecia, em suas fazendas Larangeiras e Floresta, os seus plantéis de criação,

De cima — BEY, Grande Campeão Nacional, na Bahia - 1939, depois de levantar o mesmo título em Uberaba - 938. BAF-PENDÍ — filho de Bey e Camélia e neto de Martelo e de Indú; campeão da Exposição de Uberaba - 1944. MARTELO, o Grande Campeão das Raças Zebús e extraordinário racador — chefe da familia de seleção de Raça Gir, na Fazenda das Larangeiras.





baseados em espécimens extraordinários que se transformaram, não muito tempo depois, em figuras quasi lendárias na criação de gado zebuino no Brasil.

E' que o experimentado lider da criação de zebuinos no Brasil, sempre se norteou pelo rumo da preferência á seleção das raças indianas puras — melhorando-as porém, não misturando-as — e foi assim que se conservou até agora, grangeando para sua criação, uma auréola de prestígio difícil de ofuscar.

Quando os planteis de Rodolfo Machado aparecem nas exposições, sejam nacionais ou regionais, os seus concorrentes — mesmo os categorizados, não esperam mais, com confiança, pelas melhores colocações, pois sabem com quem vão competir.

Dizer que essa sua trajetória não lhe trouxe uma onda de oposição, seria desnecessário, porém, ante o fluxo dos derrotistas ou dos mal orientados, Rodolfo Machado, o

De cima — GAROTA, filha de Baependi e neta de Martelo, com 5 anos, pesando 700 quilos, e ainda não tendo atingido a plenitude do seu desenvolvimento. E' Campeã Nacional - 1948, em Belo Horizonte. ANABELA, 5 anos, filha de Bey e Francezinha e neta de Martelo e Indú; Campeã da X.ª Exposição de Uberaba, 1.º prêmio de Uberaba - 1946 e Nacional de São Paulo em 1947. JANDÁIA, outra descendente de Bey e Martelo, contando 50 meses de idade.

velho selecionador que, já uma vez denominamos o «esportista da criação de zebús finos», continuou impávido, no rumo a que se traçara, pela sua larga experiência

— a seleção das raças indianas puras.

Era tão radical em seus pontos de vista sobre o Gir e o Nelore que, nas controvérsias com aqueles que pregavam as vantagens do hibridismo, chegava no máximo a fazer-lhes uma pequena concessão:

— «Vá lá, dizia; pode-se fazer o Indubrasil. Mas, só se fôr com Gir e o Nelore.

E foi assim que, em seus plantéis de criação de gado Gir e Nelore, formou e encaixou as famílias de Martelo, de Bey, de Guarujá e outros, excepcionais exemplares que não ha criador brasileiro que não conheça, sinão de fotografia, pelo menos de nome e de fama.

Essas famílias de Bey e de Martelo, são famílias que não

De cima — GAROTINHA, extraordinária novilha que, ao levantar o 1.º prêmio da recente exposição de Uberlândia, pesava 480 quilos, com 14 meses e, agora, aos 18, pesa nada menos 550; é filha da grande Campeã Garota e de Bey. CARMEM MIRANDA, 49 meses, filha de Bey e Luminosa e neta de Martelo e Indú, novilha pela qual seu prop. rejeitou cem mil cruzeiros. BRISA, Campeã Nacional, em S. Paulo, filha de Bey e Vitória e neta de Martelo.



apresentam um minguido numero de especimens.

E' que o valoroso e veterano criador do Gir possui um plantel numeroso, cerea de quatrocentas cabeças que têm como «chefes de familia» — Bey e Martelo, tendo conseguido um resultado difficil de ser encontrado em outros rebanhos.

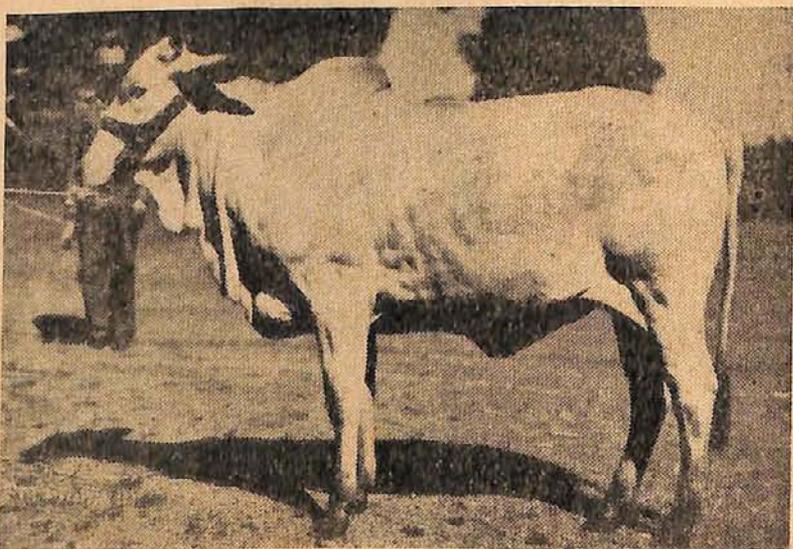
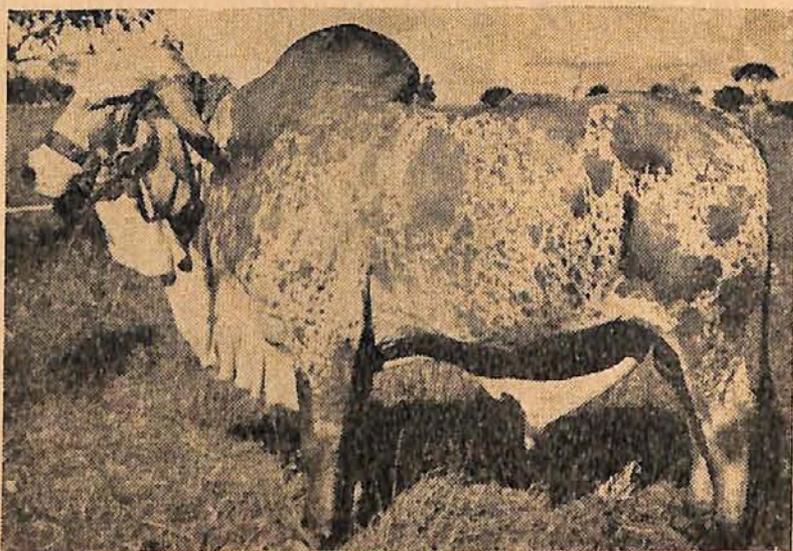
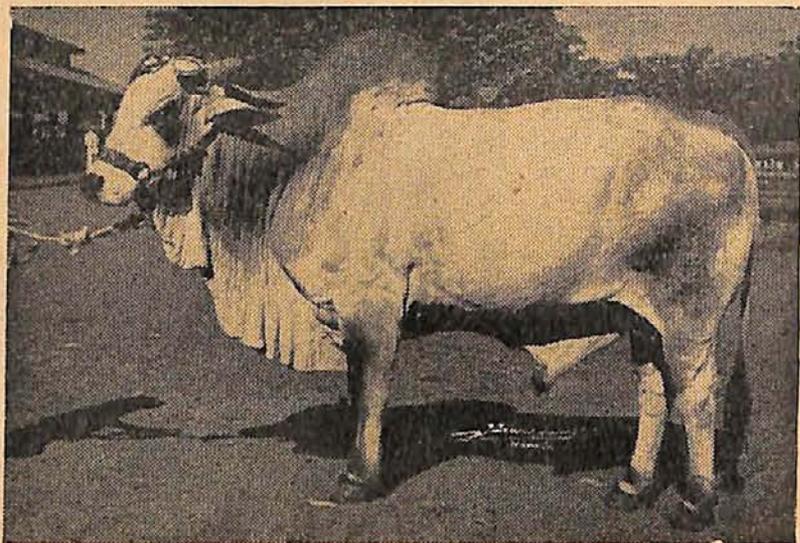
Com o refrescamento de sangue que impõe, sempre, ás diversas «familias» entre si, o cel. Rodolfo Machado poude evitar a pneumonia no seu rebanho, o que lhe dá um quociente extraordinário de bezeros que vingam.

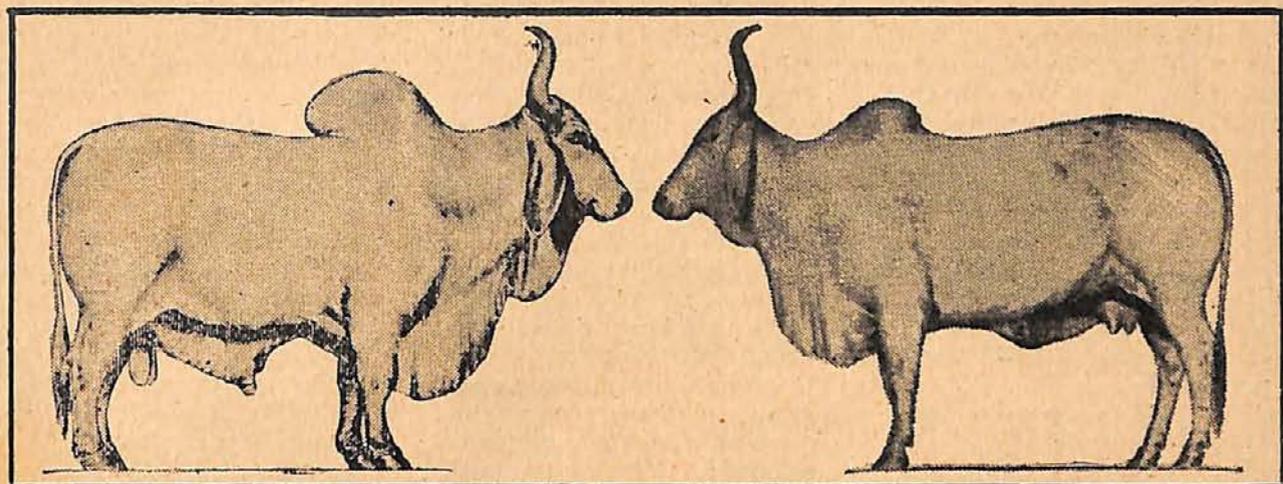
O gado Gir que Rodolfo Machado apresenta é, em sua totalidade, um Gir muito apurado e quasi diferente, tal o grau de perfeição que ostenta. Como um cinzelador que faz estatuétas, Rodolfo Machado tirou-lhe as excedências, dotou-o de mais peito, de mais tronco, de mais ancas. E' um gado Gir com aptidão de tiro, de ossatura fina, cabeças leves e altas — e, ainda, conservando todas as linhas de beleza e atributos de pureza — apresentando machos de pouco umbigo e fêmeas de têtas finas, aperfeiçoamentos que fazem dele um gado apto ás criações extensivas, sem trabalho com bicheiras nos bezeros que são fortes e mamam sozinhos.

E ainda não está satisfeito com esses aperfeiçoamentos. Acha que é muito facil intro-

(Conclua à pág. 29)

De cima — BOMBAIM, campeão Nelore, Uberaba - 1945, filho de Guarujá e Indianinha, grande raçador do plantel de Rodolfo Machado, na Fazenda Floresta. HUMAITÁ, com 40 meses, filho de Baependi e Vitória, outro excelente exemplar de Raça Gir e da familia de seleção. BEY - MARTELO - INDÚ; dois primeiros premios na Exp. Nacional de S. Paulo - 947 e Uberaba - 948. VENEZUELA, excelente novilha de Raça Nelore, filha de Indú e Pratinha e neta de Guarujá.





Definição das Características das Raças Zebuinas de Maior Importancia na India

A terra do gado Concréji (conhecido fóra da India como Guzerá) é a região que se estende para o Sul, do canto Sudoeste do Distrito de Tharparker em Sind) até Dholka, no Distrito de Ahmedabad, para Leste desde Deesa até, para Oeste, o limite extremo do Estado de Radhampur, principalmente ao longo dos rios Banas e Sarasvati. O Concréji (a que nos referiremos daqui para deante como Guzerá) tira seu nome duma zona agrícola que somente cultiva forrageiras de córte, tais como Bajra e Jowar, é uma raça perfeitamente fixada que tem sido conservada pura por muitas gerações pelos criadores profissionais semi-nomades como os Rabari, Ahir e Jat. Um numero relativamente grande de animais puros da raça é constatavel nos distritos donde é originaria. E' tambem chamada Wadhiar no Estado de Radhanpur, Sanchore no Estado de Jodhpur e Wagad no Estado de Kutch.

A zona de eriação é de terras semi-baixas, nalguns lugares abaixo do nivel do mar. Os solos ou são calcareo-argilosos ou uma terra preta e densa na parte Sudoeste. A

«BOLETIM MIXTO N.º 28»,
DO CONSELHO IMPERIAL
DE INVESTIGAÇÃO AGRICOLA
DE DELHI — INDIA

RAÇA GUZERA'

precipitação pluvial oscila entre 500 e 650 mm. por ano, variando a temperatura entre 5 e 50 graus centigrados.

A pastagem predominante na região é o «zinivo» (*andropogon annulatus*). Na zona Norte dos campos de eriação encontram-se extensas pastagens, especialmente ao longo das margens dos rios. Os bezerros são desmamados com cinco mezes, castrados e vendidos. A castração é feita por castradores profissionais chamados «saranias». O sistema usado é cortar a ponta da bolsa e arrancar os testiculos.

O Governo de Bombaim mantem um rebanho de «pedigree» em sua Fazenda de Chharodi, perto de Ahmedabad, e um «Herd Book» provincial foi criado para o registro dos rebanhos puros das aldeias. Os bois Guzerá alcançam altos preços como vigorosos animais de tiro. São intensamente usados para tra-

ção em Surat e nos Estados de Kathiavar e Baroda. Tempos atraz, o Guzerá foi exportado para as Americas do Norte e do Sul, para levantar o gado indigena e aí tem prosperado. E' razoavelmente bom leiteiro. A produção media de leite num rebanho de 110 vacas da Fazenda de Chharodi é atualmente 1.090 ks. num periodo de lactação, mas de alguns animais tem-se obtido produções individuais até de 3.270 ks. A idade media para a primeira parição é cerca de 4 anos e meio (media de 327 bezerros da Fazenda de Chharodi). A idade minima para a primeira parição é de 3 anos.

O Guzerá é uma das raças de gado mais pesado da India: uma vaca adulta parideira pesa de 400 a 450 ks. e um touro, de 450 a 675 ks. Tem uma testa comparativamente larga, ligeiramente concava no meio (como um prato), chifres fortes e curvos em que a pele sóbe até um ponto mais alto que nas outras raças; um corpo vigoroso com peito amplo e lombo reto, cupim bem desenvolvido, umbigo pendente e cauda de comprimento medio, com

uma vassoura preta que desce abaixo do jarrete.

O porte do Guzerá é característico da raça. O movimento é suave; dificilmente se percebe qualquer movimento do corpo; a cabeça é mantida notavelmente alta; o passo é largo e fácil; os cascos trazeiros pisam bem adiante do rasto dos cascos dianteiros. Os criadores dizem que o porte do Guzerá é de 1 passo e um quarto.

A côr do macho é cinza prateada, cinza de aço ou até preta. Os quartos dianteiros, cupim e quartos trazeiros são sempre mais escuros que o corpo. Os membros anteriores e posteriores têm manchas pretas. A corôa dos cascos é sempre preta. A côr e as manchas são mais claras na fêmea que no macho. Nesta raça a côr vermelha é condenada. Os bezeros recém-nascidos têm o alto da cabeça vermelho enferrujado (amarelado). Esta côr desaparece entre os seis e nove meses de idade.

A testa é larga e funda. O osso frontal é concavo. Não é tolerada uma testa saliente.

A cara é curta, o chanfro é reto ou subconcavo, terminando com um nariz sensivelmente levantado. Um nariz romano não é desejado.

Os olhos são proeminentes, grandes, cheios, brilhantes, vivos, salientes e com rugas musculares nítidas acima das palpebras. É preferida a côr preta ao redor do olho e acima do mesmo é essencial a côr preta.

As orelhas são compridas, livremente pendentes e atingem frequentemente a ponta do nariz. São preferidas as orelhas mais compridas, que se encontram abaixo do queixo. São largas proporcionalmente, com a pele vermelha ou castanha internamente e manchas pretas nítidas.

Os chifres são grossos, saindo para fóra nitidamente, depois para cima, virando sensivelmente para dentro para o corpo e em seguida as pontas viram. Normalmente o chi-

fre tem ponta aguda, todavia é em geral aparada, ficando rombuda.

O pescoço é delicado, longo e fino, bem inserido no corpo. Ha uma nítida curvatura para cima, junto da cabeça, aqual provoca o arqueamento do pescoço.

A barbeta deve ser fina e pendente.

O tórax é largo e bem musculado.

O cupim é proeminente e volumoso, algumas vezes com tendencia a tombar, o que é condenado. Um cupim inclinado para a esquerda, embora raramente encontrado, é muito apreciado.

As espaldas são largas, obliquas e bem desenvolvidas. Todos os membros são

O clichê que ilustra este artigo é o padrão da Raça Guzerá estabelecido pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro.

UM JUIZ BRASILEIRO

(Conclusão da pág. 7)

servar o grande interesse despertado em todos aqueles criadores em obter gado brasileiro. Três entretanto são as dificuldades que se lhes depa-ram: I) a febre aftosa que não existe nos Estados Unidos, e nossos rebanhos possuem. II) a oposição feita pelas poderosíssimas Associações de gado de origem européa que temem a fortíssima concorrência do zebú. III) E finalmente os grandes criadores de gado zebú que possuem um tipo de gado zebú adaptado e não querem concorrência no maravilhoso mercado.

«Dentre os líderes dos criadores de gado zebú, os mais entusiastas pela importação do zebú brasileiro destacam-se: Dr. Willian States Jacobs, presidente da Pan American Zebu Association, Jess Mc Neel, Roy G. Martin, Bob Coquat e muitos outros, todos eles com seus ranchos e fazendas nas proximidades de San Antonio, Texas».

bem desenvolvidos. Os anteriores são direitos, com rani-lhas longas, retas e fortes. O casco é preto, duro e compacto sem ser muito aberto.

O tórax é horizontal, comprido, profundo e compacto. Uma linha reta da ponta do cotovelo ao tórax é apreciada. Na fêmea esta linha cái no dorso. Isto é tolerado no macho mas não apreciado.

O dorso é réto, sendo condenado um dorso arqueado.

As costelas são longas, bem salientes e separadas.

A saliência do umbigo é um pouco pronunciada na fêmea e a bainha do macho é moderadamente pendente.

Os quartos trazeiros são bem desenvolvidos e musculosos, compridos e largos. Os lombos são compridos, largos e ligeiramente inclinados. Os quadris são salientes e bem separados.

A garupa é comprida e inclinada. Os isquions, bem separados.

Os flancos são largos e profundos.

As coxas compridas e grossas e as nagegas bem musculosas. O escudo é ligeiramente saliente.

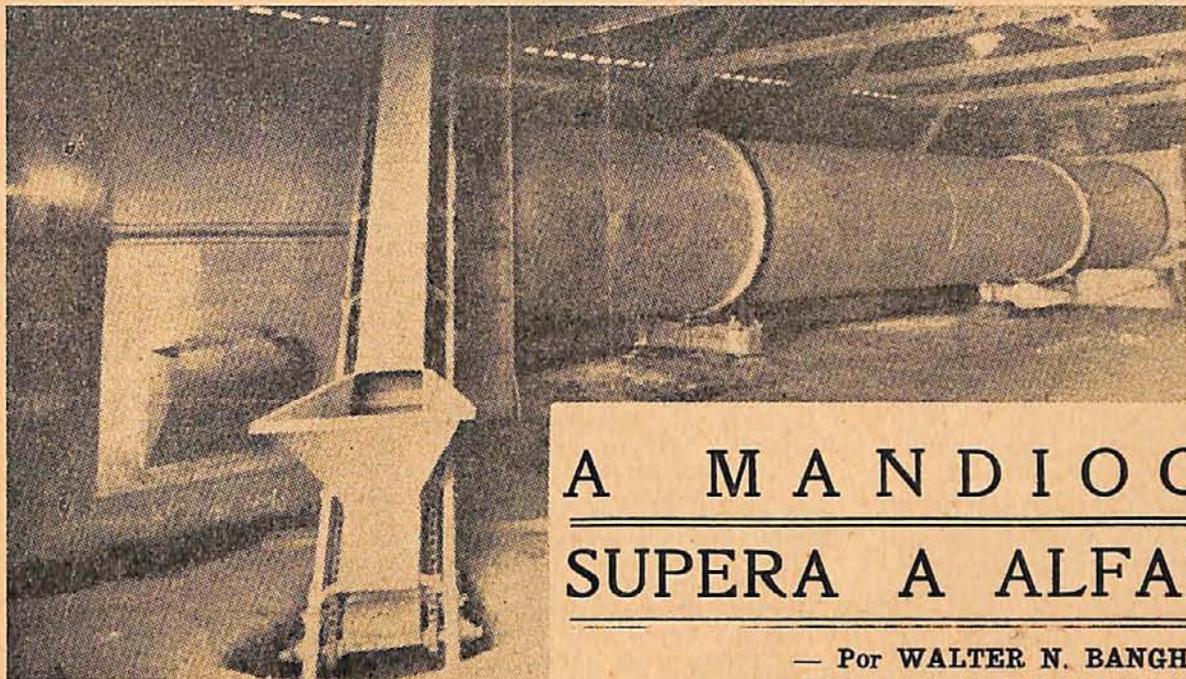
A cauda é bem inserida no corpo, não inclinada. É de comprimento médio, não alcançando o chão. Acaba numa vassoura preta e abundante. Vassoura branca é condenada.

O ubere é bem simétrico e avança para o umbigo, mas ligeiramente deficiente do lado de traz. As tetas dianteiras são maiores que as trazeiras. As veias do leite são salientes.

A pele é macia, flexível e tem pelos finos e lustrosos. O escudo é saliente nos espécimes bons leiteiros, nestes subindo bastante.

O temperamento do Guzerá é enérgico e vigoroso, ficando nervoso e excitado com a presença de estranhos.

Todos os pontos de desclassificação do Guzerá estão mencionados na descrição acima.



A MANDIOCA SUPERA A ALFAFA

— Por WALTER N. BANGHAM —

Transcrito, data vênica, d'A FAZENDA — N. Y.

O país costarricense, com seus férteis solos vulcânicos nunca pôde contar com excedentes de cereais, ou seus resíduos, para a alimentação dos animais. A agricultura, na sua maior parte ainda hoje praticada com aparelhos e ferramentas manuais e obstaculizada por meios inadequados de transporte, tem sido insuficiente, e frequentemente é preciso importar cereais e feijão para satisfazer às exigências da nutrição humana.

Ao gado e às aves nada mais ficava que o grão que se avariava durante o transporte, ou que era atacado pelos insetos durante o período de armazenamento. Mas, mesmo estes cereais de qualidade inferior eram escassos e resultavam caros, ao ponto dos criadores que possuíam rebanhos bem criados verem-se obrigados a administrar-lhes concentrados importados muito caros.

Os proprietários de gado vacum, da mesma forma que em muitos outros países em situação idêntica, mantinham seus rebanhos de boa raça Jersey, Guernesey, Holstein ou Brown Swiss nas elevadas pendentes dos picos vulcânicos. Nessas regiões, a succulenta erva que crescia durante os meses de chuvas frequentes, contribuía para conservar o gado em excelentes condições. Porém, quase sempre em regiões de clima apropriado, o espaço é limitado

A grande humidade das folhas é absorvida, rapidamente pela desidratadora Tobin, que se vê acima.

Em geral, as descobertas revolucionárias tanto no ramo da agricultura, como no da nutrição animal, e outras, impõe a necessidade de imporlar e adaptar novas espécies de plantas ou de equipamento para o seu processamento industrial. Isso não se dá, contudo, no caso da mandioca, que, sendo uma planta nativa e disseminada no Brasil, acha-se facilmente disponível para o consumo.

Pois bem; uma descoberta recente revelou ser a mandioca a planta que contém os valores nutritivos mais elevados até hoje encontrados em qualquer cultivo vegetal. E os talos e as folhas cozidos e suplementados pela raiz (aipim ou macaxeira como é conhecida nas diversas regiões brasileiras), supre aos humanos a proteína, os minerais e as vitaminas essenciais a uma dieta bem equilibrada.

Por outro lado é, também, excelente alimento para o gado. Os criadores brasileiros certamente não desconhecem o valor nutritivo das folhas como alimento para os animais, mas talvez não saibam que o material das folhas, depois de seco e moído, quando misturado à farinha de mandioca, constitui uma ração altamente nutritiva para vacuns, porcos e aves.

Portanto, não só os humanos, como os animais, podem ser altamente beneficiados pelo consumo das raízes e das folhas, e isso a um custo muito moderado. Quando não iremos

lamentar, nos próximos anos, a prática de nos desfazermos, sem consideração alguma, daquilo que até agora considerávamos refugio e que teria suprido alimento a tanta gente!

Essa descoberta notável surgiu do fato de haverem, os peritos em nutrição, reparado nas boas condições físicas de uma tribo javanesa que parecia alimentar-se apenas da raiz da mandioca, ou aipim. Após uma investigação cuidadosa verificaram eles que a tribo suplementava sua alimentação com as folhas da mesma planta. Assim tiveram início os estudos para se julgar do valor alimentício da mandioca.

Muito recentemente nos chegaram às mãos os primeiros relatórios dos Laboratórios de Nutrição do Instituto de Tecnologia de Massachussets, acompanhados de uma análise comparativa da mandioca e outros legumes e frutas comuns em Honduras. As folhas de mandioca se destacavam nessa lista quanto ao conteúdo de proteínas, minerais e vitaminas. O conteúdo de proteína nas folhas e nos talos, depois de secados num desidratador, como ração para o gado, era superior ao da alfafa de alta qualidade. O conteúdo de ácido ascórbico, era surpreendentemente mais elevado que o dos citrus e das pimentas ou pimentões. O cálcio e o fósforo apresentavam um conteúdo excepcional; e de carotina contém mais do dobro do conteúdo da alfafa.

e ao apresentarem-se os meses de seca escasseavam as plantas forrageiras e a produção leiteira decaía.

As rações importadas raras vezes podiam ser obtidas em quantidade suficiente para manter os rebanhos em produtividade constante. E as crianças sofriam ano após ano, pelo abastecimento insuficiente de leite que se fazia sentir ao começar a época das secas.

Em 1946, Mr. P. L. Wilson, um norte-americano que se tinha dedicado à fabricação de maquinaria para moagem, ao fazer uma viagem de férias à Costa Rica ficou surpreendido ao ver que os criadores de tão próspero e fértil país outro remédio não restava senão acudir a fontes estrangeiras em busca de concentrados protéicos, inclusive subprodutos de cereais.

Assombrado ficou, também, ao ver como se desperdiçavam os grãos da própria safra local, por carência de meios para secá-los e armazená-los. Indiscutivelmente, estas condições ofereciam uma oportunidade para a fundação de uma nova indústria, capaz de reduzir os custos da alimentação em Costa Rica, e ao mesmo tempo produzir bons lucros. Mr. Wilson, com os profundos conhecimentos de que dispõe em maquinaria, sabia muito bem aquilo que delas poderia esperar. Não viu nos fatores de clima, locais, por difíceis que fossem, impecilhos à operação lucrativa de máquinas desidratadoras. Tinha a certeza de que a secagem dos cereais e forragens do país, rações de excelentes propriedades alimentícias, poderiam ser obtidas em todo sentido às que se vinham importando dos Estados Unidos, e produzidas a um preço bastante inferior. Em vista disso, o criador do planalto teria uma nova fonte segura de rações ricas em proteínas e vitaminas em que confiar e as crianças do país contariam com abundância de leite de boa qualidade, em todas as estações do ano.

A nova indústria

O Governo de Costa Rica, compartilhando do entusiasmo de Mr. Wilson pelas possibilidades desta nova indústria da qual tanto necessitava a nação, autorizou o Congresso a fazer certas concessões por um período de 20 anos à nova organização chefiada pelo Sr. Wilson, a qual registrou-se sob o nome de American Industries Inc. Este apóio oficial era de importância vital para a nova empresa.

Uma vez organizada, esta adquiriu 1.200 hectares de terreno no sopé da montanha do vulcão de Turrialba.

A Estrada de Ferro do Norte, passando pela propriedade, proporcionava excelente transporte ao principal porto de mar dessa zona, Puerto Limón, e à capital, San José. Esta última, e Cartago, na mesma linha de estrada de ferro, constituem os principais pontos de distribuição de alimento para o gado leiteiro, e a propriedade ficava a apenas 100 quilômetros destes importantes centros.

O terreno de marga vulcânica, friável e fértil, constante de muitos terraços relativamente nivelados, adequados à agricultura mecanizada, não havia sido previamente preparado para esse tipo de cultivo. Nêle havia sido cultivada a banana, até que a doença "Panamá" contaminou o solo que também fora famoso como produtor de milho, quando cultivado pelo sistema "milpa". Um dos fatores que atraiu a preferência do Sr. Wilson para esse local, foi o fato de ser aí possível o cultivo o ano inteiro. Os 432 cm anuais de precipitação pluvial não eram distribuídos com uniformidade, mas em compensação não havia longos períodos do ano sem chuva adequada para alimentar o milho, a mandioca e o sorgo, cultivado pelo Sr. Joseph Fennel no Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, situado nas vizinhanças. A elevação de cerca de 125 metros não permitia inundações frequentes e, por se achar junto ao vulcão de Turrialba, as temperaturas noturnas eram sempre amenas.

Porém, necessário era contar com uma produção ininterrupta para justificar as despesas de instalação de desidratadoras e moedoras. Um tal programa de trabalho só era possível, em Costa Rica, no litoral do Caribe, pois as regiões agrícolas das planícies e da costa do Pacífico viam-se prejudicadas pelos cinco ou mais meses de seca durante o ano.

A novel organização, ao dar início aos trabalhos teve que enfrentar, primeiramente, o problema de limpeza do terreno, de forma adequada a permitir a mecanização do cultivo. As duríssimas árvores de Amêndoas, as corpulentas Sumaúmas, os inúmeros penhascos punham a prova até os mais possantes "bulldozers". Por sorte havia a mão um implemento que fora empregado nos Estados Unidos para remover e afastar obstáculos em campos de aterrissa-

gem e outras construções durante a última guerra, o qual foi aproveitado com grande utilidade nesse penoso trabalho. Nada mais era que um guincho Evans que obtinha sua força motriz de um trator agrícola comum, mas podia afastar os gigantes da floresta em rápida sequência. Essa pequena máquina arrancava as árvores com todas as raízes e deixava o chão inteiramente livre de obstáculo à cultura.

Depois da limpeza original do terreno, e conseqüente aração com um poderoso trator e arados de discos pesados, o trator agrícola com rodas de borracha entrou em ação, e ficou mais uma vez comprovado o grande valor dessas máquinas no cultivo, na colheita e no transporte das safras. Ocasionalmente havia em que as máquinas podiam acelerar o trabalho funcionando 16 horas por dia, com duas turmas. A colheita das espigas de sorgo no estado de maturação adequada requeria, principalmente, urgência. Embora essa safra adapte-se ao clima úmido da zona, as espigas maduras devem ser rapidamente secadas para que não apareça o mofo. As facilidades necessárias à secagem do sorgo plantado em uma área extensa raramente são encontradas, antes que a maior parte da safra mofo. Portanto, o desidratador Tobim que foi instalado pela American Industries, Inc., com uma capacidade calculada em 60 toneladas de espigas de sorgo por dia, oferecia uma solução permanente ao problema de secagem. Chuvas torrenciais no início de 1950, contudo, causaram um grande estrago nos campos de sorgo, razão pela qual atualmente esta planta está sendo cultivada em plano experimental.

O milho, tanto em espiga como debulhado, foi secado com sucesso pela referida desidratadora. A nova instalação conseguiu, ademais, salvar as safras de muitos agricultores vizinhos durante as inundações ou quando a carência de meios secadores suficientes as punha em perigo. O milho foi secado numa porcentagem de umidade até 12%, ou menos. Deste modo exterminaram-se todos os insetos e as infestações de mofo e obteve-se um produto apto para aguentar os transportes e a armazenagem, por espaço de vários meses, sem que se deteriorasse. Parte do milho foi debulhado e vendido para o consumo humano e o resto triturado com sabugo e tudo para alimentação do gado vacum.

Utilização da mandioca

O cultivo fundamental da nova empresa foi a mandioca, a qual crescia muito bem na região e produzia safras abundantes que podiam ser colhidas o ano inteiro. Quando chegou a primeira remessa de mandioca à instalação, a pericia do Sr. Wilson, no que respeita a máquinas moedoras, foi posta a prova. Este senhor, abandonando os costumes seguidos no preparo da farinha do tubérculo em apreço fazia com que esse fosse transportado ao moinho onde, uma vez lavado para a retirada da terra, desintegrado e alimentado à desidratadora à razão de 2 2/4 de tonelada de mandioca molhada por hora, era passado pela secadora e resultava em uma tonelada de farinha. Neste ponto a farinha secada pode ser utilizada no preparo de rações para o gado e aves. Por conter 82% de hidrato de carbono, resulta em uma base muito valiosa para tais rações. Não obstante, o emprêgo de uma peneira Richmond Gyro-Whip possibilitou o preparo de produtos de melhor qualidade, entre eles uma farinha suficientemente branca para ser usada em misturas com farinha de trigo e dar pão de excelentes propriedades alimentícias.

Côncio da importância de que se revestia a utilização dos desperdícios, o Sr. Wilson, sabia, ademais, que os lucros de muitos estabelecimentos moedores dependem da habilidade com que são aproveitados. Quando descobriu que algumas rês pastavam as folhas e os talos novos da mandioca, com manifesto gosto e sem efeitos prejudiciais, viu nêles um subproduto de possível utilização. Longe estava de compreender, então, o extraordinário valor alimentício das folhas da mandioca, e de saber que no futuro essa planta seria cultivada pela utilidade de suas folhas, tornando-se as conhecidas raízes num subproduto, no que respeita à alimentação animal.

Ensaios de laboratório

A primeira farinha feita de folhas de mandioca arrancadas a mão foi analisada em um laboratório, revelando-se superior em conteúdo de carotina e proteína, à folha da alfafa. Mesmo quando as plantas maduras foram arrancadas inteiras e secadas, a farinha produzida continha 15,7% de proteína, equivalente à de alfafa. O conteúdo de fibra da farinha de mandioca



A farinha fina, que resulta da desidratação da mandioca, dá um produto sumamente refinado, quando passada pelas peneiras de uma Niagara Gyro-Whip.

resultou ainda menor que o da alfafa, embora sua quantidade de proteína venha a ser igual. Ademais, a da mandioca continha o dôbro de carotina. Pelo que se vê, durante muitas gerações os plantadores de mandioca vinham se descartando, por inútil, de uma matéria prima que se acha dotada de maior valor alimentício (quando seca) que a própria alfafa que vinha sendo importada pelos criadores vizinhos, a um preço elevado. Como se explica tamanho descuido?

A literatura sôbre a alimen-

tação dos animais tem pouco que oferecer no tocante às propriedades nutritivas da mandioca. O curioso é que existem dados referentes ao uso das folhas desta planta no consumo humano. Eis um trecho extraído do "The Scientific Monthly", Volume LXVI, N.º 1 pp. 70-72, janeiro de 1948, Washington, D.C., intitulado "Experience in Their Laboratory" (A experiência é seu laboratório):

"Uma região de Java, densamente povoada, nos fornece o exemplo. Na referida região, devido à pobreza do terreno, os

CONTEÛDO DE 100 GRAMAS DE FÓLHAS FRESCAS

	Fóllhas de mandioca	Fóllhas de acelga	Repolho	Espinafre N. Zelândia
Umidade	g 96,70	90,6	90,7	90,3
Extrato de éter	" 3,02	0,52	0,20	0,56
Fibra crua	" 2,30	0,80	0,90	0,80
Nitrogênio	" 1,69	0,481	0,370	0,426
Cinzas	" 2,45	0,97	0,83	2,27
Cálcio	mg 292,200	77,40	47,8	120,10
Fósforo	" 113,100	49,30	43,9	26,90
Ferro	" 8,080	2,72	0,58	5,49
Carotina	" 6,520	3,020	,004	,041
Tiamina	" ,272	,108	,052	,096
Riboflavina	" ,425	,281	,048	,174
Niacina	" 3,500	,599	,335	,402
Ácido Ascórbico (total)	320,500	42,50	53,00	53,800

Estes dados foram fornecidos pela "Composition of Food Plants of Central America": I. Honduras, por Hazel E. Munsell, Louis O. Williams, Luois P. Child, Cynthia B. Troescher, Gertrude Nightingale e Robert Harris, "Food Research", 1949: Vol. 14, N.º 2, páginas 144-146.

moradores cultivam extensamente a mandioca: seu regime alimentar consiste quase exclusivamente de raízes desta planta, o que para eles constitui uma alimentação excessivamente carboidratada. Os resultados de uma pesquisa médica indicaram que essa gente não se achava desproporcionalmente gorda. Entretanto, parecia muito provável que, devido à tão simples dieta, de algum modo se manifestassem deficiências. Porém tal não aconteceu e a razão é interessante: uma pesquisa conscienciosa demonstrou que as folhas da mandioca consumida diariamente como "verdura" continham 8% de proteína, 5.000 Unidades Internacionais de vitamina A e de 50 a 100 Unidades Internacionais de vitamina B. Esta observação é de enorme importância científica, pôsto indicar a digestibilidade das proteínas vegetais quer sejam sós, ou em combinação com outros. Não só do ponto de vista médico, como do econômico-agrícola, estes estudos contribuíram em grande forma para a resolução dos problemas da alimentação de grupos de populações em outras partes dos países tropicais. Da mesma forma, podem resultar benefícios à nossa civilização ocidental, onde todos os anos se apresentam problemas de alimentação e nutrição.

É interessante observar que a farinha desidratada das folhas de mandioca, produzida em Costa Rica, na fábrica desidratadora, continha 22 a 25% de proteínas e mais de 300.000 Unidades Internacionais de vitamina A, por libra. Esta farinha desidratada e concentrada requer mais de 6 libras de folhas verdes para produzir uma de farinha; porém, é evidente que as folhas de mandioca que se obtêm nos terrenos ricos possuem muito mais vitamina A e proteína do que as de Java, anteriormente mencionadas.

Mais recentemente foi levado a efeito um estudo das plantas alimentícias de Honduras (Composition of Food Plants of Central America) I, Honduras; por Hazel E. Munsell, Louis O. Williams, Louise P. Child, Cynthia B. Troescher, Gertrude Nightingale e Robert S. Harris, "Food Research" de 1949, Vol. 14, n.º 2) no qual se inclui uma análise que este grupo de pesquisadores obteve das folhas desta planta e de outras bem conhecidas hortaliças que se cultivam em uma zona semelhante. Nos elementos alimentícios essenciais, que com tanta frequência escasseiam ou faltam na alimen-



SEMENTES

E TODOS OS ARTIGOS PARA E
DA LAVOURA

—«O»—

Peçam catálogo ilustrado gratis

DIERBERGER AGRO COMERCIAL LTDA.

RUA LIBERO BADARÓ, 499-501

Caixa Postal, 458 — SÃO PAULO

tação, tais como cálcio, fósforo e todo o grupo vitamínico, vemos que as folhas de mandioca são muito superiores às das outras verduras. Agora nos é fácil compreender o motivo pelo qual os moradores da referida aldeia javanesa, que reforçavam seu regime alimentar de raiz de mandioca, com as folhas da mesma, não apresentavam deficiências alimentares. O Dr. Munsell e colaboradores, no folheto acima referido, fizeram os seguintes comentários a respeito das folhas desta planta: "Folha da *mandioca branca*. Não temos informação de que as folhas da mandioca sejam consumidas na América Central, como alimento. Em todo caso, não deveriam ser usadas sem cozinhar, devido ao elemento tóxico que contém."

A mandioca venenosa não é cultivada em Costa Rica e um agricultor deste país informou que quando a variedade venenosa "amarga" foi importada da Jamaica para Costa Rica, ao novo ambiente não produziu as substâncias venenosas. Certamente a farinha de folha de mandioca e a elaboração da planta toda resulta em um alimento muito gostoso para os animais, como ficou comprovado quando empregadas como ingrediente em uma mistura de ração para vacuns leiteiros, depois de haverem passado pela desidratadora de Tobim.

O material fresco, desintegrado, entra em contato direto com um sopro do ar aquecido a uma temperatura aproximada de 370°C. É de supor que esta

temperatura elevada chegue a volatilizar as substâncias tóxicas que as variedades de mandioca venenosa possam apresentar, porém, em virtude dessas variedades serem desconhecidas em Costa Rica, não se apresentou ocasião para a verificação de semelhante suposição.

O grande valor nutritivo das folhas de mandioca fresca conserva-se em alto grau depois de haver passado pela desidratadora. Quando ficar mais definitivamente comprovada a importância destes fatores nutritivos para o ser humano, permitir-se-á que estas folhas, desidratadas, sejam só empregadas no alimento concentrado para o gado vacum? Não resta dúvida que a alimentação humana de toda a zona em que se cultiva e colhe a mandioca carece, lamentavelmente, dos elementos nutritivos que, em tanta abundância, estas folhas encerram. Espera-se, pois, que a mão de um elaborador de alimentos ou de um economista doméstico preserve e utilize estes elementos alimentícios de forma a que os torne agradáveis ao paladar e que os médicos e divulgadores da agricultura se encarreguem da publicidade dos seus valores.

Esta elaboração de um produto agrícola que vinha sendo desperdiçado de um dos principais cultivos dos climas temperados, constitui um triunfo na aplicação de princípios quimiúrgicos equiparáveis aos grandes progressos levados a cabo neste ramo, nos Estados Unidos.

A Cultura do Tungue no País

CRESCENTE A PRODUÇÃO DESSA OLEAGINOSA

Entre as apurações finais que alcançam o ano de 1948, apresentadas pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura, encontra-se a referente ao volume e valor da produção de tungue.

Indicam os algarismos divulgados que, neste particular, as culturas vêm sendo ampliadas progressivamente no país. Em 1944 eram utilizados 3.804 hectares, em 1948, foram cultivados 10.767. Nos dois últimos anos, o aumento da área correspondeu a 1.581 hectares.

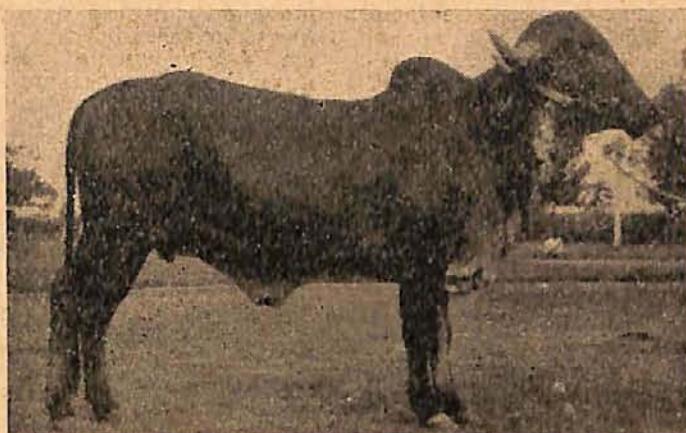
A produção alcançada experimentalmente, de ano para ano, acléscimos substanciais. Em 1944, obtiveram-se 2.878 toneladas de sementes de tungue; em 1947, foram produzidas 11.330 e, em 1948, o total atingiu a 13.566 toneladas.

Como se sabe, o tradicional centro abastecedor de tungue e óleo de tungue é a China, que possui as maiores reservas nativas de sementes. Estabeleceu-se, há tempos, séria concorrência entre a oiticica brasileira e o tungue chinês, ambos muito utilizados nas indústrias de tintas e vernizes. O aumento da produção brasileira de tungue vem aparelhar o país para, de futuro, entrar vantajosamente no mercado internacional de óleos; o volume atual não atende ainda mesmo às necessidades do consumo interno.

Destaca-se como produtor de sementes de tungue o Estado do Paraná, onde as quantidades obtidas vêm aumentando de forma notável: em 1944 colheram-se 615 toneladas; em 1948 atingiu-se o total de 10.013 toneladas. O número de pés frutificando passou, em idêntico período, de 107.175 a 1.316.300. São Paulo e Rio Grande do Sul cultivam também o tungue em escala considerável. Nota-se, entretanto, nas duas grandes Unidades da Federação, certo estacionamento dessa lavoura.

GADO GYR

A CRIAÇÃO IDEAL PARA OS TRÓPICOS. ECONÔMICO, ROBUSTO, PRECOCE, SÔBRIO, MAN-
SO E GRANDE PRODUTOR DE LEITE.



A soma de seus lucros poderá ser sempre aumentada si V. S. utilizar bons reprodutores em seus rebanhos. Para bem comprá-los, prefira-os da raça GYR, do Dr. Evaristo S. de Paula, cujo aprimoramento obedece a um trabalho metodizado e contínuo de mais de trinta anos.

UM SERVIÇO ORGANIZADO AS SUAS ORDENS PARA
REMESSA DE FOTOGRAFIAS E INFORMAÇÕES.

AV. ANTONIO OLINTO, 2
CURVELO — E. F. C. B. — MINAS
BRASIL

ÓLEO & ALHO

PRODUÇÃO DE ALHO NO BRASIL.

A produção nacional de alho, no ano passado, atingiu a 15.503.100 quilos. Segundo informa o Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura, foi aquela a maior quantidade produzida no país nos últimos cinco anos, com exceção de 1947, cujo volume atingiu 17.170.545 quilos, apenas.

PRODUÇÃO DE ÓLEO DE CÔCO

No ano de 1948 a quantidade de óleo de côco da praia, produzida no país, elevou-se a .. 1.343.124 quilos, no valor de Cr\$ 13.253.912,00 — segundo informa o Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura. Os Estados produtores foram Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, cabendo ao segundo o maior volume de produção.

Para o desenvolvimento da Pecuária Nacional

Aquisição de reprodutores e melhoria dos Plantéis — Facilidades para os criadores — Fomento da produção leiteira — Acôrdos e Exposições de Pecuária

Cumprindo as disposições e providências adotadas para o desenvolvimento dos diversos setores da pecuária nacional, de acôrdo com o programa organizado pelo Ministério da Agricultura, a Divisão do Fomento da Produção Animal, no último triênio adquiriu, no estrangeiro e no país, 3.650 reprodutores, de ambos os sexos, de diferentes espécies e raças, bem assim 11.445 pintos de um dia. Para a melhoria dos rebanhos, foram importados 1.011 animais procedentes da Europa, dos Estados Unidos e da Argentina.

RENOVAÇÃO E MELHORIA DOS PLANTEIS

A compra de 2.639 animais, no país, na maioria gado indiano (1.336 reprodutores) das raças Indubrasil, Gyr, Nelore e Guzerá, e que foram distribuídos pelos diversos estabelecimentos zootécnicos do Ministério, possibilitou a renovação dos plantéis e a revenda aos criadores das várias regiões, a preço de custo e pagamento em prestações. Essas providências concorreram para o descongestionamento dos rebanhos e a multiplicação dos animais nos mencionados estabelecimentos.

Dispendeu o Fomento animal a quantia de Cr\$ 29.538.781,50 com as compras de gado.

Atualmente, a referida Divisão conta com o seguinte acêrvo: bovinos — 6.778; equinos — 792; suínos — 919; ovinos — 2.242; asininos — 160 e 46 búfalos.

GADO PARA O CORTE

Estão sendo efetuadas duas experiências da maior importância para a produção e fixação de um tipo de gado de corte, adaptáveis ao meio tropical e subtropical, apurando-se as qualidades do rendimento do gado europeu com a rusticidade do zebú. Esses trabalhos são realizados à base do Charolês e do Polled-Angus, respectivamente com o Indubrasil e o Nelore.

ASSISTENCIA AOS CRIADORES

Visando crescentes benefícios aos criadores, o Governo está estimulando e auxiliando as importações de gado de raça, promove empréstimos de reprodutores aos fazendeiros e mantém em funcionamento cêrca de duas mil estações de monta provisória nas fazendas de particulares.

O orçamento do Ministério destinou, no passado exercício a importância de Cr\$ 11.500.000 para a compra de reprodutores, dando Cr\$ 10.000.000,00 para a Divisão de Fomento da Produção Animal e Cr\$ 1.500.000,00 para o Instituto de Zootécnia.

FACILIDADES PARA O COMERCIO INTERNO

A fim de facilitar as atividades

XVIIª EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS

Conforme já noticiamos em nossa última edição, a XVIIª Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados foi transferida para a data próxima de 21 de Outubro.

O grande certame nacional que contará com representações de Minas, S. Paulo, Goiás, Estado do Rio, Espírito Santo, Baía e Rio Grande, terá lugar no Parque da Gamelleira, em Belo Horizonte e está despertando o maior interesse nos meios criatórios nacionais, principalmente entre os criadores de gado fino das Raças de Origem Indiana, os quais terão o seu primeiro ensejo de aquilatar, no âmbito nacional, o grande prestígio que as mesmas já adquiriram após os surtos regionais de reabilitação verificados em várias unidades da federação.

des do comércio interno de reprodutores, adotou-se um plano de compra e venda numa escala mais elevada, concedendo-se aos criadores, um abatimento de cinquenta por cento nos fretes das Estradas de Ferro da União ou por ela arrendadas. Nos transportes marítimos e por via férrea foram empregados Cr\$ 400.000,00.

O transporte de gado vem sendo realizado com facilidade e rapidez para os diversos Estados. Com a instalação de um Posto de Estacionamento de Reprodutores em Pirapora e o serviço de condução estabelecida em chata-curral, no S. Francisco, tornou-se maior o movimento de transporte para os animais destinados ao norte de Minas, Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauí.

FOMENTO A PRODUÇÃO LEITEIRA

O Ministério importou do estrangeiro 412 reprodutores e comprou 220 das raças Holandêsa, Schwyz, Grennsey e Jersey, que se destinam à melhoria do fomento da produção leiteira.

ACÔRDOS E EXPOSIÇÕES

A renovação dos "Acôrdos" entre o Governo Federal e os dos Estados de Minas Gerais e São Paulo, assegura a continuidade da realização das Exposições Nacionais. Para o desenvolvimento desses certames foram celebrados novos acôrdos com os Estados de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Mato Grosso e Goiás, com auxílios de cem mil cruzeiros a cada um.

Mediante contratos com 18 associações de classe e a título de auxílio financeiro para o desenvolvimento de Registros Genealógicos, o Ministério empregou a importância de Cr\$ 1.000.000,00 nos três últimos exercícios.

Temperatura dos Animais

O fato de o organismo animal ser um complexo, cujas funções têm relação entre si, explica o desenvolvimento de sintomas gerais, quando há qualquer afecção no corpo. Assim, quando uma doença se instala, há aparecimento de sintomas, alguns aparentes, como modificação do ritmo respiratório, alteração dos batimentos cardíacos, a língua torna-se seca; além disso, há também modificações da secreção urinária, que se torna menos abundante.

Ao lado destes sintomas, o que aparece com maior frequência quando há alguma perturbação orgânica, é a febre, geralmente de origem tóxica. A febre compreende três variedades, dependendo se há penetração no organismo de substâncias tóxicas, de uma auto-intoxicação ou de uma infecção. A primeira modalidade de febre aparece quando injetamos no animal, por via intramuscular ou subcutânea, certas substâncias com o intuito de provocar uma elevação de temperatura, como, por exemplo, quando se injeta leite (galactoterapia) em uma ave, no caso de laringites, etc.. A segunda modalidade aparece nos animais submetidos a caminhadas longas, como também devido a perturbações digestivas, a reabsorção de exsudatos sanguíneos em consequência de traumatismos, etc. Finalmente, a terceira modalidade, isto é, a febre por intoxicação microbiana, é a mais importante.

A febre é uma reação benéfica do organismo. Portanto, quando aparece, devemos recelar uma infecção. Deve-se levar em consideração, entretanto, que as infecções mais graves e mais rapidamente mortais abaixam a temperatura. Também nos casos em que o fígado é profundamente atingido pelas moléstias, a febre pode faltar. Assim, na icterícia grave, há mesmo abaixamento da temperatura. Nas afecções renais observa-se fenômeno semelhante. A gem de maneira diversa, isto é, aumentando a temperatura, certas lesões pulmonares.

Feitas estas considerações preliminares sobre o significado da temperatura dos animais, estudaremos os processos utilizados para o reconhecimento da febre nos mesmos.

VITÓRIO CODO

Prof. de Anatomia e Filosofia da ESAV.

É um processo empírico e muito suscetível de erro, e que alguns dos nossos criadores empregam para determinar a febre, nos bovinos, colocando a palma de uma das mãos na base do chifre, ou na base da orelha, nos equídeos. Isto possui o inconveniente de não só não ser preciso, como também porque a temperatura da mão varia conforme o indivíduo. Além disso, não interessa determinar a temperatura da pele e sim a temperatura interna do organismo.

Nos bovinos há um sintoma de elevação térmica quando o focinho destes animais, normalmente úmido, aparece seco.

O melhor processo, e o mais significativo, é por meio de termômetros. Qualquer termômetro pode ser empregado para este fim. Há termômetros chamados veterinários, cuja diferença exclusiva para os usados para o homem é do seu calibre maior, cuja finalidade é dar-lhe maior resistência. Além disso, os termômetros usados em medicina veterinária devem possuir graduações até mais ou menos 45 graus centígrados, pois há animais, como certas aves, cuja temperatura atinge a 44 graus centígrados, de maneira que, se tivermos de determinar a temperatura destas aves, não poderíamos usar um termômetro clínico de uso corrente, pois o instrumento estouraria com a elevação da coluna de mercúrio.

O local escolhido para se determinar a temperatura dos animais é o reto, e, nas fêmeas, usa-se também a vagina, embora com menor frequência, por que, caso o animal esteja no período de cio, a temperatura aumenta um pouco. Uma causa de erro é quando há inflamações do reto ou irritações nesta região. É preciso que o termômetro fique em contato com a mucosa do reto e não no meio do bôlo fecal, pois que, conforme podemos imaginar, as fezes têm que possuir temperatura inferior à da mucosa.

CONTENÇÃO DOS ANIMAIS PARA O EXAME

Os equídeos devem ser amar-

rados pelo cabresto e um auxiliar, erguendo uma das patas anteriores do animal, evita que este coiceie o cidadão que for colocar o termômetro. Após lubrificando o aparelho, chegando-se perto do animal, vagarosamente para não excitá-lo, eleva-se a cauda do examinado e coloca-se, através do ânus, o termômetro, que deve penetrar de 8 a 10 centímetros. É preciso atenção para que o animal não expulse o aparelho. Deve-se deixá-lo uns cinco minutos no reto. Decorrido este tempo, retira-se o instrumento e efetua-se a leitura. Para um resultado mais exato, após feita a primeira leitura, baixar a coluna de mercúrio e introduzir novamente o aparelho, deixando-o mais cinco minutos, para retificação.

Um cuidado indispensável é, toda vez que se for utilizar o termômetro, verificar a coluna de mercúrio, pois que poderá estar elevada e, deste modo, dar-nos um resultado falso.

Para os bovinos, os cuidados são os mesmos descritos para os equídeos, só que os meios de contenção podem diferir, conforme se tratar de animal manso, ou não. É preciso, todavia, evitar de todo modo excitações dos animais, o que viria aumentar a temperatura.

Para os pequenos animais, não há dificuldade para contê-los, principalmente quando estão doentes.

Sempre que se utilizar o termômetro, deve-se ter o cuidado de desinfetá-lo, medida útil para evitar a transmissão de moléstias.

A temperatura dos animais, normalmente, varia com a hora do dia, ou da noite. A mínima obtém-se nas primeiras horas da madrugada e a máxima, nas últimas da tarde. Esta diferença pode atingir 1,5 graus centígrado.

É raro observar-se elevação de temperatura acima de 43° centígrados, entre os mamíferos. Há, entretanto, exceções. No tétano, a temperatura pode elevar-se a 44° centígrados, antes da morte, e ainda mais, após esta.

CAUSAS QUE FAZEM VARIAR A TEMPERATURA NORMAL.

Nas fêmeas, em estado de

SALGA HUMIDA DA CARNE

J. BIFÔNO - Médico Veterinário

Em determinadas contingências a salga da carne bovina pelo emprêgo de uma salmoura pode representar um processo de conservação dos mais interessantes, fácil e barato. Sua aplicação, nas propriedades rurais e mesmo nas grandes fazendas, será realmente útil, pois permite quebrar o costume quase exclusivo de carne de porco e aves, decorrente da dificuldade em geral existente em dar vazão, num curto prazo, a todo o volume de carne obtido, ainda que se trate de um único bovino sa-

crificado. Surge nesses casos um verdadeiro problema quando uma rês, vítima de um acidente qualquer, deve ser aproveitada, sem maior desperdício.

A salga por via úmida exige uma salmoura corretamente preparada, pelo emprêgo de um sal de cozinha limpo e bom, isento de impurezas, contendo no mínimo 9-97% em cloreto de sódio. O sal é dissolvido em água potável, em água ainda quente; assim, facilmente e por simples agitação, a sodubilização será perfeita. A mis-

tura permanecerá em repouso, até que esfrie completamente, quando está pronta para o uso. A composição da salmoura pode ser a seguinte:

sal	2,300 kg.
açúcar (mascavo de preferência)	0,600 kg.
salitre	0,500 kg.
água	100 litros

Os cortes ou blocos de carne, desossados e pesados, são postos em recipientes (tanques, barricas, etc.) perfeitamente limpos, sem cheiro, preliminarmente tratados por água fervente, e colocados em local fresco e ventilado, ao abrigo do sol direito, uma vez que é preciso contar com uma temperatura tanto quanto possível amena e uniforme, capaz de conter o início de processos fermentativos no centro da carne, até que o sal cheque a atuar no seu interior.

A salmoura, fria, como ficou dito, é lançada sobre a carne, na proporção de um litro para cada quilo de carne, convindo sempre verificar se toda a carne ficou recoberta pela solução salina, de modo que nenhuma superfície escape à sua ação.

Para que seja conseguida uma cura uniforme, sete dias depois a carne tem de ser movimentada, mudando-se obrigatoriamente a posição dos cortes ou blocos para recobri-los a seguir com uma salmoura nova, principalmente se a primitiva se mostra alterada, azeda ou viscosa. Ao atingir o 15º dia de cura, o material será ainda uma vez movimentado e tratado por mais alguns dias (cinco, em média), por uma salmoura preparada na ocasião.

As carnes são afinal lavadas em água morna e depois em água fria, e penduradas até que escorra o excesso de líquido (24-48 horas) e armazenadas em recipiente rigorosamente limpo, tendo de permean camadas de sal novo e seco. Comumente são empregados 10 quilos de sal seco para cada 100 quilos de carne. Quando se pretenda uma conservação por muito tempo, convém, alguns dias depois, encher totalmente o recipiente com uma salmoura virgem.

Obtem-se, assim, por meio do sal, um período de conservação razoável, que, no entanto, fica sempre na dependência dos cuidados higiênicos dispensados à carne, desde o momento do sacrifício do animal ao desenvolvimento das diversas manipulações.

(Do «S.I.A.»)

gestação adiantada, há aumento de temperatura. Além disso, há variações de acordo com a raça, sexo, espécie, idade, hora do dia, refeições, trabalho físico, etc..

Dentro da mesma espécie, há u'a margem de oscilação de temperatura, que varia de um animal a outro.

Daremos abaixo um quadro com as temperaturas médias dos animais e sua oscilação normal. Conhecendo-se estas temperaturas, fácil tornar-se-á identificarmos uma elevação, ou abaixamento de temperatura, o que indica alteração no estado de saúde.

Podemos observar também nos animais, além da elevação da temperatura, uma queda, o que se denomina "hipotermia". Esta, quando atinge a menos de 36º centígrados, diz-se que o

animal está em colapso. As vezes, a queda da temperatura nada significa, como no caso de certas pneumonias, ao passo que em outros pode ser fatal.

RESUMO

O autor refere-se à utilidade do conhecimento que todo criador deve ter para determinação da temperatura dos animais, sinal de alarme de qualquer doença infecciosa.

Descreve o processo de contenção e as medidas a serem tomadas antes e durante o exame do animal, o qual não deve ser excitado, porque o sistema nervoso atua aumentando e temperature. Termina apresentando um quadro com a temperatura média dos animais domésticos e referindo-se à significação da hipotermia.

ANIMAIS	Margem de oscilação normal. Graus centígrados	Temperat. média. Graus centig.
Cavalo de mais de 5 anos	37.5 — 38.0	
Potro até 5 anos	37.5 — 38.5	38.0
Potro nos primeiros dias de vida	até 39.3	
Muar	37.5 — 38.5	
Bovino de mais de um ano	37.5 — 39.5	39.0
Bezerros até um ano	38.5 — 40.0	
Bezerros jovens	38.5 — 40.5	
Ovinos de mais de um ano	38.5 — 40.0	
Cordeiros até um ano	38.5 — 40.5	39.5
Caprinos de mais de um ano	38.5 — 40.5	
Caprinos até um ano	38.5 — 41.0	40.0
Suíno	38.0 — 40.0	
Leitão	39.0 — 40.5	39.5
Canino	37.5 — 39.0	38.5
Felino	38.0 — 39.5	39.0
Leporino	38.5 — 39.5	39.0
Cobaio	37.8 — 39.5	39.0
Aves, média geral	39.5 — 44.0	42.5
Frangos	40.5 — 42.0	41.0
Perus	40.0 — 41.5	40.5
Pombos	41.0 — 43.0	42.0
Paços	41.0 — 43.0	42.0
Gansos	40.0 — 41.0	40.5

Companhia Mogiana de Transportes

Séde: SÃO PAULO
Rua Boa Vista N.º 16 — 3.º Andar
Telefone: 3-4146 — Ramal 9

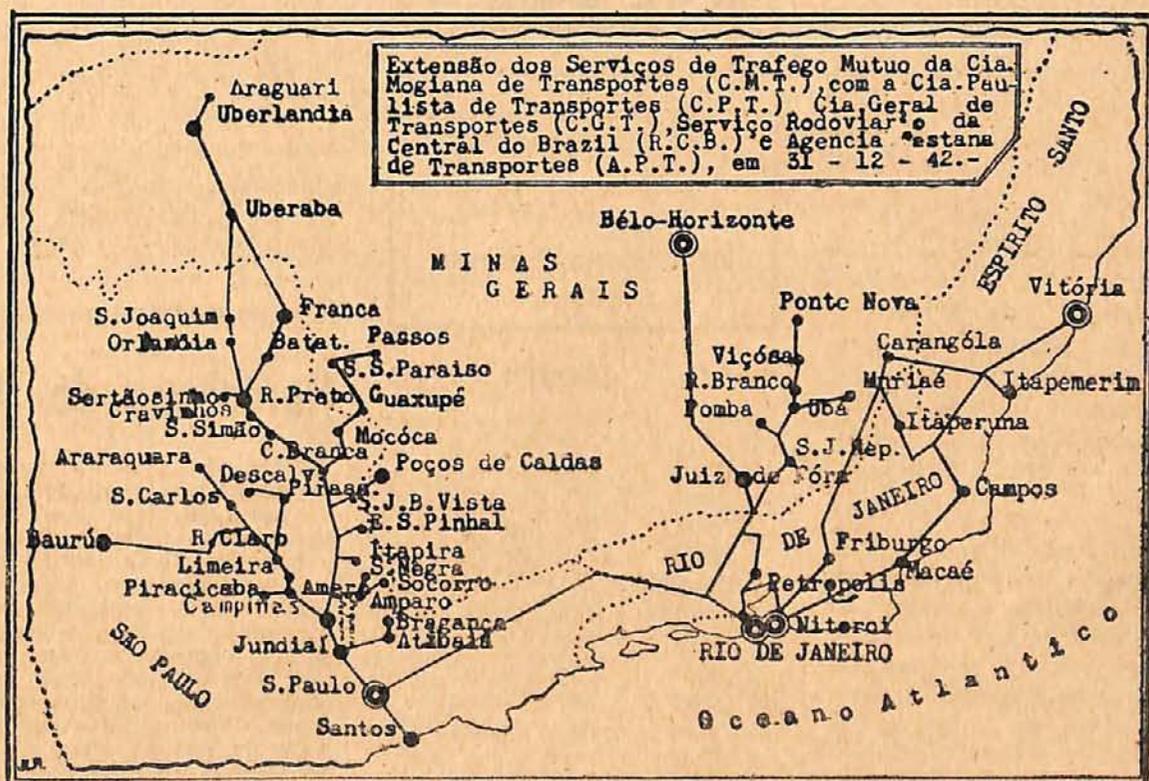
C. M. T.

Gerência: CAMPINAS
Av. Anchieta 43 (Prédio "Voga") 1.º and.
Telefone: 3808

REPRESENTANTE NO RIO DE JANEIRO — Escritório: RUA DO OUVIDOR, 50 1.º andar - FONE: 23-4668

Pedidos de coleta em S. Paulo, Fone: 3-2193 — Em Campinas, Fone: 2404

Transporte rápido, barato e seguro, de porta a porta, de São Paulo, Santos, Rio, às Agências da Companhia Mogiana e vice-versa, em tráfego mútuo com a Companhia Geral de Transportes (C. G. T.), Companhia Paulista de Transportes (C. P. T.), Serviço Rodoviário da Central do Brasil (R. C. B.) e Agência Pestana de Transportes Limitada (A. P. T.) e Tráfego direto próprio de e para Campinas com as mesmas Agências.



Agências abertas ao público em TRAFEGO MUTUO:

C. M. T.	C. P. T.	R. G. T.	A. P. T.
Campinas	São Joaquim	Campinas	Niterói
Coqueiros	Batatais	Piracicaba	Campos
Pedreira	Franca	Baurú	Carangola
Amparo	S. J. da Boa Vista	Limeira	D. Silvério
Socorro	Poços de Caldas	São Carlos	Friburgo
Serra Negra	Uberaba	Araraquara	Itapemerim
Itapira	Uberlândia	Descalvado	Itaperuna
E. S. do Pinhal	Araguari	Americana	Macacé e Murilé
Casa Branca	Prata	Pirassununga	Petrópolis
Mocóca	Huiutaba	Rio Claro	Pombal e P. Nova
São Simão	Tupaciguara		Rio Branco
Cravinhos	Monte Al. de Minas		S. J. Nepomuceno
Ribeirão Preto	Guaxupé		Ubá e Viçosa
Sertãozinho	S. S. Paraíso		Vitória
Orlandia	Passos		

Informações completas no Escritório da Gerência, em Campinas

AGOSTO

A LAVOURA DO MÊS

No NORTE do Brasil colhem-se algodão, arroz, amendoim, mandioca, milho, café, cacau e várias frutas; semeiam-se hortaliças; continua-se a roçar, queimar e encoivar as derrubadas feitas anteriormente. No fim do mês, começa-se a plantação de arroz, abóboras, cana de açúcar, feijão, batata doce e melancia.

No SUL continua-se a lavar e preparar as terras destinadas às plantações da primavera. Podem ser plantadas tôdas as qualidades de árvores frutíferas. Termina o corte de madeira para construção. Fazem-se enxertos de fenda e de aproximação.

A minguante deste mês é a melhor época para podar as vinhas. Podam-se também as plantas de folhagem caduca. As laranjeiras devem ser podadas antes deste mês, porque costumam entrar em brotação no princípio de Agosto.

Plantam-se estacas de oliveiras. Limpam-se árvores e destroem-se os insetos que as atacam. É o último mês da poda e também da muda das laranjeiras. Ainda se pode semear trigo, centeio, cevada, acelgas, ervilhas, lentilhas, favas, espargos, abóboras, beringelas, cenouras, couva, couve-flor, feijão, nabo, chicória, mengerona, mostarda, melancias, melões, pepinos, pimentas, pimentões, tomates.

Também se semeiam eucaliptos, casuarinas, acácias, ciprestes, pereiras, macieiras, pessegueiros, cinamomos, angico, cedro, ipê, louro, etc. Não se



FASES DA LUA

- 6 — Quarto Minguante
- 13 — Lua Nova
- 20 — Quarto Crescente
- 27 — Lua Cheia

31 Dias — AGOSTO — 1950

1 Terça	São Ivo
2 Quarta	São Afonso
3 Quinta	São Hermelo
4 Sexta	São Justino
5 Sábado	São Cassiano
6 Domingo	São Felicíssimo
7 Segunda	Sto. Alberto
8 Terça	São Ciríaco
9 Quarta	São Veriano
10 Quinta	Santa Donata
11 Sexta	Santa Susana
12 Sábado	Santa Clara, Claro
13 Domingo	Santa Aurora
14 Segunda	Sto. Atanásio
15 Terça	Ass. de N. Senhora
16 Quarta	São Joaquim
17 Quinta	Santa Emília
18 Sexta	São Agápito
19 Sábado	São Luiz Mariano
20 Domingo	São Bernardo
21 Segunda	Sto. Anastácio
22 Terça	São Felisberto
23 Quarta	São Benício
24 Quinta	Santa Aurea
25 Sexta	N. S. da Penha
26 Sábado	Santa Rosa
27 Domingo	São Jorge
28 Segunda	Sto. Agostinho
29 Terça	São Cândido
30 Quarta	São Gaudêncio
31 Quinta	Sto. Aristides

deve adiar para mais tarde a sementeira de árvores frutíferas, como pereiras, macieiras, pessegueiros, etc.

São dias próprios para cortar madeiras para construção: 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12.

Não se devem castrar animais do dia 13 até o dia 19.

Para plantar ou semear, são mais apropriados os dias seguintes: 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31.

Horóscopo do Mês

Tôdas as pessoas nascidas dentro deste período têm o Sol no signo de Virgo, tendo como governante o planeta Mercúrio.

Esta posição é mais favorável para as pessoas que agem como subordinadas, embora possam ter outras sob suas ordens. Favorece ocupações relacionadas com Mercúrio, tais como livros, contabilidade, escritos, propaganda, estudos, advocacia, etc. A mente fértil e ativa é capaz de receber uma boa educação. A pessoa é apta a executar qualquer trabalho mental, porque este signo favorece bastante as faculdades intelectuais. Se outras posições concorrerem, poderá ter uma inteligência brilhante e capaz dos mais elevados estudos científicos. A disposição é pacífica, humana e alegre, apreciando a mobilidade e as diversões.

Pedras principais: — Principal: granada; complementares: turquesa e safida.

Flôres: — Narciso, açucena, mangerona, valeriana e margarida.

Perfumes: — Benjoim, berloque e verbena.

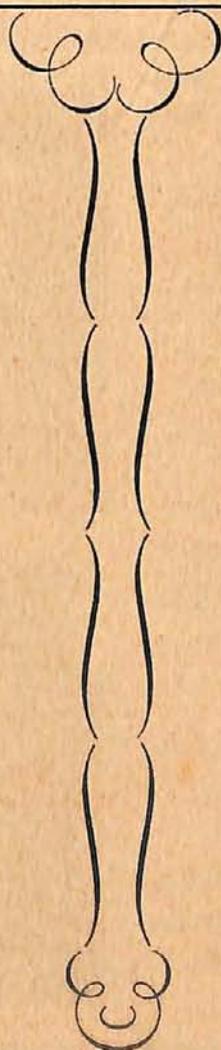
Côres: — Todos os matizes do azul, do vermelho e do escuro.



Ano X — N.º 70

Revista Agro-Pecuária sob o patrocínio da «Sociedade Rural do Triângulo Mineiro»
UBERABA — SETEMBRO DE 1950.

O CUSTO DA PRODUÇÃO DO ARROZ NOS ESTADOS DO SUL



Visando conhecer o custo da produção agrícola, em determinadas regiões do País, o Serviço de Economia Rural, do Ministério da Agricultura, vem de iniciar importante ensaio de pesquisa. Servindo-se de amostras de produtos e de dados colhidos nos centros produtores, aquele órgão técnico, por intermédio de sua Seção de Pesquisas Econômicas e Sociais, já organizou um quadro relativo ao algodão, arroz batata, feijão, milho e uva, poduzidos em alguns Estados do sul.

Relativamente ao arroz, o S. E. R. esclarece que, no Rio Grande do Sul, uma quadra (17.424 m²) importa em Cr\$ 8.199,80, o que dá para cada saco de 50 quilos do produto beneficiado o custo de Cr\$ 145,00, em produção média de 85 sacos por quadra. O cálculo de despesas enquadra arrendamento, lavração, sementes, adubos, irrigação mecânica, corte, transporte, secagem, impostos, etc. acrescentando-se de despesas maiores de administração (gerência, juros, conservação de ma-

terial, etc.), sendo de Cr\$ 1.333,30 as despesas por quadra.

No sul e no centro do Paraná, para o rendimento de 120 sacos de 50 quilos por alqueire, o custo é de Cr\$ 4.6638,60, sendo de Cr\$ 72,00 o valor do saco de arroz. Na região norte do Estado, para a produção média de 75 sacos por alqueire, o custo atinge Cr\$ 3.465,00 (preço de saco beneficiado, Cr\$ 74,00).

Em São Paulo (região sul), o arroz em casca, com a produção média de 70 sacos de 60 quilos por alqueire, representa o custo de Cr\$ 4.251,00 (saco, Cr\$ 660,70; quilo, Cr\$ 1,00). No Vale do Paraíba (adotando o mesmo critério), os resultados para o arroz em casca, sob regime de irrigação fluvial, apresentam despesas que atingem, no máximo, Cr\$ 5.663,00 (rendimento máximo de 86 sacos e custo máximo de Cr\$ 68,63, por saco). A média regional para o arroz em casca é de Cr\$ 66,77. Sem casca, Cr\$ 103,00.

Fazenda São Sel

Grande rebanho da Raça Indubrasil, com grandes raçadores e 90% de fêmeas registradas, sendo a produção controlada pelo Serviço de Registro Genealógico, a cargo da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro.

— x —

Situada quasi nos suburbios da cidade de

ARAXÁ

R. M. V.

MINAS



À esquerda: a excelente novilha da Raça Indubrasil

INDIANINHA

com 3 anos, filha de Modelo e Indiana e Vice-Campeã da recente exposição realizada em Uberaba.

Ao centro, acima: o bonito animal

PRESIDENTE

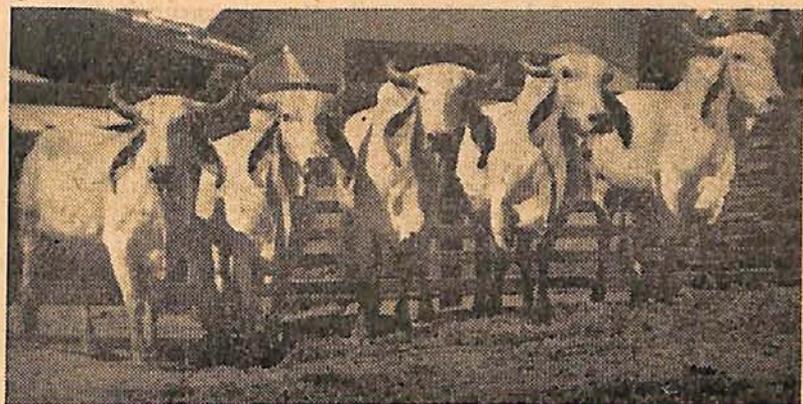
com 5 anos de idade.

Ao centro, ao meio: o garrote

MARÚ

com 22 meses de idade, filho de Presidente e de Fantasia.





PROPRIEDADE DE
Urciano Coelho Lemos

Criador da apreciada marca «U. L.»



—◆—
À direita: o magnífico
reprodutor

TESOURO

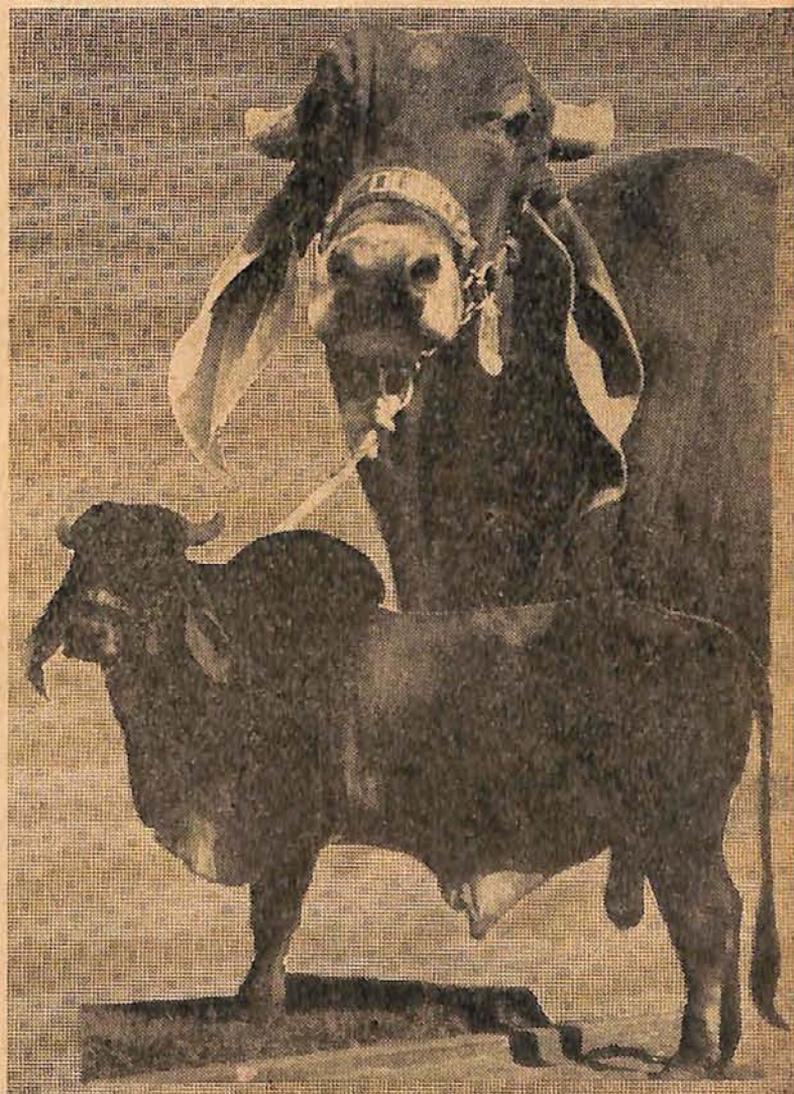
também premiado no
recente certame ube-
rabense, aos 4 anos de
idade.

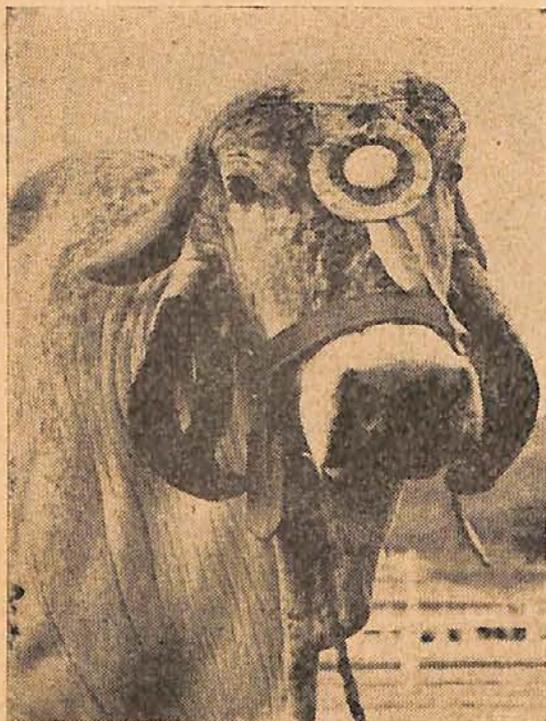
—
À direita, ao alto: um
grupo de fêmeas re-
gistradas, crias da fa-
zenda e descendentes
do velho MARÚ.

—
À esquerda, em baixo,
o reprodutor

PRINCIPE

com três anos de ida-
de e filho de Modelo
e de Mariposa.





Fazenda PONTAL

Grande plantel da Raça Gir, estabelecido á base de reprodutores da famosa marca «J. J.», de propriedade do criador, sr.

Ricardo Bucher

e situada no municipio de

ITAGUASSÚ

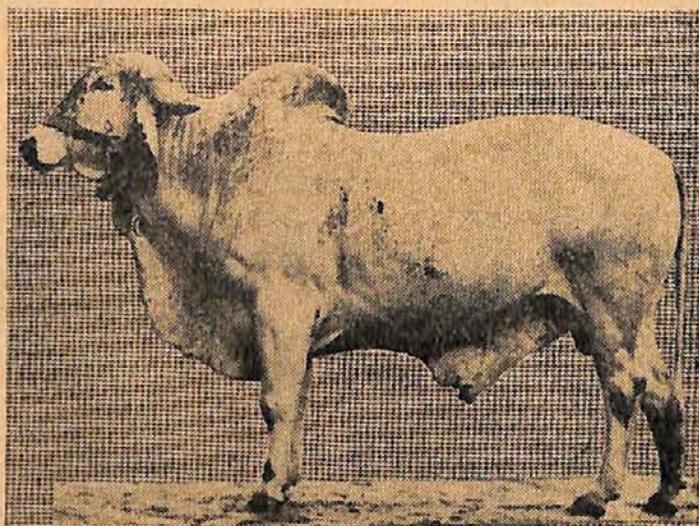
L. R.

ESP. SANTO

Acima e á direita: o reprodutor da Raça Gir:

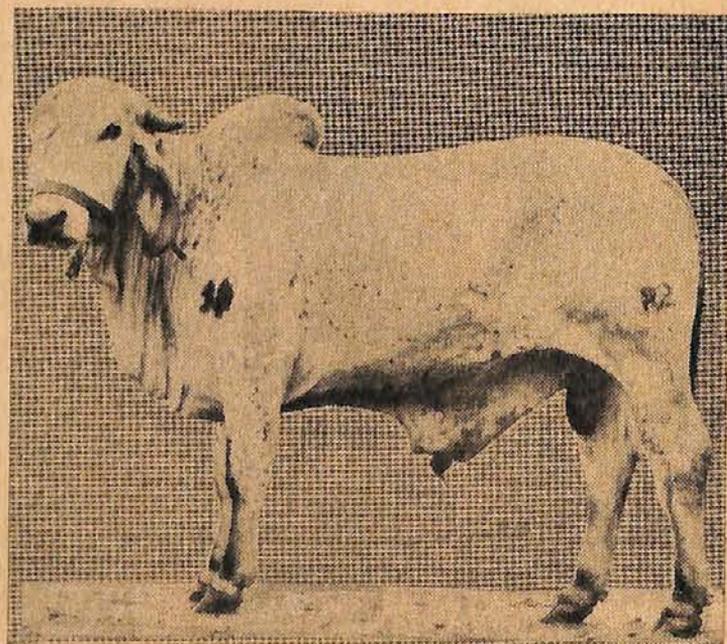
DANÚBIO

com 5 anos de idade, filho de AVIÃO e ARAGUÁIA, ambos «J. J.», registrados e CAMPEÃO GIR, do certame recente do Parque de Itacibá



O plantel da Raça Gir, da Fazenda PONTAL levantou 10 prêmios na I.º Exp. de Animais e Produtos Derivados do Espirito Santo, inclusive o CAMPEONATO DA RAÇA GIR com o touro DANÚBIO

Á direita: o excelente garrote da Raça Gir com 2 anos, cria da fazenda e 1.º premio de sua categoria no certame.



A Produção Nacional de Enxadas

Informações recentes mostram que a produção nacional de enxadas ultrapassa a necessidade do consumo interno. Estimativas dos órgãos especializados do Ministério da Agricultura calculam em cinco milhões de enxadas as solicitações anuais dos lavradores brasileiros. Dêse total 2.200.000 peças vão para o Norte, 1.300.000 para o Centro e 1.500.000 para o Sul. Ora, apenas três das principais indústrias do país fabricam 5.400.000 enxadas por ano o que significa o abastecimento normal do mercado interno. Mesmo que o programa de fomento em desenvolvimento eleve de muito as necessidades de enxadas ainda assim a indústria brasileira poderá satisfazer os pedidos da lavoura, uma vez que a maior fábrica de enxadas, cuja produção atual é de três milhões por ano, poderá rapidamente, elevar esse total para seis milhões.

Este fato constitui acontecimento dos mais auspiciosos para a agricultura nacional que na sua fase atual encontra na enxada instrumento de trabalho de uso generalizado. É certo que o programa de modernização dos métodos de cultura e os esforços destinados a racionalizar o trabalho agrícola tendem, cada vez mais, a substituir a enxada por outros instrumentos mais eficientes de trabalho agrícola. Esse processo, no entanto, não se fará de um ano para outro, nem eliminará bruscamente o emprego da enxada nas culturas. Ao contrário, à medida que avançar a modernização da agricultura brasileira, haverá um período bem ponderável ainda, grande procura de enxadas, o que garantirá à indústria nacional respectiva excelente mercado para a sua produção.

Suprir de enxadas os agricultores brasileiros constitui, portanto, uma tarefa das mais proveitosas para o desenvolvimento da nossa economia agrária. A circunstância de existir no país indústria em condições de fabricar o volume necessário desse instrumento de trabalho é das mais vantajosas. A crise cambial que hoje tanto se faz sentir no setor da importação criaria, naturalmente, restrições à entrada de enxadas no Brasil, cuja agricultura muito teria a sofrer caso não hou-

vesse produção nacional capaz pelo volume e pela qualidade de suprir as entregas do produto estrangeiro em falta. Cabe assinalar aqui o acerto da orientação seguida há muitos anos pelo Ministério da Agricultura empenhado em prestigiar a in-

dústria nacional de instrumentos agrícolas, inclusive mediante o sistema de grandes encomendas que significaram a garantia de mercado para uma indústria em sua fase inicial, cheia de precalços e contratempos.

CRIADORES

Evitem prejuízo de seus rebanhos. Tratamento seguro e econômico. Vacina contra peste da manqueira. Vacina contra Batedeira dos porcos. Vacina antirábica, Vacina contra pneumo-enterite dos bezerros, Vacina contra garrotilho, Anti-piogena, Hemostasina, Sôro contra garrotilho, Sôro contra pneumo-enterite dos bezerros, Sôro contra batedeira dos porcos, Sôro contra mamite das vacas leiteiras, Figueirinha, Antimorbina.

Secção Quimioterápica — Vermífugos

sob a direção científica do DR. OLIVIO DE CASTRO

Produtos do Laboratório de Biologia Veterinária

MATIAS BARBOSA — E. F. C. B. — Estado de Minas Gerais

A Criação "Gir" de Rodolfo Machado

(Conclusão da pág. 12)

duzir no Gir mais melhoramentos em benefício da parte econômica da rez e da leveza da ossatura, eliminando exceções.

Antes de apresentarmos as magníficas fotografias que ilustram estes comentários, nunca é ocioso falar desse Martelo que é um dos principais chefes dessas «famílias» de Gir que Rodolfo Machado apresenta em seus planteis de criação.

Martelo é um dos mais extraordinários exemplares da Raça que já vimos. Esse animal que se sagrou Grande Campeão das Raças Zebús, está hoje, na foto que apresentamos, com 16 anos, tendo começado a padrear aos 2 1/2; é entretanto, ainda, o mesmo enxertador, servindo perfeitamente, em excepcionais condições, sadio e brigador como desde os primeiros tempos de sua chefia no rebanho.

Para não nos alongarmos

muito sobre as figuras que aqui apresentamos e que, todas, têm as suas legendas elucidativas, vale a pena chamarmos a atenção do leitor para essa «Carmem Miranda», excepcional reprodutora, filha de Bey e Luminosa e neta de Martelo e Indú. Ainda não há pouco tempo Rodolfo Machado regeitava por ela a bela soma de cem mil cruzeiros.

E quem se tentar a melhores esclarecimentos sobre esse resultado surpreendente conseguido, vale a pena visitá-lo quando, porventura vier a Uberaba. Lá está ele — sempre incisivo e eloquente em questões de seleção de gado — palestra agradável e ensinamentos preciosos, apreciando demais os visitantes que lhe batem à porta, na sua confortável casa da Travessa Domingos Paraizo, no centro da cidade ou na sua Fazenda das Lorangeiras, a menos de 2 quilômetros de Uberaba, à margem da Estrada de Sta. Maria, distrito de Uberlândia.

Fazenda Safra

Magnifico centro de criação de gado INDUBRASIL, HOLANDEZ e SCHWITZ e de jumentos PÊGA,

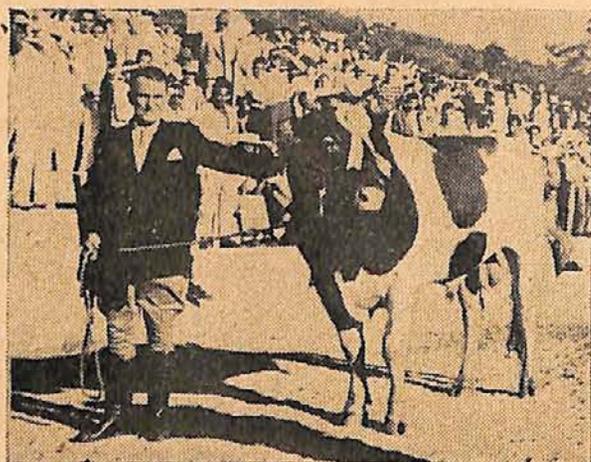
— propriedade do sr. —

Manoel Marcondes de Souza

o criador mais premiado no recente certame do Espirito Santo.

CACHOEIRO DO ITAPEMERIM

L. R. — Espirito Santo



O grande Campeão da Exposição MURITÍ, holandês, sustido pelo seu proprietário e, ao lado, os prêmios e diplomas conquistados na 1.ª Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Vitória.

13 primeiros, 4 segundos, 2 terceiros prêmios e 3 menções honrosas, além dos 4 campeonatos com:

ZANGAY, da Raça Indubrasil

PACHÁ, de assininos Pêga

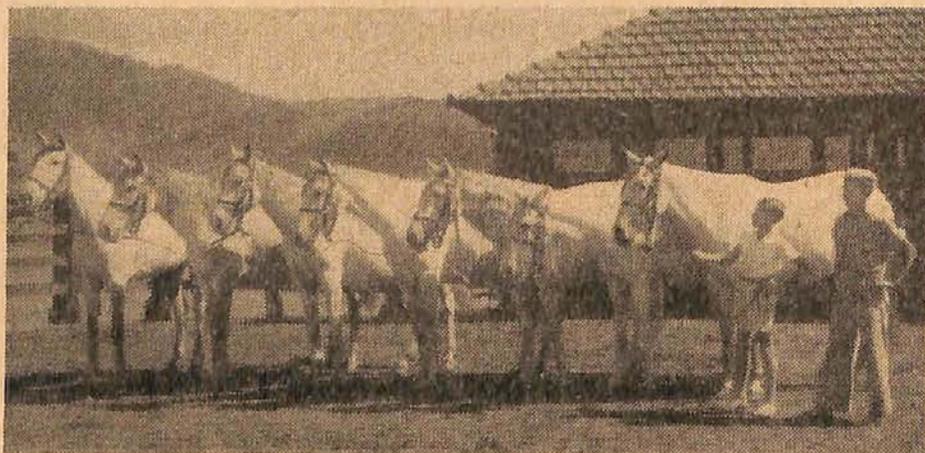
CAISTINA, leiteira holandesa e

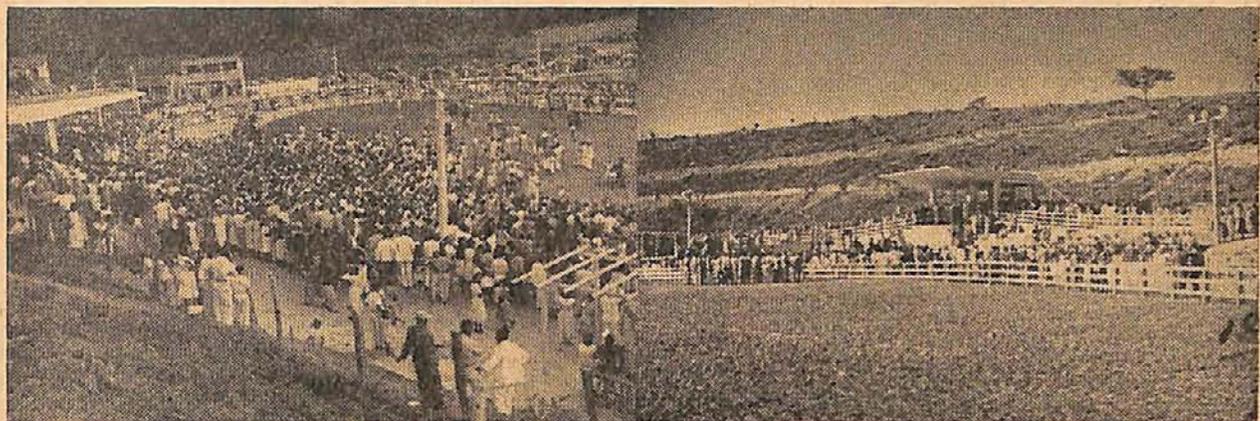
MURITÍ, da mesma raça

premiando justamente um grande e magnifico centro de criação de bovinos, equinos, muares e assininos do Estado.

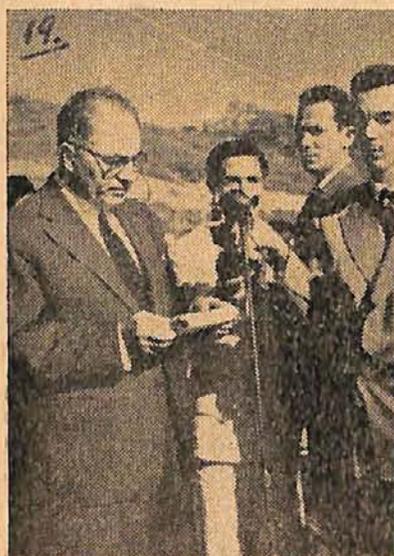


À direita, um admirável e homogêneo grupo de equinos com que a FAZENDA SAFRA correu ao recente certame pecuário de Vitória.





I^A Exposição de Animais e Produtos Derivados, no Espírito Santo



Ao alto: aspectos da inauguração do Parque de Itacibá. Acima, o então Governador Carlos Lindemberg, pronunciando o discurso inaugural.

O visinho estado do Espírito Santo, inaugurando o Parque de Exposições de Itacibá, obra magnífica que, por si só, consagraria um governo provincial, realizou de 24 a 31 de Julho último a sua I.^a Exposição de Animais e Produtos Derivados, parada pecuária que se revelou de grande entusiasmo de expositores e visitantes e que teve um cunho especial de um variado programa de solenidades e atrações e homenagens.

ALMOÇO AO MINISTRO DA AGRICULTURA

A primeira parte das comemorações assinalando a inauguração do Parque de Itacibá foi o almoço oferecido ao Ministro Novais Filho e à sua ilustre comitiva — Paulo Demoro, Chefe de Gabinete, Senador Luiz Tinoco, Deputado Costa Porto, Dr. Oton Servulo de Vasconcelos, Diretor Geral do Departamento do Ministério da Agricultura, Dr. Renato Faria, Diretor do Departamento de Produção Animal, Dr. Benvindo de Novais, Diretor Geral do Departamento de Produção Vegetal, Dr. Waldemar Ralhe, Diretor Geral do Centro de Estudos e Pesquisas Agronômicas, Dr. Mario Pinto, Diretor Geral do Departamento de Produção Mineral, Dr. Silvino Lira, Secretário do sr. Ministro e Dr. Meira de Vasconcelos, oficial de gabinete. Além do sr. Governador Carlos Lindemberg, notavam-se as seguintes autoridades: Secretário do Interior e Justiça, Dr. Messias Chaves, Secretário da Fazenda, Dr. Nelson Goulart Monteiro, Secretário da Agricultura, Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira, secretário da Educação, Dr. José Celso Claudino, Presidente da Assembléia Estadual, Dr. Cicero Alves, senador Jonas Santos Neves, deputados Ary Viana e Alvaro Castelo, deputados estaduais, Chefe de Polícia, Cel. Anizio Pereira de Souza, sr. Comandante da Polícia Militar, sr. sub-comandante do 3.^o B. C.,

diretores de estabelecimentos bancários, diretores de indústrias e autarquias, magistrados, professores e representantes da imprensa.

Usaram da palavra, ao champagne, o Dr. Fontenelle da Silveira, o deputado O. Aviano Santos, o Ministro Novais Filho e o Governador Carlos Lindemberg.

O ATO INAUGURAL

Perante numerosa assistência, foi o Parque de Exposições de Itacibá inaugurado pelo sr. Governador Carlos Lindemberg, pelo Ministro Novais Filho e com a presença daquelas altas autoridades já citadas.

Iniciando a cerimônia falou o Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira, então Secretário da Agricultura do visinho Estado, pronunciando o excelente discurso que se segue:

DISCURSO DO DR. FONTENELLE DA SILVEIRA

Exmo. Snr. Ministro Antonio de Novais Filho, M.D. Representante do Senhor Presidente da República. Senhor Governador Carlos Fernando Monteiro Lindemberg, Meus Senhores.

Entregamos, afinal, a V. Excelência, Senhor Governador, totalmente construído, dentro do prazo que nos foi prescrito, este grandioso recinto permanente para as Exposições Estaduais de Pecuária e Produtos Derivados.

É um dia de festa para a Secretaria da Agricultura, que raras vezes terá trabalhado com tamanho entusiasmo na execução de uma obra pública.

Do Diretor de Obras aos escrivães; dos engenheiros ao mais modesto operário; do Diretor do Fomento ao menos categorizado dos auxiliares que cooperaram na organização desta bela festa inaugural, a todos uniu a mesma decisão de levar suas tarefas ao melhor e mais feliz termo, a todos invade a mesma jubilosa satisfação de sentir que lhes pertence um pouco deste empreendimento que, se não bastassem outros, jamais consentirá que o nome de V. Excia. seja esquecido dentre os grandes construtores da grandeza do Espírito Santo.

O esmalte inapreciável que ao brilho deste ato traz a desvanecida presença deste grande homem público que é V. Excia., Senhor Ministro Antonio de Novais Filho, excede quanto pudéramos almejar para a consagração do propósito do Senhor Governador, de impulsionar a pecuária espirito-santense através dos estímulos que este Parque de Itacibá disseminará.

Renovados e sucessivos óbices se levantaram aos nossos passos, desde a idéia ainda em nebulosa até este minuto inaugural; e é com a mais profunda satisfação que aqui queremos declarar, aos senhores altos dignitários e aos demais senhores aqui presentes, que em nenhum momento nos faltou o apóio, o encorajamento mais decisivo dos criadores do Estado, todos unanimemente convencidos da utilidade desta obra, especialmente esses denodados lidadores do sul, velhos companheiros e beneficiários das valiosas experiências que temos recolhido das Exposições Regionais de Cachoeiro de Itapemirim.

Todos eles sabem que esta obra proporcionará as mais benéficas repercussões na nossa economia e nunca os impressionou a crítica apressada dos detratores deste Parque.

Há oito anos atrás, a Primeira Exposição Regional de Cachoeiro de Itapemirim encontrava esse Município com a produção leiteira de 3.000 litros diários, e já em maio deste ano ali recensávamos a produção de 16.000 litros que, somadas à produção disponível de Guaçuí, Alegre, Itapemirim, Castelo e Muqui, nos dava o total de 36.000 litros diários.

É já a crise de crescimento ante a evidente inelasticidade do mercado, que nos lava para outros rumos, ao cuidarmos do aproveitamento industrial do leite sem colocação, na conformidade das providências processadas

na Secretaria da Agricultura, e cujos estudos já entregamos à superior consideração do Senhor Governador.

Os exemplares bovinos aqui expostos, vindos do sul, atestam o apreciável adiantamento dos criadores do vale do Itapemirim, aos quais a Secretaria a nosso cargo, vem acompanhando quer no aprimoramento dos seus plantéis, quer no aperfeiçoamento das suas pastagens e instalações, quer nas cauteles sanitárias com os seus rebanhos, quer nos cuidados zootécnicos em geral, que lhes vem aumentando o rendimento das suas terras de tal forma que a curva de progresso dessa região não está se dando conta de que, em muitas partes, já passou aquilo que foi uma faustosa produção cafeeira.

Dentro em pouco, o mesmo progresso se notará por todo o «hinterland» tributário da Capital do Estado, sobretudo na bacia do rio Doce, que para isto oferece condições excelentes de clima e topografia.

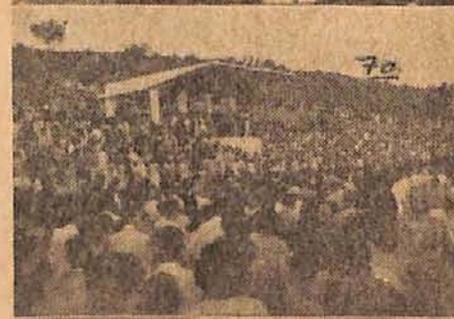
Tal o valor econômico das Feiras e Exposições, notadamente em regiões como a nossa, ou em países como o nosso, em permanente penúria de técnicos, onde é a exibição dos mostruários que de boa forma supre essa deficiência, porque alerta e educa, instiga e sugere ao produtor, atraiendo-lhe as vistas para os métodos evolucionados de produção e trabalho, seja na esfera de ação do comércio ou da indústria, seja na esfera da produção agro-pecuária.

Este Parque, com os seus 18 pavilhões para se exporem 400 bovinos, 60 equinos, 80 suínos, 250 pequenos animais, e múltiplos produtos derivados de carne e leite, com capacidade e instalações para nos permitirem os benefícios mais altos de uma Exposição Nacional, custou Cr\$ 2.700.000,00 que, não temos dúvidas, reverterão aos cofres públicos no correr dos anos em que a obra ficar de pé.

Mas, Senhores, não devemos ver o Parque de Itacibá isoladamente e sim no conjugado de providências com que o Governador Carlos Lindenberg vem fomentando a produção estadual, tais como os Clubes Agrícolas Escolares; a remodelação da Fazenda

Aspectos do ato inaugural:

Hasteamento do Pavilhão »——» Nacional, no Parque de Itacibá; entrada do Ministro Novais Filho no recinto, acompanhado pelo então Governador Carlos Lindenberg; S. Ex. falando no ato inaugural; a assistência ao desfile; o dr. Fontenele da Silveira, como Secretário da Agricultura, faz a entrega do Parque ao Governo do Estado.



Sant'Ana, dedicada ao desenvolvimento de suínos e da avicultura; a remodelação da Fazenda Monte Libano, dedicada ao desenvolvimento da bovinocultura; o Instituto Biológico, inicialmente destinado à defesa sanitária animal; à importação de tratores, veículos e implementos agrícolas para a revenda a preço de custo; os esforços para a implantação de métodos racionais da cultura cafeeira, de que vamos colhendo os mais animadores resultados; o fomento das lavouras de subsistência; a expansão da rede rodoviária estadual e quantiosos auxílios aos Municípios para a construção de suas estradas, das quais, por esta forma, se construíram no ano passado 755 quilômetros, subindo já a quilometragem deste ano a 529; a Escola Agro-técnica de Alegre, já projetada e com a área adquirida; e, por fim, o Frigorífico para carne, ovos, leite, frutas e verduras, com a capacidade de cerca de 250 toneladas, que esperamos ver instalado no Porto de Vitória até o fim deste ano.

O custo do Parque de Itacibá anda por cerca de 1,5% da receita de um ano fiscal do Espírito Santo; mas os que dizem que isto é um desbaratar da fortuna pública, para uma aparatosa ostentação de animais, esquecem-se precisamente dos homens para quem esses animais, assim como suas lavouras são a sua própria vida, esquecem os homens do campo de quem, em última análise, saem os cem por cento de todo o orçamento do Estado.

Porque não é senão para esses homens que esse Parque de Itacibá se construiu.

Quantas lições hauridas da experiência própria, a estas horas, á eles não se terão ministrado entre si, provando-as documentadamente com esses produtos aí expostos aos olhos de quem quiser vêr?! Quantos com nova orientação não sairão daqui? Quantos novos amigos? Quantos novos contatos culturais? Quantos novos negócios?

Imaginai, senhores, tudo isto a se repetir anos a fio e não vos será difícil sentir que daqui se irradiarão benefícios por todos os rincões do Estado, e que tais benefícios terão uma expressão real em maior soma de produtos para o povo; em maiores rendas para os cofres públicos e em maiores disponibilidades para atender as cada vez mais asseverantes necessidades da Administração Pública.

Senhores que lavrais a terra do Espírito Santo! Se o Parque de Itacibá não fosse mais do que a confortável sala de recepção onde, esquecidos do desconforto do vosso labôr, evadidos do isolamento dos vossos horizontes, e

desenvólto como quem se move em casa própria, viesseis aqui receber, ao pé dos vossos bois, os bons amigos velhos e atar novas e desejadas amizades, para então discreateardes sobre os segredos dos vossos misteres, ainda assim estamos certo de que o Senhor Governador Carlos Lindenberg nos teria mandado construir para o vosso convívio e para os animais que vos pertencem, todo este Parque que nos enche a vista, porque ele, como nós da Secretaria da Agricultura, também sabe ouvir no pisar dos vossos bois o tinir das moedas do Tesouro!

A todos vós, Senhores, o nosso muito obrigado pela honra da vossa presença.

O DISCURSO DO GOVERNADOR

Tomou a palavra, ai, o então Governador Carlos Lindenberg, para pronunciar o seguinte discurso, notável peça que é bem melhor transcrever que comentar ou analisar, para que se lhe não tire cousa alguma de sua beleza ou de sua concisão:

Senhor Representante do Excelentíssimo Snr. Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra. Exmo. Snr. Ministro da Agricultura, dr. Antonio Novaes Filho. Snrs. Membros da Comitiva, representantes e autoridades federais, estaduais e municipais civis e militares. Minhas Senhoras e Senhores. Senhores Agricultores. Senhor Prefeito de Cariacica. Senhor Secretário da Agricultura:

Da honrosa visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República ao nosso Estado, em dias do ano findo, ainda conserva o nosso povo a mais grata lembrança, tão dignificado se viu com a presença do eminente Chefe da Nação, na relatividade populacional, o eleitor número um do País.

E' assim a gente espirito-santense: bem brasileira na sinceridade com que acolhe e aplaude aqueles a quem muito quer, como na gratidão com que emoldura na memória os nomes dos que sabem sentir-lhe o trabalho hon-

Aspectos da recepção no »»»»»

Palácio do Governo, vendo-se altas personalidades do Ministério da Agricultura, da administração capichaba, senhoras da sociedade de Vitória. Em um deles, vê-se o dr. Salvador Bernardinelli, diretor de Exposições do Estado de São Paulo, pronunciando um discurso naquela cerimônia. Em baixo, o Governador Carlos Lindenberg recebe, também, em palácio os auxiliares e peões da Secretaria da Agricultura.



to na construção da grandeza da terra comum.

Porque Sua Excelência, em inúmeros empreendimentos, que aqui semeou a sua decisão de cooperar com o nosso esforço, encontrará neste abençoado rincão, sempre, os frutos de nosso entusiasmo e as sombras consoladoras de um reconhecimento que se prolongará através do tempo.

A presença do Senhor Presidente, neste certamen, por intermédio de V. Excia., sendo honrosa para nós, Governo e Povo do Espírito Santo, é a mais significativa prova de sua dedicação aos interesses do homem do campo, como das diretrizes de sua administração, no sentido de apoiar, desenvolver e valorizar os recursos para atender às necessidades gerais da Nação.

O atual Governo Federal, ao contrário do que há muito se vinha realizando, deixou as grandes cidades, para enveredar pelos vales e pelas montanhas, transpondo rios e furando matas, removendo morros e saneando pantanos, levando saúde, instrução, conforto, meios de desenvolvimento e prosperidade às populações de todos os recantos da Pátria.

A obra de Sua Excelência no Governo da República, transcendendo à percepção daqueles cujo imediato descortina apenas o que lhes está ao alcance dos sentidos. O que tem Sua Excelência realizado neste Estado, por intermédio dos vários órgãos da administração pública federal, diretamente e por meio de acordos com o Governo do Estado, é bem a mostra do que vai por esse Brasil em fora.

Sem nenhum receio de cometer a mais leve injustiça, posso afirmar que o Presidente Eurico Gaspar Dutra empreendeu no Espírito Santo, durante seu governo, muito mais do que realizaram juntos todos os anteriores, desde a República. Tais realizações tiveram sempre cunho utilitarista, qual o de recuperação do homem pela preservação de sua saúde; desenvolvimento de suas faculdades, pela cultura e instrução; estas, aliadas às facilidades de transporte, crédito, ensinamentos técnicos com os mercados ávidos de produtos como se encontram, proporcionam a cada um em particular e ao Estado, irrecusável prosperidade.

Vai assim Sua Excelência cumprindo os compromissos assumidos com a própria consciência, de, como militar ou como civil, bem servir à comunidade brasileira.

Não importa que os habituais demolidores insistam de balde na sua triste missão.

Não importa que os cegos de espírito procurem confundir a opinião pública.

Não importa que os críticos, de



veladas intenções, deblaterem, sob as garantias da democracia.

Não importa que os traidores inimigos da Pátria, obedeçam as ordens do sultão estrangeiro, porque a luz radiante da verdade brilhará sempre, para iluminar as obras materiais, morais e sociais que o governo de Sua Excelência vem realizando pela grandeza e pela prosperidade de nosso adorável País.

Espalham-se pelo Espírito Santo, em virtude de acordos firmados:

238 prédios para escolas rurais;

10 grupos escolares de primeira classe;

1 escola normal rural;

1 escola de iniciação agrícola;

218 cursos de alfabetização de adultos;

Hospital para tratamento de doentes tuberculosos, ampliado de 90 para 236 leitos, sendo reequipado e internamente aparelhado;

Hospital de psicopatas, cuja construção está a terminar, com 6.000 ms2 de área construída.

Vultosos auxílios para as campanhas de saúde pública, especialmente no que diz respeito às elmintoses, malária e assistência à infância e à maternidade;

Ampliação da rede rodoviária, construção de pontes de importância da de Linhares;

Ampliação da rede de Correios e Telégrafos, dando conforto e comunicações ao povo;

Ampliação do crédito bancário, ao par de novas providências referentes ao tão necessário crédito agrícola e muitas outras medidas e providências que levam ao homem do interior a compreensão de si mesmo e de seu valor, como elemento de trabalho;

A certeza de que é lembrado pelo Governo, não apenas para lhe cobrar os impostos, mas, também, para retribuir o seu esforço, com algum melhoramento de caráter público;

A segurança de que pode contar com os elementos necessários para o desenvolvimento de suas iniciativas, o que tudo reunido concorre para a prosperidade deste Estado, como dos demais, que,

« — « Outros aspectos do almoço oferecido ao Ministro da Agricultura e sua comitiva: 1. O almoço; 2. Fala o deputado dr. Otaviano Santos; o dr. Guilherme Pimentel, então diretor da Produção Animal, do Espírito Santo, à mesa do almoço; Os drs. Guilherme Pimentel, Salvador Bernardinelli, Napoleão Pontenele da Silveira e Quinão Corrêa, técnicos de São Paulo e do Esp. Santo, posam para esta edição; em baixo: o Governador Carlos Lindemberg, num «bate-papo» com os peões no recinto.

unidos pelos mais indissolúveis laços, constituem a estremecida Pátria Brasileira.

Os serviços orientados pelo Ministério da Agricultura, vêm tendo eficiente desenvolvimento, na parte de fomento, como no estabelecimento definitivo de postos agro-pecuários, de laboratórios, de postos de fornecimento de máquinas, ferramentas, sementes, mudas, inseticidas e fungicidas, cuja orientação técnica influe decisivamente no volume da produção e no melhoramento da qualidade.

Estando à frente do Ministério um cidadão ilustre, cujo único desejo é «ser lavrador», estamos certos de que os homens da agricultura podem contar com ampliação do apóio que lhes tem sido dispensado e com outras medidas da mais salta significação, que a inteligência, os conhecimentos, a dedicação, a prática e o espírito de brasilidade do Ministro Novais Filho, que acaba de assumir o pesado encargo do Ministério, hão de pôr em prática no Governo atual.

Com o inteiro apóio da administração federal e seguindo os seus exemplos, o Governo do Estado procura atuar em todos os setores administrativos, visando o bem comum e tendo como ideal único servir ao Estado que o povo lhe confiou.

Assumidas as responsabilidades governamentais em momento difícil, empreendeu-se corajosamente o saneamento das finanças, cuja batalha foi vencida pouco depois do segundo ano de governo, e, então, ultrapassada com a elevação de preços do nosso principal produto — o café — e graças a várias medidas encetadas e executadas pela administração.

A par da rigorosa parcimônia nos gastos, atenderam-se as necessidades principais da administração, especialmente na que diz respeito à Saúde Pública, Instrução, Transporte e Produção, suprimindo-se os parcos recursos de que dispunhamos, com a boa vontade, apóio e colaboração do Governo Federal.

Aspectos do encerramento »»»»»
do certame: discursa o Gov. Carlos Lindemberg; entrega da taça que cabe ao Grande Campeão da Exposição; os Drs. Salvador Berardinelli e Quinéo Corrêa, do Dep. da Produção Animal de S. Paulo, em companhia do Gov. Carlos Lindemberg, Napoleão Fontenelle e Guilherme Pimentel, na entrega dos prêmios; este último, apresenta ao então Governador a Taça destinada ao Campeão da Raça Gir; em baixo, vê-se o dr. Fontenelle da Silveira, cavalgando um excelente animal de sela, no recinto.



Melhorada a receita estadual, pode então o Governo se dedicar a empreendimentos mais vultosos, inclusive auxiliando diretamente a todos os municípios do Estado, com recursos financeiros, para obras reprodutivas mais urgentes, estritamente de caráter municipal, cujo total ascende a Cr\$ 14.800.000,00.

A obra que ora se inaugura, destinada às Exposições Agro-Pecuárias e de Produtos Derivados, representando a fórmula clássica do fomento de tais atividades e a retribuição aos que a elas se dedicam, de um pouco do seu esforço, pelo progresso econômico geral.

Quem mais do que os criadores e lavradores de nossa Terra merece uma homenagem como essa?

Quem mais do que eles têm direito a um recinto para expor os seus produtos?

Quem mais do que eles tem contribuído para o engrandecimento de nosso Estado?

Os recursos aqui empregados pelo Governo do Estado, representam uma parcela ínfima da contribuição anual para os cofres públicos, dos lavradores — os homenageados de hoje —, que com o seu trabalho, com o seu esforço constante, arrostando sacrifícios de toda ordem, suportando o desconforto, as intempéries, a incompreensão de muitos, as injustiças de outros, sustentam, também, aquela imprensa e aqueles representantes que vivendo agradavelmente nas cidades, se levantaram para combater a iniciativa, como desnecessária, perdulária, injustificável, numa demonstração de desprezo pelo homem do interior.

Ai está, Senhores, o empreendimento terminado, cumprindo as suas altas finalidades econômicas e representando um movimento de homenagem e um monumento de justiça àqueles que tanto têm concorrido para a prosperidade do Estado do Espírito Santo e do Brasil.

Não se diga, entretanto, que o Governo, absorvido por essa obra, se esqueceu da instrução, dos hospitais, da saúde do povo, dos transportes e de outros setores, porque, como procede o Governo Federal, às palavras desacessadas, às mistificações intencionais, às injustiças, às inverdades, respondemos com fatos concretos, garantindo a paz, a liberdade, a ordem e a justiça;

abrindo e construindo escolas; tornando o ensino gratuito em todos os graus;

auxiliando e assistindo estabelecimentos particulares;

construindo hospitais, centros de saúde e postos de assistência; empreendendo campanhas sani-

tárias e de combate às endemias, à tuberculose, à verminose;

aparelhando e montando laboratórios, para melhor amparar os atingidos pelas molestias com a aplicação de remedios, gratuitamente;

ampliando as rédes de comunicação de todas as espécies;

estabelecendo luz e agua em várias cidades do interior;

melhorando a situação do funcionalismo e amparando suas associações de classe;

aparelhando os setores da policia, corpo de bombeiros, divulgação, cinema escolar e tantos outros;

reformando, conservando e construindo prédios públicos para repartições, foruns e cadeias;

estabelecendo fazendas de experimentação, de fomento, laboratórios veterinários, postos de monta e de inseminação artificial;

ampliando as instalações portuárias;

reaparelhando o Departamento de Estradas de Rodagem;

construindo grande Frigorífico e tomando enfim as medidas ao alcance do Governo e de suas possibilidades, para melhor servir à coletividade espírito santense;

defendendo o patrimônio moral de liberdade, dignidade e ativez que nos legaram os nossos antepassados, como o patrimônio material que a historia e a tradição nos confiaram, sem medir sacrificios, conveniencias pessoais ou partidárias, visando, simplesmente, os próprios interesses do Estado, seu futuro e pugnando pelos seus direitos incontestáveis, com o pensamento voltado para a harmonia e compreensão que deve e precisa existir entre todos os brasileiros.

Para cumprir a minha missão, tive a felicidade de encontrar um grupo de homens como auxiliares diretos, como representantes dos Poderes Legislativo e Judiciário, como auxiliares mais afastados que, deixando de parte os próprios interesses, dedicaram-se ao serviço público com alma e coração, dispostos, acima de tudo, a servir ao Espírito Santo.

O empreendimento que ora inauguramos, sob os auspícios de Sua Excelência, o Senhor Presidente da República e de Vossa Excelência, senhor Ministro da Agricultura, é de inteira responsabilidade do Governo do Estado, ideado, programado e executado pelo Secretário da Agricultura, dr. Napoleão Fontenelle da Silveira, com os seus técnicos, o Eng. Hermes Curry Carneiro, o arquiteto Helio Viana, o veterinário Guilherme Pimentel, o dedicado encarregado Manoel Troitinho e os nossos anônimos operários, todos animados pelo espirito construtivo dos homens de bom senso que

por aqui passavam constantemente, imprimindo a centelha da confiança naqueles que com o suor do seu rosto e o poder de sua inteligência ajudam a construir um Brasil maior, mais rico e mais poderoso.

Sendo um empreendimento dos de mais alto alcance para o desenvolvimento econômico do Estado, influirá decisivamente na vida rural, econômica e financeira do município de Cariacica, que vê surgir em seu solo abençoado mais uma cidade — que se erguerá em volta desse Parque, onde já despontam vários alicerces — como elemento de civilização, de riqueza, de progresso, como nenhum outro até aqui realizado em benefício do município, constituindo, também, demonstração de apreço, carinho e apoio a esse povo, sempre disposto a todos os esforços, pelo bem da coletividade.

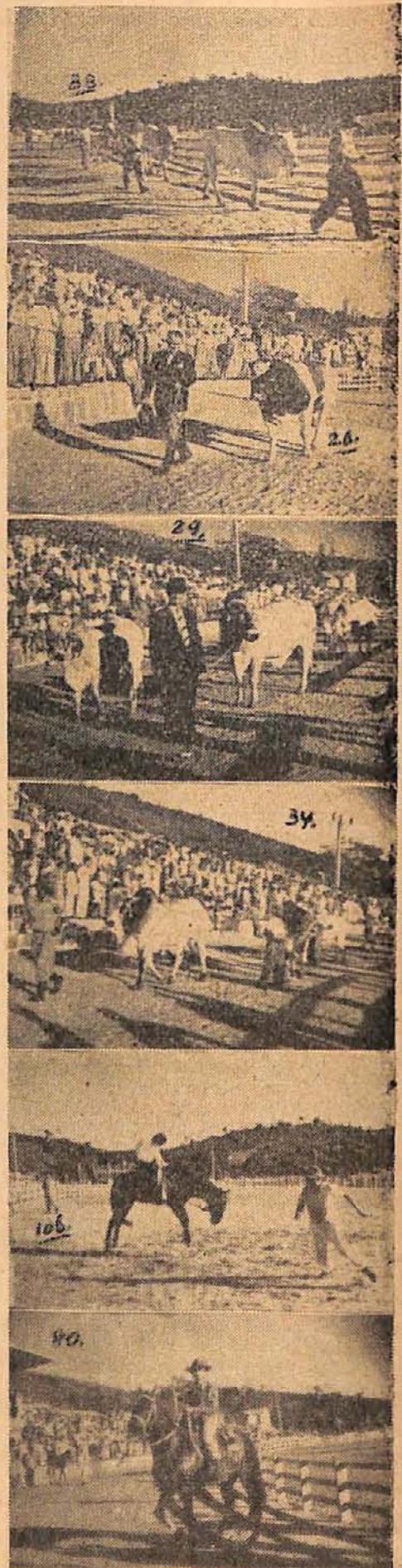
Congratulando-me com Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, com o Senhor Ministro da Agricultura e membros da Comitiva, com todos os membros do Governo, com os meus Secretários de Agricultura, funcionários e trabalhadores que aqui empregaram suas atividades, com os queridos criadores, lavradores e agricultores do Espírito Santo e agradecendo a honrosa presença de Vossas Excelências nesta festa, sinto que o Espírito Santo cresce, que o Brasil se agiganta no conceito das Nações, para cumprir as altas finalidades históricas que lhe são reservadas e confiante no patrimônio dos homens de boa vontade, antevejo um porvir ainda mais radioso para o nosso Estado e para o nosso Brasil.

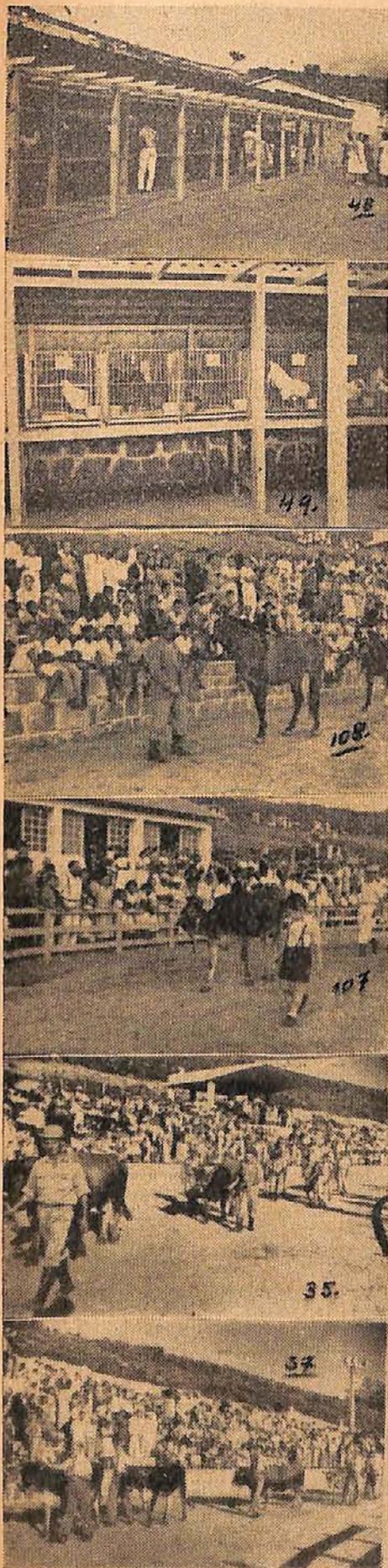
Assim Sr. Ministro da Agricultura e representantes de S. Excia. o Sr. Presidente da República, solicito a honra de declarar inaugurada a Primeira Exposição Estadual de Pecuária do Estado do Espírito Santo e o Parque de Exposições de Itacibá.

FALA O MINISTRO DA AGRICULTURA

Mal serenavam os aplausos quentes que seguiram ao discurso do dirigente capichaba, o Dr. Novais Filho pronunciou o

Aspectos do desfile de animais premiados: 1. O Campeão da Raça Nelore; 2. o Grande Campeão do Certame; 3. O Campeão da Raça Gir, conduzido por seu proprietário, Sr. Ricardo Bucher; em baixo, flagrantes da prova de montaria em animais chucros e do concurso de marcha para equinos e muarões, realizado no recinto do Parque de Itacibá, agora «Carlos Lindomberg».





seu discurso que transcreveremos a seguir, muito aplaudido e apreciado que foi.

«Sr. Governador. Sr. Bispo Diocesano. Srs. Secretários. Ilustres Parlamentares Federais e Estaduais. Minhas Senhoras, meus Senhores.

Compreendo os motivos que diminuem as manifestações de contentamento do povo do Espírito Santo, ao ver-se privado de receber, entre festas, a visita do Exmo. Sr. Presidente da República. Impossibilitado, por motivos de última hora, de estar presente a estas solenidades, comungando da vibração cívica da gente capixaba, cujas homenagens amigas tanto o penhoram, mandou-me S. Excia. o representasse nesta missão, e se a incumbência que me delegou, constituiria, em qualquer outro momento, uma honra cativante, torna-se, no caso concreto, razão de que me envaideça e me orgulha. Esta visita, na verdade, me põe em contacto com um povo laborioso e bravo, cujo passado de lutas e de sacrifícios alicerça a crença nos dias gloriosos que lhe reserva o destino, pois vem de longe o sentido de heroicidade que assinala a marcha de vossa evolução. A história do Espírito Santo, desde os primórdios da colonização, oferece o exemplo sugestivo de uma investida tenaz contra a influencia de fatores adversos, teimando em anular o esforço construtor dos que aqui, em primeiro, afrontaram a hostilidade do meio que os repelia.

Dividida a colônia em capitânias, afim de apressar-lhe o povoamento, falharam confrangidamente, com o primeiro donatário, os passos iniciais com que o lusitano de 1535 procurou integrar sua capitania na plenitude do plano colonizador que se esboçava. Vasco Fernandes Coutinho não chega bem a ser um pioneiro desafortunado porque, antes de tudo, é um martir. Ao péso das circunstâncias que se desencadeiam para entrar-lhe a obra civilizadora — impotente para conter a insubordinação dos brancos, mais impotente ainda, para superar a reação feroz do aborígene, — acaba esmagado pela sorte infausta: «endividado» e já não tendo «o que perder», é assim que

o descreve Duarte de Lemos, em 1550. «Já muito velho e mui cercado de doenças», eis o que o quadro que ele mesmo traça de sua situação amarga, o que, entretanto, lhe não arrefece o entusiasmo de idealista, pensando, ainda, em viajar para o reino, onde com os olhos fitos na capitania distante, sonha «achar quem a povôe».

Esboroados os planos de conquista material da terra, sua recuperação espiritual também se processa em termos de luta e de tragédia. Porque, através dos confins do vosso território, rebôa, de quebrada em quebrada, vingando cômodos e serranias, espalhando-se ao longo das florestas que orlam vossas lindas geografias, a ressonancia da palavra do taumaturgo do continente e a lembrança suave de Anchieta faz perpetuar, no «Evangelho das selvas», a vocação cristã da pátria brasileira, que encontrou, no apóstolo de Rígtiba, a mais alta destinação da nacionalidade aos apelos da fé, que nos legou a tradição dos nossos maiores.

Luta contra tudo e contra todos, para civilizar o gentio e impregnar do espirito cristão a nova mentalidade que repontaria do meio americano, reação contra os instintos da paixão desenfreiada e tenacidade férrea para dominar a agressividade do ambiente, que recusava amoldar-se à pregação do sementeiro, Anchieta venceu vossa alma desta têmpera rija que não esmoreceu diante do sacrificio, estruturando uma civilização que, hoje, é nossa esperança e, amanhã, será o nosso justo orgulho.

Mais do que qualquer outra parcela da comunidade nacional, o Espírito Santo alicerçou a organização economico-social a pontas de resistencia épica, construindo sua própria história em requintes de coragem indomável, de decisão para resistir, de entusiasmo para vencer, impondo-se, deste modo, ao respeito à admiração da nacionalidade.

Não tomeis como lisonja, ou expressão formal de visitante acolhido carinhosamente, este preito de justiça que ora vos rendo. O Espírito Santo o merece, pelo muito que conseguiu realizar através dos seculos, apenas roborado pela fé inquebrantável nos seus destinos em meio ao abandono em que vivestes, entregues, indefesos, à vossa própria sorte.

De fato, enquanto aqui e ali se ia firmando a civilização litorânea, que se iniciou em 1534, com o semi-feudalismo das capitânias, o território que vos coube em partilha, como que permaneceu isolado do resto da comunidade nacional. Tudo quanto fizestes na colônia, no império e

«—————» Acima, dois detalhes da secção de exposição de aves; e, em baixo, novos aspectos do desfile de animais premiados, vendo-se exemplares da espécie muar e representantes das raças leiteiras Jersey e Schwitz, notando-se a campeã dessa raça — a leiteira Cristina, de propriedade do sr. Manoel Marcondes de Souza.



Acima: Dois aspectos do stand de sericultura, da Escola Agro-técnica da Secretaria da Agricultura do Est. do Espírito Santo.

grande parte da República, é fruto exclusivo de vós mesmos, de vosso dinamismo, do vosso temperamento realizador de bravos. Para o interior, o corte severo das montanhas vos freava os passos na tentadora marcha para o Oeste. E sem organização portuária relevante, sem facilidades de pronto contacto com o mar, não se vos reservou, sequer, um novo «sentido atlântico», uma irresistível vocação para o oceano, e citados por barreiras intransponíveis, a civilização, que construistes, resulta da firmeza de propósitos com que o povo capixaba se mostrou fiel à lição dos avoengos, afirmando-se grande na adversidade, gigantesco no sentido heróico de sua ascensão e triunfo. E porque assim o compreendesdes, e porque sentisdes a grandeza de vossa luta, o eminente Sr. General Eurico Gaspar Dutra se dispõe a cooperar com o povo e o governo do Espírito Santo, abrindo perspectivas luminosas ao programa de revitalização a que se dedicam tão patrioticamente. Delegado do Exmo. Sr. Presidente da República, registro, Sr. Governador, com redobrada satisfação, o depoimento autorizado em que V. Excia., homem público de reconhecida austeridade e visão, proclama, sem rebuscos, esta confissão confortadora: que o Governo do General Dutra realizou, neste Estado, «muito mais do que todos os anteriores desde a República».

É tempo de começar a «justiça da história» em face do atual governo, mostrando, à opinião esclarecida, que uma administração não vale pelo trombetear das fanfarras em exhibições de histerismo, pelo aparato dos prosccênios iluminados, pelo brilho das riblatas festivas, pelo estardalhaço das propagandas de efeito, mas pelo que de positivo conseguiu levar a termo no interesse coletivo, lançando as bases de um programa amplo de recuperação da terra e do homem. E aí está, em relação

ao governo Dutra, nos mais diversos setores, a demonstração permanente da presença da ação governamental, amparando a iniciativa privada, estimulando o trabalho, garantindo a atividade individual, oferecendo clima propício a que se alarguem os esforços em prol da riqueza nacional. Esta presença se afirma do Norte ao Sul, não se limitando às cidades, e aos grandes centros, mas como acentua V. Excia. Snr. Governador, «enveredando pelos vales e pelas montanhas, transpondo rios e furando matas, removendo morros e saneando pântanos, levando saúde, instrução, conforto, meios de desenvolvimento e prosperidade às populações de todos os recantos da Pátria».

É amparando a borracha e incrementando a cultura da juta, na Amazônia, o babaçu e a carnaúba, no Norte, fibras, cereais e o açúcar no Nordeste, o cacau, na Bahia, a pecuária, no Centro e no Planalto, o café em São Paulo, o arroz, o trigo e o mate, nos Estados do Sul; é amparando Volta Redonda e Rio Doce, e, em vez de «slogans» demagógicos, atacando a industrialização do petróleo, rasgando estradas, nacionalizando e reaparelhando o sistema ferroviário, ampliando a aviação, e — obra imortal para os homens do Nordeste, — recuperando o Vale de São Francisco e solidificando, em Paulo Afonso, as raízes mestras da redenção da área do Polígono das Secas.

Tudo isso são fatos, diante dos quais se reduzem as palavras sem eco e sem conteúdo, as explorações e recalques dos inconformados, os «demolidores habituais» e «cegos de espírito», cuja inatualidade V. Excia., Sr. Governador, focalizou em perfil exato.

É no que tange ao Espírito Santo, nada mais eloquente do que a síntese justa que acaba de fazer o Governador Lindenberg: o desenvolvimento do ensino nas suas varias modalidades, a saúde pu-

blica defendida por iniciativas de vulto, o sistema de comunicação alargado em todos os sentidos, o crédito, a segurança, este clima de respeito às garantias constitucionais, o que tem feito, da administração de um soldado, o mais civil de todos os governos.

E, em consonância com os altos propositos da administração federal teve o Espírito Santo a fortuna de encontrar, para lhe dirigir os destinos, um estadista da estirpe do Governador Lindenberg. Simples e modesto, operoso e dotado de larga visão administrativa, estudioso em dia com os problemas de sua terra, homem de gabinete e homem de ação, os resultados de sua passagem à frente do Espírito Santo, não constituem uma surpresa. O parlamentar brilhante, que honrou o Congresso, honrando as mais belas tradições de cultura do povo capixaba, evidenciou que, na Constituinte de 1946, não existia somente o teórico, que via problemas e ideais, mas o dirigente com os pés fincados na terra e que, vendo problemas e ideais, conhecia também o meio pratico de dar-lhes encaminhamento e solução. Saneando as finanças publicas, seguiu-se o programa largo de realizações duradouras, que marcarão época, iniciando a nova fase de ressurgimento que ora se vos patenteia. O Estado do Espírito Santo, a terra heroica e brava que traz no sangue a vocação para os mais elevados surtos de progresso, bem merece o timoneiro adextrado que lhe conduz os passos para sua renovação. Este heroico povo é digno do estadista que o governo.

Snr. Governador.

Folgo em que meu primeiro contacto oficial com o Estado de V. Excia, tenha como objetivo presidir a inauguração deste parque.

Sou um homem do canavial, que recebeu a herança brilhante da civilização que os velhos senhores de engenhos plantaram à

orla litorânea, na mata do «mas-sapé» pernambucano.

Mas, formado nesta tradição, carregando nas veias aquela mentalidade impregnada do «cheiro de melado» nos banguês nordestinos, não me é estranha, como estudioso e como homem de sensibilidade, a epopeia traçada, em nossa evolução, pelo pastoreio que foi, na minha região, a base da civilização criada no «sertão da terra» dos velhos cronistas. Foram os vaqueiros do século 16 e 17 que plasmaram a fisionomia da sociedade da interlândia nordestina que, nos seus aspectos mais sugestivos, traz, indelevel, a marca dos «currais» e dos campos de pastoreio, e como que se embalou ao passo tardo das boiadas e do mugir da gadaria brava, que se derramou ao longo das margens do São Francisco.

E ainda hoje, não ha como desprezar esta atividade, que representa, sem favor, uma das mais promissoras bases para o reequilíbrio da nossa economia rural.

A pecuária está destinada a exercer, no quadro da vida econômica brasileira, o mesmo papel de outrora, ainda mais robustecido mercê das condições que lhe oferece a técnica moderna, capaz de fazê-la atingir um nível difícil de exagerar.

O que se faz mister é que o poder público venha ao encontro da boa vontade do criador, proporcionando-lhe meios de transformar a pecuária em fonte segura de bem estar, conforto e progresso coletivo.

A história econômica do Brasil é uma longa seriação de experiências ousadas visando retirar dos recursos naturais da terra, elementos básicos para a consolidação da riqueza material do país. Foi assim que repontaram os «ciclos» econômicos de que se enche a trepidação viva da atividade do homem brasileiro; no passado, o pau-brasil, a mineração, o açúcar, a pecuária; na fase de transição, o algodão, a borracha, o café; nos dias que correm, o trigo, as fibras nacionais, o petróleo, a recuperação integral da capacidade criadora do país, através de eletrificação e da grande siderurgia.

Muitos destes ciclos foram, suicidamente, destruídos, e deles não resta sinão a lembrança, como o pau-brasil e a mineração. Outros, como o açúcar e a borracha, experimentam horas de agonia e crise, enquanto, de modo geral, se impõe uma mobilização de energias novas para atualizar o esforço disciplinador das atividades criadoras, retirando, de nossas reservas em potencial, o máximo em benefícios dos altos interesses nacionais. E neste reajustamento de linhas básicas e fundamentais o

ciclo da pecuária precisa ser retomado em moldes seguros. Não tenho dúvida de que no pastoreio, reside um dos pontos altos da reestruturação econômica da vida brasileira. A extensão territorial do Brasil, que, no Centro, oferece ainda densidade de desertos, indica um dos caminhos naturais de ocupação efetiva e exploração racional do solo: o apelo aos rebanhos para que encham de sua penetração ruidosa, os claros demográficos de um país que tem proporções de um continente.

Mas não basta se pense numa pecuária extensiva, de mero relevo quantitativo, que se exprima, somente, em numero de fazendas economicamente exploráveis. Há mais e de maior significação e inadiabilidade. Urge que se cuide sem tardança, do aspecto qualitativo dos nossos rebanhos, introduzindo, em nossos planteis, o reforço da influencia de «raças nobres», que possam garantir o aprimoramento do pastoreio de leite e de corte, ensejando uma indústria pastoril rigorosamente em dia com os progressos da técnica mais avançada.

É um problema a que se não pode alheiar o Governo. Instalando este parque, cuja significação seria ocioso ressaltar, revela V. Excia. Sr. Governador, que à sua alta e esclarecida visão não escapou este aspecto substancial do plano renovador e daí ser lícito proclamar sem exagero que se trata de um presente regio oferecido aos criadores do Espírito Santo.

Daquí se irradiará o ensinamento da técnica, o estímulo da nacionalização, o incentivo da participação do Estado ao maior incremento e ao aperfeiçoamento mais rápido da pecuária.

Para dirigir esta batalha de renovação, contra o Governo de V. Excia. com esta equipe brilhante de abnegados auxiliares, cuja dedicação e capacidade realizadora se mostram, eloquentemente, comprovadas, através deste «test» sugestivo. É uma batalha, Sr. Governador, em que V. Excia. mobiliza gerais da ténpera dos drs. Fontenelle da Silveira, ilustre Secretário da Agricultura, Hermes Curry Carneiro, Helio Viana, Guilherme Pimentel e Manuel Troitinho, E', para proveito do Espírito Santo, uma batalha ganha.

Dando por instalado, em nome do sr. Presidente da República o Parque de Exposição de Animais e Produtos Derivados, saúdo V. Excia. Sr. Governador, o Estado do Espírito Santo, seu povo e seu governo, ao mesmo tempo que formulo os melhores votos pela felicidade pessoal de V. Excia., pela grandeza e prosperidade da gente capixaba, para glória e engrandecimento do Brasil.

O DESFILE DE ANIMAIS PREMIADOS

Após a oração do Ministro Novais Filho teve logar o desfile de animais premiados, cuja classificação era a seguinte:

Esta parte das festividades marcou legitimo sucesso pois deu margem a que fossem vislhos e admirados os mais soberbos exemplares de equinos, muars, bovinos e asininos do Espírito Santo, num atestado magnífico de capacidade dos seus pecuaristas. A enorme assistência que encheu literalmente a varanda da pista de desfile não regateou aplausos aos belos animais que exibiam sua raça magnífica e seu cuidadoso trato. Todas as dependências foram, em seguida, percorridas pela enorme assistência. Os «stands» de produtos derivados exibiam, em bem arumadas vitrinas, diversos produtos de laticínios e salsicharias, além de amostras de produtos de sua lavoura. As instalações do parque de Ilacibá excedem a qualquer juízo. Os enormes e bem construídos pavilhões, erguidos sob a mais rigorosa técnica, desde as pocilgas aos galinheiros de exposição para aves, desde os banheiros para animais ao palanque de observação, desde a Secretaria do Parque ao lago para criação de marrecos, são realizações para as quais só existe uma expressão: magníficos. Expressão que bem longe está de refletir o alcance do trabalho, bem longe está de refletir a imponencia do conjunto que é, inegavelmente, um atestado soberbo de capacidade, de planejamento, do esforço realizador. As opiniões do sr. Ministro Novais Filho e dos membros de sua ilustre comitiva são frases que bem mereceriam figurar na fachada daquela obra, porque traduzem, sem qualquer outra intenção senão a de reconhecer o mérito real e indesmentível, um ponto de vista técnico que não admite negação, e não permite controversias.

O PROGRAMA CUMPRIDO

Prosseguindo as festividades da inauguração, foram realizados os demais números do programa que era o seguinte:

DIA 24 — Às 11,30 horas — Almoço oferecido ao Exmo. Sr. Presidente da República e Ministro da Agricultura, no recinto da Exposição.

Às 13 horas — Bênção do Parque — Inauguração. Discurso do Exmo. Sr. Secretário da Agricultura e do Sr. Governador do Estado.

Desfile dos animais premiados.

Às 19 horas — Fogueira de São João.

DIA 25 — Às 9 horas — Solenidade do batismo dos pavilhões.

Às 13.30 horas — Eliminatória para o concurso de marchas. Exposição de cães.

Às 15 horas — Show oferecido pela Rádio Clube do Espírito Santo.

Das 17 às 20 horas — Tarde dançante oferecida aos criadores, expositores e visitantes.

DIA 26 — Às 9 horas — Palestra do Dr. Geraldo Carneiro. Assunto: — ASPECTOS DA CRIAÇÃO DE BOVINOS LEITEIROS NO BRASIL.

Às 12 horas — Feijoada oferecida aos vaqueiros, pela Secretaria da Agricultura.

Às 15 horas — Recepção oferecida pelo Governo do Estado aos técnicos, expositores e criadores no Palácio Anchieta.

DIA 28 — Às 16 horas — Cocktail oferecido pela Divisão do Fomento aos técnicos, expositores e criadores.

DIA 30 — Às 9 horas — Prova de montaria em burros bravos.

DIA 1.º — Às 14 horas — Encerramento. Discurso do Exmo. Sr. Governador. Distribuição de prêmios e diplomas. Desfile dos campeões e dos animais premiados.

Durante as noites eram exibidos no Recinto, filmes de interesse para os expositores e visitantes, todos de assunto pecuário.

O ENCERRAMENTO

Como constava do programa, pelas 15 horas, de 31 de Julho p. passado, teve lugar a cerimônia do encerramento da 1.ª Exposição de Pecuária e Produtos Derivados, acontecimento marcante da vida econômica do Espírito Santo e que se desenvolveu no Parque de Itacibá, onde pecuaristas capixabas deram uma demonstração pujante do seu desenvolvimento, no setor da criação e onde os lavradores deram uma soberba mostra de sua realidade agrícola. O que foi a Primeira Exposição ainda é lembrado por quantos lá compareceram acompanhando, de perto, o entusiasmo das festividades. O Parque de Itacibá, agora "Parque Carlos Lindenberg" por iniciativa dos próprios pecuaristas e lavradores transformou-se, de um dia para outro, numa vitrina gigantesca

em que o Espírito Santo mostrou, e bem mostrada, a capacidade realizadora de seus administradores e o interesse de seus homens do campo pelas cousas que lhe são afetas.

JANTAR AOS EXPOSITORES

A noite, teve lugar, no Restaurante do Parque, um jantar oferecido pela Secretaria da Agricultura aos expositores e visitantes, comparecendo os Drs. Carlos Lindenberg e Napoleão Fontenelle, então Governador do Estado e seu Secretário da Agricultura.

INDICES DO CERTAME

A 1.ª Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados, fizeram-se representar vinte e um municípios do Estado através oitenta e seis (86) expositores que apresentaram 652 unidades (430 bovinos, 65 equinos e asininos, 2 caprinos e ovinos, 40 suínos e 115 aves) e aos quais, comissões julgadoras formadas de perfeitos conhecedores do assunto e de técnicos de renome puderam distribuir 32 prêmios oferecidos por 21 entidades públicas e particulares.

OS PAVILHÕES

Homenageando os pioneiros de criação de gado no Espírito Santo, o então Governador Carlos Lindenberg deu aos pavilhões, do Parque de Itacibá, os seus nomes e eis as suas próprias palavras, no discurso de encerramento do certame:

"Jamais fomos tão justos como quando, considerando a variada contribuição recebida no passado, concedemos aos 10 pavilhões de exposição que formam este Parque, os nomes de Clínio Marcelino de Freitas, Manoel Cardoso, Nicolau Cola, Abelardo Ferreira Machado, Marcondes Alves de Souza, Francisco de Souza Monteiro, Pedro Vitali, Francisco Vieira Milagres, Graciliano Francisco de Oliveira e João Vieira da Fraga.

Isso equivale a dizer que o Parque de Exposição Permanente de Itacibá tem como patronos, valorosos e honrados fazendeiros, fatores do nosso progresso, confundidos todos na nossa lembrança, num só esforço patriótico pelo engrandecimento do Estado, quando o sacrifício do homem era tão grande e o volume de trabalho incomparavelmente maior do que aquele que ora nos é exigido".

VÁRIAS

O TRIGO EM

SÃO PAULO

Os agrônomos estão satisfeitos com o desenvolvimento dos trigais plantados no Estado de São Paulo. As culturas são feitas dentro de normas rigorosamente técnicas e por processos mecanizados.

Na fazenda Moinho, no sul do Estado de São Paulo, plantaram, este ano, cerca de 500 hectares de trigo Frontana. As terras foram adubadas. O desenvolvimento satisfaz aos mais exigentes. Um agrônomo especialista afirmou que os trigais não eram inferiores aos melhores do Uruguai e Argentina. A colheita foi realizada em setembro. Colheram 1.200 quilos de trigo nos trechos piores; 2.000 nos melhores. Acreditam que em breve a fazenda estará produzindo 5.000 toneladas de trigo anualmente.

Quando se pensa que os grandes Países exportadores de trigo, em regra, em suas culturas não conseguem mais de 1.200 quilos por hectare, chega-se à conclusão de que fomentar a lavoura tritícola no Brasil não é um mero capricho, pois podemos produzir trigo em boas condições econômicas.

Os Óleos Vegetais no Pará

A produção de óleos vegetais do Estado do Pará, em 1948, foi de 3.537.083 quilos, no valor de Cr\$ 26.500.606,00 — segundo informa o Serviço de Estatística do Ministério da Agricultura.

BRUCELOSE

Quando em um rebanho aparentemente sadio, notamos que as vacas em gestação começam a abortar, do quarto ao sétimo mês; quando o número desses abortos vai aumentando nos meses e anos sucessivos; e, finalmente, quando o aborto começa a se manifestar após a introdução de animais aparentemente sãos em rebanhos até então indenes, supomos estar em presença do aborto epizootico (Brucelose bovina), isto é, de uma doença contagiosa, cuja presença é assinalada pelo grande número de abortos.

AGENTES CAUSADORES

Brucela abortus	bovinos
Brucela suis	suínos
Brucela militensis	ovinos e caprinos.

O homem é sensível a tôdas as três espécies.

Os sintomas iniciais que precedem ao aborto são: tumefação da vulva e do úbere, aspecto colostrado do leite, tal qual um parto normal.

Alguns dias após isio, ou em duas semanas, no máximo, sobrevém o aborto.

A retenção da placenta é frequente, mesmo quando o aborto se verifica no último período de gestação.

Após o aborto, há corrimento vaginal escuro, geralmente fétido, que em alguns casos dura dias, enquanto que outras vezes, pode durar meses.

Tratando-se de uma doença altamente contagiosa, basta a introdução de um único animal doente em um rebanho indene, para que em pouco tempo a doença se alastre.

Após o contágio, a vaca aborta a primeira vez por volta do quarto ao sétimo mês de gestação. No ano seguinte, o aborto se processa mais tarde e depois a vaca chega a dar crias a termo. Nesta ocasião, dizem que o animal adquiriu imunidade contra a doença.

É no entanto um animal perigoso pois é disseminador da doença. As membranas que envolvem o feto e o corrimento uterino são fortemente contaminantes.

Assim sendo, do segundo ano em diante, o número de abortos diminui, infectando-se apenas as novilhas de primeira cria e as vacas isentas da doença.

Por

ANIBAL ALVES TORRES

Prof. Dep. Veterinária da ESAV.

Material virulento — É representado pelo feto (coagulador, intestino); secundinas, secreções vaginais, leite e fezes.

Este material, contendo grande quantidade de germes, contamina os pastos, os estábulos, a palha da cama, as forragens em geral e a água.

No corpo do animal doente o micróbio é encontrado no útero, quando em período de gestação, devido à predileção do germe pelo tecido placentário.

Após o aborto, o germe emigra para o úbere das vacas e gânglios linfáticos.

O papel do touro como disseminador da doença, embora aceito, é pouco importante, na prática.

Se os bezerros forem isolados logo após o nascimento, eles eliminarão apenas os germes contidos em seu tubo digestivo e pulmões e não os provenientes de leite contaminado, desde que sejam criados com leite isento de brucelas.

Contaminação: — Os animais infectam-se, ingerindo água, alimentos contaminados, ou quando permanecem em contacto com o material contagioso, pois, as experiências demonstraram que a infecção pode dar-se mesmo através da pele intacta.

A brucelose oferece a particularidade de só manifestar os sintomas da doença, nos animais adultos, isto é, quando os órgãos de reprodução adquirem completo desenvolvimento.

Sintomas — O "aborto" é o essencial, mas diversas causas podem provocar o aborto, não indicando pois, a existência de brucelose, somente pelo simples fato da vaca ter abortado.

A identificação da brucelose é feita pela prova de *soro-aglutinação*, que é uma prova fácil de ser processada na fazenda, quando possuímos o material necessário.

O aborto provocado pela brucelose vem precedido de tôdas as manifestações características do parto normal, como o entumescimento da vulva e do úbere. Havendo o aborto veremos que as membranas têm

aspecto diferente, grossas, cor escura, observando-se a saída de um líquido sanguinolento, mostrando existência de infecção uterina, quase sempre com retenção da placenta.

A infecção do homem se processa através da pele, nas pessoas em contacto com animais doentes, tais como veterinários, magarefes, retireiros, açougueiros e pelo consumo do leite cru proveniente de animais doentes. A contaminação pelo leite cru é mais frequente nas cidades do interior porquanto nas grandes cidades a pasteurização e a fervura reduzem o número de casos.

Maior importância que o leite, tem a manteiga e o creme, porque geralmente são consumidos sem a devida fervura e ainda porque a camada gordurosa é a que contém maior número de Brucela abortus.

A luta contra a brucelose é necessária sob o ponto de vista da saúde humana e animal. O índice da infecção brucélica na espécie humana não constitui, entre nós, um sério perigo, como em alguns países da Europa.

A percentagem, porém, de infecção entre os animais não parece muito baixa, acarretando, portanto, sensíveis prejuízos.

É necessário, pois, que sejam postas em prática medidas de proteção enquanto é tempo, afim de evitarmos que em nosso país a doença atinja a extensão que se observa em muitos países europeus, onde até hoje, apesar dos esforços feitos para lutar contra a doença, não foi ainda encontrada uma solução satisfatória.

TIPOS DE PROFILAXIA

1. — *Método de prova e sacrifício para o consumo* — Neste processo, submete-se o animal à prova da *soro-aglutinação* e, se constatarmos a presença da brucelose, encaminhamos o animal para o matadouro.

2. — *Vacinação das bezerras com cultivos de virulência atenuada*. Amostra 19. — Americana.

Evitar a introdução de animais doentes na fazenda, por ser de forma mais comum de propagação da doença.

Os animais recém-adquiridos serão submetidos à prova de

sôro-aglutinação, antes de introduzidos no rebanho.

Tôda vez que se der um caso de abôrto na fazenda, deve-se enterrar o feto e a placenta, limpar ou queimar o local onde se processou o abôrto. Feita a extração da placenta, faz-se lavagem uterina com irrigador, usando solução de *permanganato de potássio* a 1:2.000 ou então solução de *Lugol*, que consta de uma parte de água para uma parte de *Lugol*.

Na fazenda, deveremos fazer, anualmente, a sôro-aglutinação de todos os animais acima de um ano de idade, bem como das fêmeas que hajam abortado.

Intervenção nos rebanhos infectados — Nas criações suspeitas, deve-se proceder ao exame de sangue de todos os animais e, de acôrdo com o resultado, três casos podem ocorrer:

1. O número de animais infectados é pequeno; nêsse caso, o melhor será destiná-los ao açogue.

2. O número de reagentes é elevado e, se se trata de animais de preço, devemos colocar êsses animais em pastos completamente separados dos animais sãos e praticar a vacinação das vacas sadias. Separar os bezerras das vacas doentes, alimentando-os com leite proveniente das vacas sãs.

3. Fazer a vacinação das bezerras de idade de 4 a 8 meses com a vacina "Amostra — 19" Americana.

A vacina "Amostra — 19" Americana é empregada no contrôle de *Brucelose*; sua aplicação só é aconselhada em rebanhos infectados e não deve, pois, ser usada em regiões indenes. Em rebanhos contaminados, seu uso é indicado; de-

vemos, pois, vacinar tôdas as fêmeas que tenham dado reações negativas à sôro-aglutinação.

A vacinação deve ser feita de preferência em bezerras de 4 a 8 meses, isto porque após algum tempo, deixam de reagir a sôro-aglutinação, o que não acontece com as fêmeas adultas, quando vacinadas. A aplicação da vacina "Amostra 19" Americana só é feita por técnicos oficiais. É controlada pelo Ministério da Agricultura ou Secretaria da Agricultura, não sendo vendida a particulares.

Tratamento: — Não existe medicação eficiente na cura de *brucelose* animal e assim, não há interesse econômico. Para a infecção *brucélica* na espécie humana, a medicina dispõe de medicação eficiente como: *Sulfadiazina* e *Cloromicetina*.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Marcada para o próximo mês a Exposição Regional de Animais

Grande numero de criadores concorrerão ao certame — 'A 25 de Novembro, encerramento das inscrições

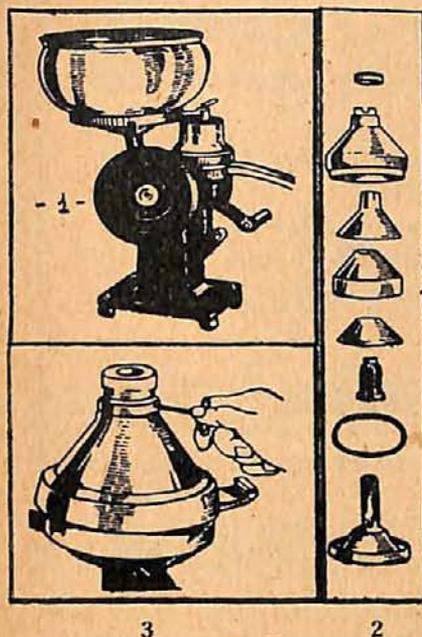
Realiza-se no proximo mês de Novembro, nos dias 18, 19 e 20, em S. João da Boa Vista, a IV.ª Exposição Regional de Animais, um dos mais importantes certames no genero que se realizam nesta região, tida como adiantada zona pecuaria do interior do Estado, a qual compreende os municipios de S. João da Boa Vista, Vargem Grande do Sul, Agua da Prata, Aguai, Pinhal, Mogi-Guaçu, Gramma, Mogi-Mirim, Tambaú e Cajurú. As inscrições já se encontram abertas, notando-se a affluencia de grande número de interessados, dentre os quais os seguintes: Eduardo Leite Vieira, Gonçalves e Filho, Rubens Novais, Rafael Novais, de Pinhal; José O. Junqueira, Dionisio Barreto e Cia., Vicente Ferreira Dias, João B. Junqueira Junior, Mauro Vilela de Andrade, Marcio Pinheiro, Eduardo Nasser, de São José do Rio Pardo; Manuel Meireles Alves Manuel Vilela Meireles, de Tambaú; José Martins Moreno, José Rui Azevedo, Emilio Zogbi, Silvino Andrade Pereira, Francisco A. Mancini, José Procopio Amaral, Agoslinho Junqueira, de São João da Boa Vista; Eduardo Figueiredo Lima, José Pereira Lima Neto, Gabriel Figueiredo, Luiz Lima Guedes,

Paulo Lima Dias, Francisco Lima, de Mocóca; prof. João de Padua Lima, de Casa Branca. As inscrições serão encerradas no dia 25 do corrente, época em que será feito o catalogo dos animais que concorrerão à Exposição.

A fim de ultimar os trabalhos preparatorios do certame e nomear a comissão organizadora da 4.ª Exposição Regional de Animais, esteve recentemente nesta cidade o sr. Salvador Berardinelli, chefe da Secção de Exposições e Estações Zootécnicas, que tomou varias providências. A comissão organizadora ficou constituída pelos srs. engenheiros agronomos Olo de Melo, Fabio Paula Machado e José Delfim Canettiéri; médico veterinário Alberto Citry Matos; Francisco Antonio Mancini, José Ruy de Lima Azevedo e Jorge João Nasser de São João da Boa Vista; João de Padua Lima, de Casa Branca; José O. Junqueira e Osmani Junqueira Dias, de S. José do Rio Pardo; Oscar Pereira Lima, de Mocóca; João B. Lima Figueiredo e Renato Costa Lima, de Tapiratiaba; Silvio Sampaio Moreira, de Cajurú; Manuel Meireles Alves, de Tambaú; Manuel Carlos Gonçalves e Rubens No-

vais, de Pinhal; Lindolfo Pio Dias, de Grama; Osvaldo Ribeiro de Andrade, de Vargem Grande do Sul; Antonio Costa, prefeito de Pinhal; José Oliveira Azevedo, prefeito de Agua da Prata; Francisco Ribeiro Carril, prefeito de Vargem Grande do Sul, Gilberto Vieira e Jaime Silveira Leme, de Pinhal; Dionisio Barreto, de S. José do Rio Preto; Leonaldo Guaranha, prefeito de Aguai; Palmiro Petrocelli, prefeito de S. José do Rio Pardo; Silvestre Puglia, prefeito de Casa Branca; Silvino Andrade Pereira, Licinio Vitta da Silva e Manuel O. Oliveira, de São João da Boa Vista; Licy Castro, agronomo regional de Mogi Mirim; Hermes Neto de Araujo, de Mogi Mirim; Antonio J. Souza, agronomo regional de S. José do Rio Pardo; Dercy Godoy, agronomo regional de Mocóca; Durval Andrade Nogueira, Eliseu Freitas Germano, Antonio Andrade Nogueira, Carlos Loyola e Joaquim O. Azevedo, de São João da Boa Vista; João Rabelo Junqueira de Agua da Prata; João Misaglia, prefeito de Mogi Mirim; Teodomiro T. Mendes, diretor do Horto Florestal de Mogi Mirim; e Francisco Coelho, diretor da Escola Profissional de Pinhal.

A Fabricação da Manteiga



M. L. ARRUDA BEHMER

— Técnico do D. P. A. — S. Paulo —

Muitas vezes o valor do leite não compensa a sua venda, mais convindo transformá-lo em manteiga ou queijo, produtos valiosos para consumo próprio ou para o mercado local.

Estas notas foram preparadas justamente para atender aos quantos desejam adquirir conhecimentos sobre fabricação de manteiga em pequena escala, instalando uma indústria rural capaz de constituir atraente fonte de renda, altamente remuneradora.

A seguir estão resumidamente descritas as operações — desnatamento do leite, batadura do creme, higiene do material, etc. — destinadas à obtenção de um bom produto. Sentimos, todavia, necessidade de definir com clareza alguns termos adiante usados, evitando confusões e permitindo melhor compreensão do texto.

Assim, chamamos manteiga ao produto obtido da batadura do creme. E creme o leite con-



centrado, em relação à matéria gorda, obtido do desnatamento do leite. Um creme pode ter uma quantidade maior ou menor de matéria gorda, uma vez que não é composto unicamente desta, mas também de outros elementos. Para melhor compreensão deste assunto, apresentamos um quadro, no qual são mostradas as porcentagens dos vários elementos componentes no leite, no creme e na manteiga:

★

NO DESNATAMENTO, a temperatura e a acidez do leite, bem como a rotação da desnatadeira tem a máxima influência.

Recomenda-se, por isso, que o desnate seja feito em temperatura acima de 28° C, pois em temperatura mais baixa esta operação se processa mal e oferece menor rendimento de creme.

Após ser montada a turbina da desnatadeira, (fig. 1), enche-se o seu bôjo com água filtrada — e necessário assim proceder, porque ao ser aberta a torneira do depósito de leite, estando vazia a turbina, o leite nela derramado acarreta um aumento brusco de resistência, provocando decréscimo na velocidade da turbina — e com essa

velocidade diminuída, o desnate é apenas parcial, perdendo-se mais gordura.

A torneira do depósito de leite deverá ser aberta para início do desnate quando a turbina tiver adquirido rotação normal, o que se reconhece pelo toque da campainha ou pelo roncar uniforme e contínuo da turbina.

Um leite muito ácido não pode ser desnatado, pois coagula-se nesta operação, congestionando a turbina e paralisando o desnatamento.

★

IMPORTANTE! É preciso regular com rigor: a velocidade da máquina, a temperatura do leite a desnatar e a abertura da torneira de alimentação do leite — pois, a perda de 2 gramas de matéria gorda por quilo de leite, na manipulação diária de 100 quilos de leite, representa um desperdício de mais de 200 gramas por dia, ou sejam 100 quilos de manteiga, por ano!

★

A **CONSERVAÇÃO** e a limpeza da desnatadeira são de suma importância no rendimento e na qualidade do creme.

A montagem e desmontagem das peças não devem ser forçadas, para não estragá-las, pois tôdas elas se adaptam perfeitamente aos seus lugares, sem esforço (fig. 2).

O bôjo da desnatadeira, logo após o desnate, deve ser desmontado e lavado em água fria — peça por peça —, com o auxílio de uma escova flexível. Em seguida, tôdas as peças serão colocadas no próprio depósito de leite, com água quente levemente alcalina (juntar água de cal, sanacreme etc.), para retirar tôda a gordura nelas contida, evitando-se o emprêgo de sabão.

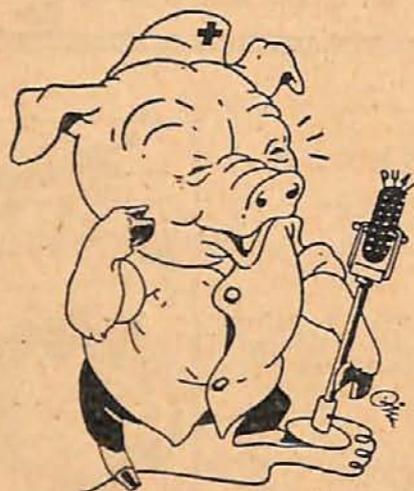
Depois de tôdas as peças serem repassadas em água limpa, serão postas ao sol, para enxugar.

Componentes	Leite com 3,5% de gordura	Creme concentrado a 10%	Manteiga tipo extra
Matéria gorda ...	3,5%	35,0%	84,50%
Água	87,5%	59,7%	14,50%
Lactose	4,8%	2,7%	0,30%
Albuminoides ..	3,6%	2,4%	0,58%
Sais (cinzas) ...	0,6%	0,2%	0,12%

Meus amigos: A experiência recomenda para os nossos
males os afamados produtos do

Laboratório H E R T A P E Ltda.

Máxima eficiência — Absoluta garantia



VACINAS

- Contra a Peste Suína (Hog-Cholera)
- Contra a Febre Aftosa
- Contra a Raiva (uso veterinário)
- Contra a Boubá Aviária (líquida)
- Contra a Pneumoenterite dos Suínos (Bate-deira).

Distribuidor: **SOC. RURAL T. MINEIRO** — Uberaba

A guarnição de borracha não deve ser lavada em água quente nem submetida ao calor, uma vez que isso provocaria seu ressecamento, estragando-a.



A QUALIDADE DA MANTEIGA é influenciada pela concentração, pasteurização e fermentação do creme.

A concentração do creme, isto é, sua porcentagem de matéria gorda, é regulada pela saída do leite, por meio de um parafuso existente na parte superior do bôjo da turbina (veja fig. 3). Assim pode-se ter um creme mais denso ou mais ralo, conforme se afrouxa ou se aperta o parafuso.

Um creme para ser vendido será mais concentrado possível — 50-60% de matéria gorda (cêrca de 66% de volume em relação ao leite), enquanto que para uso próprio é recomendado conter 30-40% de matéria gorda, ou sejam mais ou menos 10% no volume em relação ao leite. Um creme denso requer menor volume, barateando o vasilhame e o frete, e fermenta menos durante o transporte; ao passo que um creme menos denso permite a fabricação de manteiga melhor.

Na fabricação de manteiga extra, exige-se creme pasteurizado, com fermentação adequada, obtida com culturas selecionadas de fermento láctico.

Um creme com acidez elevada só poderá ser pasteurizado após reduzir sua acidez, entre 20-25° Dornic, o que se processa com o auxílio de reguladores especiais.

A pasteurização é obtida pelo aquecimento do creme em banho-maria a 75-80° C, durante 10-15 minutos.

A fermentação do creme deve ser processada em temperatura baixa, de 15-20° C, de um dia para outro.



A BATEDURA DO CREME deve ser feita a uma temperatura de 11-12° C, durante 20-40 minutos. Uma temperatura mais baixa dificulta a

formação de manteiga; e muito elevada provoca formação de massa, dificultando a lavagem (des-soragem), dando um produto de pequena duração.

Conhece-se o ponto exato do final da bate-dura pelo ruído da bate-deira (fig. 4), ou olhando o vidro que fica na tampa — este fica limpo ao chegar àquele ponto.

Quando a manteiga se separou do sôro (leitelho), forma grumos do tamanho de grãos de ervilha.

Uma bate-dura excessiva dará ao produto um gosto de sôro, sendo pouco durável e de qualidade inferior. O mesmo inconveniente se observa com a bate-dura de creme com temperatura superior a 12° C. Com bate-dura deficiente obtém-se granulação fina e menor rendimento de manteiga.

Uma limpeza rigorosa da bate-deira é indispensável, para evitar fermentação dos resíduos (ranço). Assim, após seu uso ela deve ser lavada duas vezes com água quente e, em seguida, com solução alcalina, para eliminar toda a acidez. O mesmo se faz com a espátula e fôrmas.

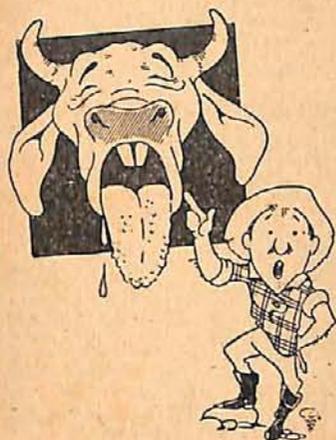


NA LAVAGEM DA MANTEIGA, a qualidade e a temperatura da água são fatores que mais influência irão ter na sua conservação e no seu paladar.

Com a manteiga formada (em "grumos"), esgota-se o sôro com água fria (4-8° C), dentro da própria bate-deira, dando-se algumas voltas, operação que deve ser repetida três vezes.

A espremedura da manteiga — eliminação do excesso de água — faz-se na própria bate-deira conjugada ou em malaxador (fig. 5). Sabe-se que esta operação está completa quando, comprimindo-se um bloco de manteiga com a espátula, saem algumas gotículas de água.

Uma manteiga com excesso de água, estraga-se com muita facilidade. A água usada na lavagem da manteiga deve ser filtrada, pois não é raro ser a mesma responsável pela deterioração rápida do produto, dada a alta qualidade de germes que pode conter.



AFTOSA!

Evite este terrível mal usando a

Vacina **HERTAPE** contra a Aftosa

LABORATORIO HERTAPE LTDA.

Distribuidor — Sociedade Rural do Triângulo Mineiro —
Rua Cel. Manoel Borges, 34 — **UBERABA** — **MINAS**

Resultado Geral da 1.ª Exposição dos Animais e Produtos Derivados do Espírito Santo

RAÇA NELORE — MACHOS

TOUROS — 1.º premio: Herege e 2.º premio: Horizonte — Morro Grande Agro Pecuária — Cachoeira de Itapemirim; 3.º premio: Barão; Menção honrosa: Sergipe e Grandeiro — Uzina Paineiras — Cachoeira de Itapemirim; Menção honrosa: Galhardo — José Coelho de Silva — Baixo Guandú.
NOVILHOS — 2.º premio: Iraponga e 3.º premio: Hees — Ismael Vivacqua — Cachoeira de Itapemirim; Menção honrosa: Ladino — Odilon Milagres — Baixo Guandú.

RAÇA NELORE — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Beleza; 2.º premio: Lindoia — Heloiza Carvalho Brito — Vila de Itapemirim.
NOVILHAS — 2.º premio: Querida; 3.º premio: Pampulha e Menção honrosa: Rumba — Anna Lucia de Carvalho Brito — Vila de Itapemirim.
BEZERRAS — 2.º premio: Ipanema — Yara Carvalho de Brito — Vila de Itapemirim.
CAMPEÃO DA RAÇA — Herege.

RAÇA GYR — MACHOS

TOUROS — 1.º premio: Indú — Ricardo Buckner — Itaguaçu; 2.º premio: Japurá — Julio da Silva Rocha — Cachoeira de Itapemirim; 3.º premio: Indostão — Francisco Cerqueira Lima — Serra. Menção honrosa: Horizonte — Uzina Paineiras — Itapemirim.
NOVILHOS — 1.º premio: Irapuá e 2.º premio: Pachá — Ricardo Buckner — Itaguaçu; 3.º premio: Pavilhão e Menção honrosa: Itaimbé — Thusnelda Buckner — Itaguaçu.
BEZERRAS — 1.º premio: Luzitano — Cacanicultura «Mucury» Ltda. — Santa Leopoldina; 2.º premio: Lombardo — Cel. Uecirino de Aguiar — Guacuí; 3.º premio: Mareco — Alberto de Oliveira Santos — Cariacica.

RAÇA GYR — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Caravelas — Thusnelda Buckner — Itaguaçu; 2.º premio: Bugarra — Cacanicultura Rio Do-

ce Ltda. — Santa Leopoldina; 3.º premio: Rumania — Ricardo Buckner — Itaguaçu; Menção honrosa: Portuguesa — Cacanicultura Rio Doce Ltda. — Santa Leopoldina.

NOVILHAS — 1.º premio: Itamaracá — Julio da Silva Rocha — Cachoeira Itapemirim; 2.º premio: Sedução — Dolores Buckner — Itaguaçu; 3.º premio: Jangada — Mucury Agro-Pastoril Ltda. — Santa Leopoldina; Menção honrosa: Mocinha — José Rodrigues da Silva — Cach. de Itapemirim.

BEZERRAS — 1.º premio: Gemea 1.º e 2.º premio: Gemea 2.º — José Carlos Rocha — Cach. de Itapemirim; 3.º premio: Canela e Menção honrosa: Vitoria — Thusnelda Buckner — Itaguaçu.
CAMPEÃO DA RAÇA — Indú.

RAÇA GUZERAT — MACHOS

TOUROS — 1.º premio: Completo — Sebastião Simplicio Souza — Cach. de Itapemirim; 2.º premio: Bohemio — Dr. Napoleão F. Silveira — Baixo Guandú; 3.º premio: Farol — Sebastião Simplicio de Souza — Cach. de Itapemirim; Menção honrosa: Mimoso — Floriano Varejão — Cariacica; Sertanejo — Frederico Guilherme Pimentel — São Mathews; Horizonte — Sebastião Simplicio de Souza — Cach. de Itapemirim.

BEZERRAS — 3.º premio: Exponente — Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira — Baixo Guandú.

RAÇA GUZERAT — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Carloca e 2.º premio: Bulgária — Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira — Baixo Guandú; Menção honrosa: Amazonia — Danilo Cerqueira Lima — Serra.
CAMPEÃO DA RAÇA — Completo.

RAÇA INDUBRASIL — MACHOS

TOUROS — 1.º premio: Zangay — Marcelo M. de Souza — Itapemirim; 2.º premio: Presidente — José Rodrigues da Silva — Itapemirim; 3.º premio: Camargo — Benjamin Zacché — Colatina; Menção honrosa, Bandeirante

— Joaquim Caiado — Itapemirim.

NOVILHOS — 1.º premio: Horizonte — Lauro Franja — Colatina; 2.º premio: Soberano — Frederico Guilh. Pimentel; 3.º premio: Cacique — Danilo Cerqueira Lima — Serra; Menção honrosa: Soberano — Adelino F. Tatagiba — S. J. Calçado.

BEZERRAS — 1.º premio: Granfino — Dr. Pedro Fontes — Santa Leopoldina; 3.º premio: Lord — Adelino F. Tatagiba — S. J. Calçado; Menção honrosa: Brasil — José Rodrigues — Itapemirim.

RAÇA INDUBRASIL — FEMEAS

VACAS — 1.º premio — Itabira — Cel. Uecirino de Aguiar — Guacuí; 2.º premio: Primavera — Danilo Cerqueira — Serra; 3.º premio: Suissa — Mucury Agro Pastoril Ltda. — Sta. Leopoldina; Menção honrosa: Mariposa — Uecirino de Aguiar — Guacuí.

NOVILHAS — Soledade — José Silveiro Pereira — S. J. Calçado; 2.º premio: Geruza — Cacanicultura Rio Doce Ltda. — Sta. Leopoldina; 3.º premio: Cortesia — José Silveiro Pereira — S. J. Calçado; Menção honrosa: Boa Vontade — Dolores Buckner — Itaguaçu.

BEZERRAS — 1.º premio: Lindeza — Marcelo C. Souza — Itapemirim; 2.º premio: Soberana — João Athaide — Itapemirim; 3.º premio: Jangada — Adelino Tatagiba — S. J. Calçado.
CAMPEÃO DA RAÇA — Zangay.

RAÇA HOLANDESA — (VERMELHO BRANCO) — PURO SANGUE — MACHOS

TOUROS — 1.º premio — Muriti — Manoel Marcondes de Souza — Cachoeira de Itapemirim; 2.º premio: Bom Jardim — J. Mauricio Marcondes Souza — Cachoeira de Itapemirim; 3.º premio: Segredo — Bento Gomes de Aguiar; Menção honrosa: Miltonia — Julio Silva Rocha — Cachoeira de Itapemirim.

NOVILHOS — 2.º premio: Miltonia Aliada — Julio Silva Rocha — Cachoeira de Itapemirim.

RAÇA HOLANDTSA — (VERMELHO BRANCO) — PURO SANGUE — FEMEAS

BEZERRAS — 2.º premio: Vencedora — José Mauricio Marcondes de Souza — Cachoeira de Itapemirim.
CAMPEÃO DA RAÇA — Muriti.

RAÇA HOLANDESA — (VERMELHO BRANCO) — MESTIÇA — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Magnolia e Menção honrosa: Piaba — J. Mauricio Marcondes Souza — Cachoeira de Itapemirim.
NOVILHAS — 2.º premio — Garota e 3.º premio: Fazenda — Morro Grande Agro-Pecuaria Ltda. — Cachoeira de Itapemirim.
BEZERRAS — 2.º premio: Marola e 3.º premio: Esperança — Morro Grande Agro-Pecuaria Ltda. — Cachoeira de Itapemirim.

RAÇA HOLANDESA — (PRETO BRANCO) — PURO SANGUE — MACHOS

TOUROS — 1.º premio: Campeão — Julio da Silva Rocha — Cachoeira de Itapemirim.
NOVILHAS — 1.º premio: Leopoldo — J. Mauricio Marcondes de Souza — Itapemirim, 2.º premio: P. Veluzo — Delmiro Dias — Guacuí.
BEZERRAS — 1.º premio: Príncipe — Manoel Marcondes de Souza — Cachoeira de Itapemirim.

RAÇA HOLANDESA — (PRETO BRANCO) — PURO SANGUE — FEMEAS

VACAS — Menção honrosa: Lavrada — Basílio Costalonga — Espírito Santo.
BEZERRAS — 1.º premio: Tani e 2.º premio: Cosinheira — Manoel Marcondes de Souza — Cachoeira de Itapemirim, Menção honrosa: Lavrada — Agenor Luiz Thomé — Guacuí.
CAMPEÃO DA RAÇA — M. Campeão.

RAÇA HOLANDESA — (PRETO BRANCO) — MESTIÇA — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Gaucha — Basílio Costa Longa — Espírito Santo, 2.º premio: Ponte Nova e 3.º premio: Arabela — Antonio A. V. Assis — Alegre.
BEZERRAS — 1.º premio: Estrela e 2.º premio: Atalaia — Delmiro Moreira Dias — Guacuí.

RAÇA SCHWITZ — PURO SANGUE — MACHOS

TOUROS — 1.º premio: Ministro — Dr. Marcondes Alv. Souza — Serra, 2.º premio: Sultão — Dr. H. O. Schlum — Guarapari, 3.º premio: Dragão — Dr. Marcondes A. Souza — Serra.
NOVILHAS — 1.º premio: Aurora Príncipe — Djalma Sá Oliveira — Guacuí, 2.º premio: Presidente — Bento Gomes Aguiar — Guacuí.

RAÇA SCHWITZ — PURO SANGUE — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Goleita e 2.º premio: Princesa — Morro Grande A. Pecuaria Ltda. — C. de Itapemirim, 3.º premio: Sueca — Dr. Marcondes A. Souza — Serra, Menção honrosa: Dalva — Jorge Marcondes Souza — Cachoeira de Itapemirim.
NOVILHAS — 1.º premio: Conquistas — Morro Grande A. Pecuaria Ltda. — Itapemirim.
BEZERRAS — 1.º premio: Salomé e 2.º premio: Beatriz — Morro Grande A. Pecuaria Ltda. — Cachoeira de Itapemirim.

RAÇA SCHWITZ — MESTIÇA — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Cristina — Jorge Marcondes Souza — Itapemirim, 2.º premio: Primavera — Laerth Paiva Gomes — Alegre, 3.º premio: Fafarra — Jorge Marcondes Souza — Itapemirim, Menção honrosa: Suzana e I.

rena — Laerth Paiva Gama — Alegre — Baleia — Morro Grande A. Pecuaria Ltda. — Cachoeira de Itapemirim.

NOVILHAS — 1.º premio: Pomada — Morro Grande Agro Pecuaria Ltda. — Itapemirim, 2.º premio: Princesa e 3.º premio: Azeitona — Romualdo Monteiro da Gama — Alegre, Menção honrosa: Sonata e Safira — Dr. Alceu Nogueira da Gama — Alegre; Corista — Jorge Marcondes de Souza; Sabiá — Morro Grande A. Pecuaria Ltda. — Itapemirim.

BEZERRAS — 1.º premio: Mascotinha — Djalma Sá Oliveira — Guacuí, 2.º premio: Côtia e 3.º premio: Cobaia — Joaquim Borges — Alegre, Menção honrosa: Bailarina — Djalma Sá Oliveira — Alegre.

RAÇA SIMENTAL — MACHOS

TOUROS — 2.º premio: Garoto — Faz. R. João — V. Fraga S. A. — Muçuí, 3.º premio: Ondulado — Clarindo Lino Oliveira — Mimoso do Sul, Menção honrosa: Panorama — Faz. Reunidas João Vieira Fraga S. A. — Muçuí.
NOVILHAS — Menção honrosa: Príncipe — Faz. R. J. da Fraga S. A. — Muçuí.

RAÇA SIMENTAL — FEMEAS

VACAS — 3.º premio: Granada e Menção honrosa: Mariposa — Fazenda R. J. V. da Fraga S. A. — Muçuí.
NOVILHAS — 2.º premio: Cumbuca, 3.º premio: Medalha e Menção honrosa: Flor do Campo — Clarindo L. da Silveira — Mimoso do Sul.
BEZERRAS — 2.º premio: Companhia — Faz. R. J. V. da Fraga S. A. — Mimoso do Sul.

RAÇA FLAMENGA — FEMEAS

NOVILHAS — 1.º premio: Pompéia, 2.º premio: Serenata e 3.º premio: Itabira — Morro Grande Agro Pecuaria Ltda. — Cachoeira de Itapemirim.

RAÇA GUERNESEY — MESTIÇA — FEMEAS

VACAS — 1.º premio: Beleza — Otávio Ferreira Paes — Cariacica.
NOVILHAS — 2.º premio: Geitoza — Homero C. B. Barreto — Cariacica, 3.º premio: Granfina — Otávio Ferreira Paes — Cariacica.

RAÇA NORMANDA — MACHOS

TOUROS — 2.º premio: Sultão — Ant. Anastacio Gomes — Itapemirim, 3.º premio: Pacha — Dr. Ovidio Paoliello Gomes — Guacuí.

RAÇA NORMANDA — FEMEAS

VACAS — Menção honrosa: Normanda — Ant. Anastacio Gomes — Itapemirim, Simpatia — Dr. Ovidio Paoliello e Dr. Carlos Duenke — Guacuí.

RAÇA CARACÚ — MACHOS

TOUROS — Menção honrosa: Jato-bá — Laurindo Francisco Mota — Itapemirim.

RAÇA JUNQUEIRA — FEMEAS

VACAS — 2.º premio: Laranginha e 3.º premio: Laranja — Gilberto Domingues — Itapetininga.

EQUINOS

RAÇAS NACIONAIS

CAMPOLINA — Machos acima de 30 meses. — 1.º premio: York — José Rodrigues Teixeira — Mimoso do Sul; 2.º premio: Guarani — Simpliciano Lucindo Netto; 3.º premio: Caxambu — Antonio Martins dos Santos.

MAGALARGA — Machos acima de 30 meses — 1.º premio: Andaluz — Morro Grande Agro Pecuaria — Itapemirim; 2.º premio: Delírio — Manoel Marcondes de Souza — Itapemirim, Machos até 30 meses — 1.º premio: Guardião — Regina Carvalho de Brito

— Itapemirim; 3.º premio: Danubio — Dr. Ataliba Carvalho Brito — Itapemirim; Menção honrosa: Cassino — Manoel Marcondes de Souza.

RAÇAS ESTRANGEIRAS

INGLESA (MESTIÇA) — Machos acima de 30 meses — 1.º premio: Guaporé — Ataliba Carvalho Brito — Itapemirim; Menção honrosa: Sobrinho — Mario Glurizatto — Colatina, Machos até 30 meses — 1.º premio: Farol — Manoel Marcondes de Souza; 3.º premio: Iuasú e Menção honrosa: Ananê — Dr. H. O. Schlum — Guarapari.

Fêmeas até 30 meses — 1.º premio: Sempreviva — Manoel Marcondes Souza; 2.º premio: Fortaleza — Antenor Benedito Santos — Itapemirim; 3.º premio: Preciosa — José Thomaz C. de Brito — Itapemirim; Menção honrosa: Beladona — Dr. H. O. Schlum — Guarapari.

ASININOS

RAÇAS NACIONAIS

RAÇA PÊGA — Machos de mais de 30 meses — 1.º premio: Paclá — Marcondes de Souza — Itapemirim; 2.º premio: Pirata — Ubirajara Almeida — Mimoso do Sul; 3.º premio: Sacode — Dr. C. Lima e L. Loureiro — Santa Tereza.

RAÇAS ESTRANGEIRAS

RAÇA CATALAN — Fêmeas até 30 meses — 1.º premio: Moedinha — Antonio Gomes — Itapemirim, Fêmeas acima de 30 meses — 2.º premio: Garota — Antonio A. Gomes — Itapemirim.

RAÇA ANDALUZA — Machos acima de 30 meses — 3.º premio: Moura — Henrique Buckner — Itaguá.

MUARES

1.º premio: Paraguaita (fêmea) — Antonio Machado — Mimoso do Sul; 2.º premio: Panamá (macho) — Carlos Moreira de Andrade — Guacuí; 3.º premio: Xodo (macho) — H. O. Schlemm — Guarapari; Menção honrosa: Fortuna — Usina Painceiras — Itapemirim.

SUINOS

DUROC GERSEY

Conjunto de jovens até 8 meses — 1.º e 2.º premio, animais do Sr. Alvaro Giemenes — Cariacica, Fêmeas jovens até 8 meses — 3.º premio, animais do Sr. Basílio Costa Longa — Espírito Santo.

BERKSHIRE.

Adulto — 1.º premio, animal do Sr. Zilton Menezes Tovat — Itaguá.

PIRAPETINGA.

Adultos — 1.º e 3.º premio, animais do Sr. Henrique Coutinho — Colatina.

CONCURSO DE CEVADOS.

2 animais adultos, de raça pirapetinga e castrão, Propriedade do Sr. Custódio Braga Machado — Cachoeira de Itapemirim.

CONJUNTOS

RAÇA SCHWITZ — 1.º premio: Morro Grande Agro Pecuaria Ltda. — Itapemirim.

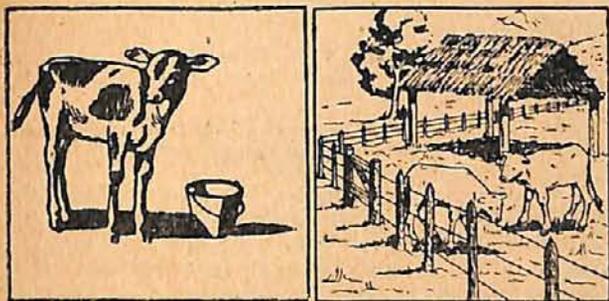
HOLANDEZ (Preto Branco): Manoel Marcondes de Souza — Cachoeira de Itapemirim.

MELHOR CONJUNTO ZEBUINO: Conjunto Indubrasil do Sr. José Silveiro Pereira — S. J. de Calçado.

GRANDE CAMPEÃO DA EXPOSIÇÃO: «MURITI» (Holandês Vermelho Branco) PROP. SR. MANOEL MARCONDES DE SOUZA — CACH. DE ITAPEMIRIM.

DOENÇAS NA CRIAÇÃO DOS BEZERROS

MARIO D'APICE,
do Instituto Biológico



ENTRE os inúmeros problemas que agravam os animais novos, destacam-se, no domínio da patologia animal, alguns que, pela sua frequência, gravidade e prejuízos, merecem especial atenção porque os meios de combate ainda não são suficientemente seguros. Com efeito, todas as espécies domésticas são sujeitas em seus primeiros meses de vida a uma série de doenças, agrupadas sob a denominação genérica de *doenças da criação*.

Estas doenças, embora com manifestações clínicas diversas, apresentam uma característica comum — é que os germes específicos, conquanto pertencentes a grupos diversos, acham-se abundantemente disseminados não só no ambiente, mas até no corpo dos animais sãos, que em condições normais nada apresentam. Quando, porém, a resistência desses animais for comprometida, esses mesmos germes adquirem propriedades tais, capazes de desenvolver uma atividade patogênica, originando, então, a doença infectuosa, cuja gravidade varia de acordo com o micróbio que adquirir maior predominância e segundo o órgão atingido e a extensão das lesões.

O animal assim atingido, constitui a fonte de contágio e, por conseguinte, o elemento de propagação mais importante da doença, porque elimina, conjuntamente com suas excreções, uma quantidade enorme de germes com propriedades tais que os tornam capazes de agredir com sucesso os outros animais, de maneira direta ou indireta, transformando os locais de criação em foco permanente da doença, de modo a tornar difícil ou praticamente impossível a criação.

Como explicar que os germes, existindo impunemente no organismo possam em certas condições adquirir propriedades patogênicas? As numerosas investigações nesse sentido, mostraram que as causas predisponentes ocupam lugar de destaque, pois a doença se manifesta todas as vezes que a resistência orgânica se encontrar diminuída. E entre essas influências desfavoráveis, destacam-se as perturbações de nutrição, mudanças bruscas de regime, deficiências alimentares em elementos minerais, manutenção dos animais em locais úmidos, frios, escuros etc. — em suma fatores predisponentes são as más condições de higiene e alimentação em que são mantidos os animais, embora a causa determinante seja de natureza microbiana.

OS AMBIENTES fechados, úmidos, escuros, mal ventilados e pouco isolados são, como vimos, fatores que contribuem para diminuir a resistência dos animais, permitindo a conservação dos germes durante muito tempo (meses e anos), concorrendo, assim, para perpetuar a infecção. Nessas condições, e quando não se tem possibilidade de construir locais apropriados, o melhor é cercar um piquete com pequeno abrigo rústico, destinado exclusivamente aos animais novos que, criando-se ao ar livre, se beneficiam da ação dos raios solares, cujas propriedades múltiplas dão na prática ótimos resultados.

★

OS ERROS ALIMENTARES, sobretudo nos primeiros dias de vida, constituem um dos fatores predisponentes mais importantes.

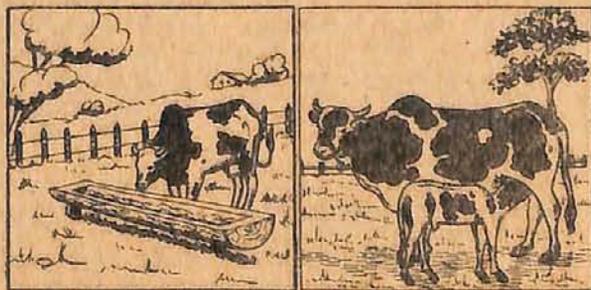
O recém-nascido tem em seu tubo digestivo um material verde escuro, chamado "mecônio", cuja eliminação deve ser processada rapidamente, sob pena de sobrevirem graves perturbações digestivas. A expulsão do mecônio é obdida pelo "colostro", produto da glândula mamária, que se elimina logo após o nascimento do bezerros e se prolonga durante sete a dez dias.

O colostro, pela sua ação laxante, alto valor alimentício, riqueza em sais minerais e grande teor em anticorpos, constitui elemento indispensável ao animal, sem o qual ele tem pouca probabilidade de sobreviver. Com efeito, os bezerros, faltando-lhes o colostro, não podem eliminar o mecônio e este, constituindo um excelente meio de cultura, favorece a multiplicação de germes, adquirindo, então, propriedades patogênicas, que os tornam capazes de lesar a parede intestinal e, a seguir, transpô-la, atingindo o sangue e conseqüentemente os vários órgãos internos, originando infecções de decurso quase sempre fatal.

Quando, por morte da vaca, ou qualquer outra circunstância, o bezerro não puder receber o colostro, deve-se administrar ao mesmo, logo após o nascimento e durante alguns dias seguidos, 50 grs. de sulfato de sódio em meio litro de água morna e alimentá-lo, na primeira semana, com leite desnatado.

★

O CONTROLE DOS NASCIMENTOS é uma providência igualmente importante. A época das



águas, que corresponde aos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, constitui uma estação imprópria para o nascimento e criação dos bezerros. Os animais nascidos nessa ocasião estão sujeitos a muitas causas desfavoráveis, que a observação confirma, pois um grande número deles acaba morrendo.

★

O USO DE UMA FOCINHEIRA, geralmente de couro, permite evitar que o bezerro ingira substâncias estranhas (palha da cama, capim, água etc.), quase sempre contaminadas, contribuindo assim para a disseminação da doença a outros animais novos.

Tal prática, pelo menos durante o primeiro mês de vida dos bezerros, permite reduzir a ocorrência do "curso branco". É isso porque por mais cuidado que se dispense aos mesmos, não é possível impedir que os animais ingiram corpos estranhos, cujas conseqüências dificilmente serão combatidas com sucesso.

★

O CORDÃO UMBILICAL merece, igualmente, um tratamento adequado, porque constituindo uma porta de entrada aos germes, estes passam para o fígado e daí ganham a circulação sanguínea, promovendo, então, graves infecções que, ou produzem a morte por septicemia, ou repercutem desfavoravelmente sobre o desenvolvimento dos animais, reduzindo-lhes a vitalidade e a resistência.

Ao animal recém-nascido, amarra-se o cordão umbilical na sua base, com um barbante previamente mergulhado em álcool, cortando-se o mesmo um a dois centímetros abaixo. A extre-

midade livre será desinfetada, de preferência com tintura de iodo.

★

CERTAS OUTRAS CONDIÇÕES desfavoráveis podem atuar sobre a vaca, durante a prenhez, e repercutir sobre o feto que deve nascer. Destas, a mais importante é a alimentação. Com efeito, nos seis primeiros meses a vaca, não precisa receber cuidados especiais, porém, após esse período, a alimentação deverá servir não só para as suas necessidades, mas também para o desenvolvimento do feto.

As proteínas e sais minerais são elementos indispensáveis, devendo-se por isso preparar rações ricas nesses elementos.

As vacas no regime de campo deverão, no segundo período de gestação, ser mantidas em semi-estabulação e receber ração suplementar, havendo para orientação nesse particular muitas publicações especializadas, cuja leitura recomendamos aos interessados.

Também certas infecções da vaca (brucelose, tuberculose, aftosa etc.) podem repercutir sobre a constituição dos animais recém-nascidos, predispondo-os a doenças mais ou menos graves.

★

OS BEZERROS são sujeitos a diversas moléstias infecciosas e parasitárias, que provocam sintomas muito parecidos. É compreensível, portanto, que exista, muitas vezes, certa confusão na identificação destas moléstias.

Para desfazer esta dificuldade organizamos uma quadro esquemático, que inclui as moléstias mais freqüentes dos bezerros, até a idade da desmama completa:

Nome comum da Moléstia	Nome técnico da Moléstia	Idade mais sujeita	Sintomas característicos	Órgão atacado
Umbigueira	Onfaloflebite	Primeira quinzena	Inflamação do umbigo	Umbigo
Curso Branco	Colibacilose	Primeira quinzena	Diarréia de leite	Intestino delgado
Tristeza ou Curso	Enterite infecciosa, paratifo	Primeira quinzena	Diarréia mucosa	Intestino delgado
Feste dos Polmões	Piobacilose	10 dias a 4 meses	Tumores cutâneos (polmões)	Diversos órgãos
Pneumonia	Pneumonia	2. ^a à 10. ^a semanas	Catarro ocular e nasal; tristeza	Fulmão
Curso de Sangue	Coccidíose	3. ^o sem. em diante	Diarréia de sangue	Reto
Curso Preto	Esofagostomose	4. ^o mês em diante	Diarréia preta	Intestino delgado

O DIAGNÓSTICO correto dessas moléstias, contudo, só poderá ser feito mediante exame de laboratório. Na maioria das vezes é necessário necropsiar um ou mais bezerros que tenham morrido há poucas horas, colher uma porção do órgão, apanhando a parte lesada, e colocar em vidro contendo solução de formol a 10%, para exame histo-patológico.

Na pneumonia, o material é colhido do pulmão; mas, havendo suspeita de paratifo, convém remeter, também, nas mesmas condições, fragmentos do baço e do fígado, mesmo que não apresentem alteração visível; em caso de diar-

réia, é preciso colher, ainda, 10 ou 20 cc de fezes, e mandá-las em vidro previamente fervido.

Em qualquer dos casos, é preciso remeter sempre ao laboratório, convenientemente embrulhado, um osso da canela, descarnado e destacado pelas juntas, sem quebrá-lo. Além disso, o material deve ser acompanhado de carta explicativa, contendo indicações sobre o número de animais doentes, duração da moléstia, idade em que mais ocorre, sintomas observados, febre e medicamentos empregados.

A remessa deve ser endereçada ao:

Instituto Biológico, Caixa Postal, 119-A, São Paulo.

ZEBU

Fone, 11.07 — Caixa Postal, 39
R. Artur Machado, 10-A - Uberaba

Dir. proprietário - Ari de Oliveira

ASSINATURAS

Brasil Cr. \$60,00
sob registro . . . Cr. \$80,00

Estrangeiro (sob re-
gistro) Cr. \$100,00
Número avulso . . Cr. \$5,00

Sumario desta edição pag. 4

VENDA AVULSA

S. PAULO — «A Intelectual» —
Viaduto Santa Ifigênia, 281.

NOSSOS REPRESENTANTES:

Viajam atualmente para a nossa
revista, sendo nossos UNICOS RE-
PRESENTANTES-VIAJANTES, os
seguintes senhores:

Centro de Minas — André Weiss.
Triângulo Mineiro e Oeste —
Lauro Barbosa.

NAS CAPITAIS

BELO HORIZONTE — Minas —
Rui Caldeira — Representações
«N. S. de Fátima» — R. Guarani.

S. PAULO — Guido G. Capêlo
— Cx. Postal, 4404 — Fone, 3-2204.

PORTO ALEGRE — Inácio Eli-
zeire — Caixa Postal, 927 — Ga-
leria Municipal, 127.

CURITIBA — Mario M. Loureiro
— Secretaria da Agricultura.

RIO DE JANEIRO — João Fer-
reira da Costa — Red. «Vanguar-
da» — Av. Rio Branco.

NOS ESTADOS

PELOTAS — Damásio Evaristo
Soares — R. Gen. Argôlo, 451.

IPAMERI — Mário Vaz de Car-
valho — Av. S. Vicente de Paulo,
E. F. Goiás.

UBERLANDIA — Barsanulfo de
Almeida — Av. Cesário Alvim, 640.

SETEMBRO 950

Plantas Frutíferas, Florestais, Industriais e de Adorno

JOÃO DIEBERGER
FUNDADOR



CATÁLOGO GERAL ILUSTRADO

Remeta Cr\$ 25,00 em dinheiro ou em selos,
para receber o Catálogo Geral Ilustrado
em cores e em preto. Rica discriminação
de plantas e suas variedades.

Dieberger Agrícola Ltda.

FAZENDA CITRA

Caixa Postal, 48

Fone, 1-2-1

Telegr.: «DIERCO»

LIMEIRA

L. Paulista * Est. S. Paulo

BRASIL

O aço Gusa e os laminados

A produção de aço e de ferro
gusa, pela Companhia Siderúr-
gica Nacional, teve início em
junho de 1946; a de laminados
parte de outubro do referido
ano.

Assim, em 1946, a produção
daquela empresa é a seguinte

AUMENTO CRESCENTE DO AÇO, DO GUSA E DOS LAMI- NADOS A PARTIR DE 1946

(em toneladas): aço, 85.186;
gusa, 95.742, e laminados, ...
12.577, nos valores, respectiva-
mente, de Cr\$ 195.927.800,
86.167.800 e 25.236.800.

No ano de 1947, a produção
da Siderurgia alcançou as se-
guintes cifras: aço, 144.879 to-
neladas no valor de Cr\$
333.221.700,00; gusa, 175.672
toneladas no valor de Cr\$
172.621.350,00; laminados ...
89.688 toneladas, no valor de
Cr\$ 250.637.570,00.

No ano de 1948, o volume da
produção assim se desdobrou:
aço, 243.736 toneladas; gusa,
224.025, e laminados, 197.545 to-
neladas, nos valores correspon-
dentes de Cr\$ 560.592.800,00;
292.487.000,00 e 730.407.530,00.

Em relação ao primeiro se-
mestre do ano passado, o mo-
vimento da Siderurgia foi o
seguinte, em toneladas:

Aço, 130.671; gusa, 86.751 e
laminados, 104.365 toneladas,
nos valores, respectivamente, de
Cr\$ 300.543.300, 116.307.930 e
408.378.020. Informação pres-
tada pela C.S.N. adianta que
o alto forno esteve paralizado
durante o mês de março.

WILSON BORGES

Deixou de pertencer à dire-
ção da Revista "Zebú", em que
ocupou, em sua primeira fase,
o cargo de Secretário, dando-
nos excelentes provas de dili-
gência e solicitude, e auxiliando-
nos grandemente com sua
inteligência e operosidade, o
nosso companheiro, sr. Wilsson
Ferreira Borges.

Lamentamos profundamente
que as suas novas atividades o
livressem afastado do nosso con-
vívio, principalmente por ter
sido um excelente companheiro
e um colaborador ativo e,
ainda mais, por termos sido pri-
vados do seu concurso justa-
mente quando iniciávamos a
nova fase de nossa revista.

Endereçamos-lhe, neste ense-
jo, os nossos agradecimentos,
dando-lhe a certeza de que aqui
conta sempre com os compan-
heiros de tantos anos de ati-
vidades.

SETEMBRO

A LAVOURA DO MÊS

No NORTE do Brasil ainda se colhem algodão, mandioca, cana de açúcar, arroz e mamona; fabrica-se farinha; plantam-se tôdas as hortaliças, fumo, amendoim, gerimum, melancia. Enxertam-se laranjeiras.

No Brasil CENTRAL e SUL preparam-se terras para vários plantios. Plantam-se milho, arroz, feijão, lentilhas, ervilhas, algodão, cana, cânhamo, tremoços, amendoim, mandioca, batatas doces e inglesas, abóboras, melancia, melões, pepinos, cacau. Semeia-se fumo para transplantar em Outubro. Ainda se semeia alfafa, afrouxando-se a terra desta planta. Cuidam-se, nas árvores frutíferas, dos brotos que começam a aparecer.

Na horta, transpantam-se as mudas de tomateiros, alcachôfras, acelgas, alface repulhuda, aipo, agrião, azedinha, beterraba, cerefólio, chicória, couves, mangerona, mostarda, melancias, melões, nabos, pepinos, pimentas, quiabos, rabanetes, repólhos, salsa, etc. Semeiam-se quase tôdas as flores anuais. Começa-se a enxertar de borbulha as laranjeiras e outras árvores frutíferas. Ainda se podem plantar estacas de oliveiras. Põem-se na terra as batatas de dalias, dividindo-as ou separando-as de modo que cada uma delas fique com uma parte do lenho ou haste do ano an-



FASES DA LUA

- 5 — Quarto Minguante
- 12 — Lua Nova
- 19 — Quarto Crescente
- 26 — Lua Cheia

30 Dias - SETEMBRO - 1950

1 Sexta	São Egidio
2 Sábado	São Elpidio
3 Domingo	Santa Eufêmia
4 Segunda	Santa Libânia
5 Terça	Santa Rosa
6 Quarta	São Fausto
7 Quinta	Santa Regina
8 Sexta	Nat. de N. Senhora
9 Sábado	São Graciano
10 Domingo	São Nicolau
11 Segunda	São Emiliano
12 Terça	Santa Aua, Guido
13 Quarta	São Amado
14 Quinta	Santa Cornélia
15 Sexta	São Albino
16 Sábado	São Cipriano
17 Domingo	São Lamberto
18 Segunda	São José Cupertino
19 Terça	São Januário
20 Quarta	Sto. Eustáquio
21 Quinta	Santa Efigênia
22 Sexta	São Maurício
23 Sábado	São Lino, Tecla
24 Domingo	Santa Ludmilla
25 Segunda	Santa Aurélia
26 Terça	São Cipriano
27 Quarta	São Cosme
28 Quinta	Santa Celina
29 Sexta	São Miguel
30 Sábado	Sto. Honório

tecedente, porque a batata que não tiver uma parte desta haste, morrerá.

São convenientes para plantações, sementeiras e transplantações, os seguintes dias do mês: 1, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30.

São favoráveis para deitar galinhas e pássaros: 2, 3, 4, 12, 13, 20, 21, 22, 27, 28, 29; para deitar pavo e perua: 27, 28, 29; gansa e pata: 5, 6, 14, 15, 23, 24.

Horóscopo do Mês

Tôdas as pessoas nascidas dentro deste período têm o Sol no signo de Libra, sendo Vênus o seu planeta governante.

Esta posição faz a pessoa popular e geralmente querida; é sociável, afeiçãoada, jovial e um tanto romântica; ama a sociedade e facilmente faz amigos, principalmente entre o sexo posto. Tem gosto e certa habilidade para as ciências e belas artes, poesia e literatura, embora, às vezes, não se dediquem a esses ramos de atividade. Geralmente se casam cedo, principalmente as mulheres.

Essas pessoas podem demonstrar independência, se fôr necessário, mas são sempre dondosas e sem presunção ou orgulho. Gostam de demonstrar nos outros sentimentos de simpatia e fraternidade. São justas, sinceras, imparciais, intuitivas e tolerantes. São favoráveis e inclinadas às associações de qualquer espécie.

Pedras preciosas: — Principais: lapis-lazuli; complementares: jacinto e esmeralda.

Flôres: — Rosa, jasmim, violeta, jacinto, narciso, açucena, lírio e alfanásia.

Perfumes: — Verbena, canela, violeta, jacinto e rosa.

Côres: — Rosa, branca, azul e todos os matizes do claro.

Sociedade Rural do Triângulo Mineiro

Fundada em 18 de Junho de 1934 — Concessionária exclusiva para todo o Brasil, do Registro Genealógico das raças bovinas indianas — Indubrasil, Gir, Nelore e Guzerat — de acordo com o contrato lavrado com o Ministério da Agricultura.

R. CEL. MEL. BORGES, 34

UBERABA

TELEFONE — 1590

DIRETORIA

Presidente:

DR. CARLOS SMITH

Vice-Presidentes:

DR. MAX NORDAN R. ALVIM

DR. LAURO FONTOURA

Secretário Geral:

ADALBERTO R. DA CUNHA

Secretários:

MANOEL SILVEIRA

Tesoureiros:

JOSE' DUARTE VILELA

ÂNGELO ANDRÉ FERNANDES



CONSELHO DELIBERATIVO: DR. J. S. RODRIGUES DA CUNHA, DR. ARMANDO C. RATTO, ARTUR DE CASTRO CUNHA, JOSE' SEVERINO NETTO e DR. ALFREDO SABINO DE FREITAS.

SUPLENTE: RANULFO BORGES DO NASCIMENTO, GASTÃO ANDRADE CARVALHO, LAMARTINE MENDES, TORRES HOMEM RODRIGUES DA CUNHA e PILADES PRATA TIBERY.

CONSELHO FISCAL: JOSE' BARBOSA SOUZA, PEDRO CRUVINEL BORGES e JOSE' DE ALMEIDA FRANCO.

SUPLENTE: GERALDINO TITO R. CUNHA, GERSON PRATA e JOSE' TELXEIRA DIAS.



REGISTRO GENEALÓGICO DAS RAÇAS DE ORIGEM INDIANA

Diretor:

DR. ARMANDO CRUVINEL RATTO

Vice-Diretor:

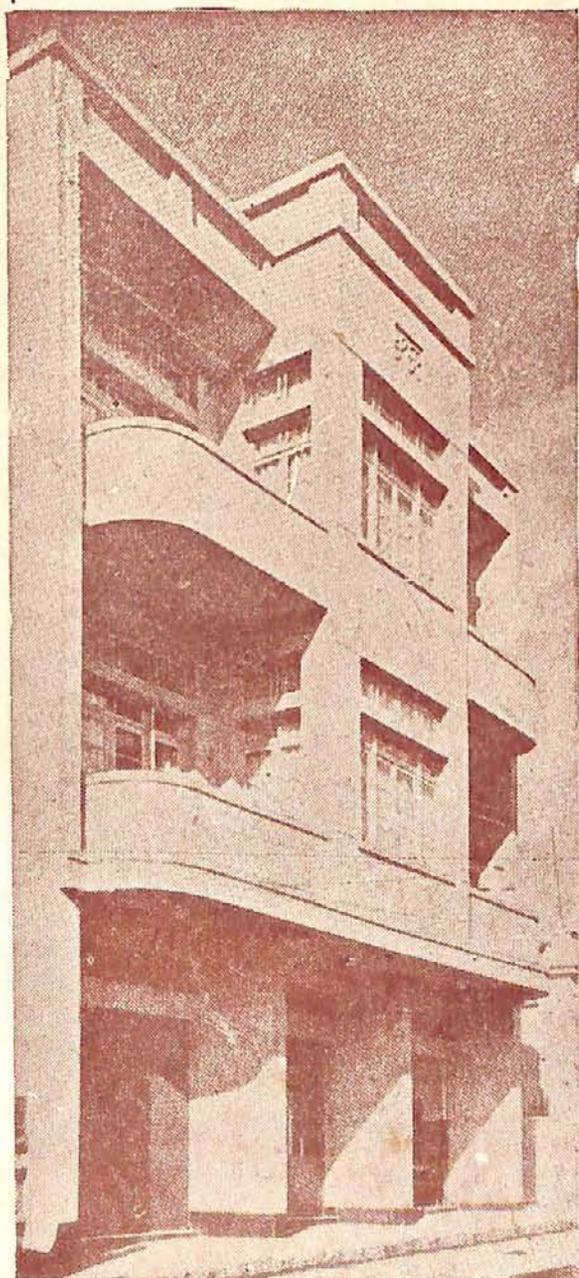
PEDRO CRUVINEL BORGES

Secretário:

VALTER FERNANDES

Tesoureiro:

GUIOMAR RODRIGUES DA CUNHA



FAZENDA MARAJÁ

GADO GIR MARCA «J. J.»

Situada a 40 quilômetros da cidade, á margem da estrada para Uberlandia, no

Posto ELY — L. M.

Plantel com 90% de fêmeas registradas, e produção controlada pela S. R. T. M., todo de descendência dos famosos reprodutores — TURBANTE — RAJÁ e CEYLÃO, da tradicional Fazenda CEDRO, propriedade de D. Ibrantina de Oliveira Pena.



TANQUINHO, com 24 meses, filho de Turbante e Dobrada; premiado nas exposições de 949 e 950 em Uberaba, mostra da produção do plantel.

Te. Pedro Rocha Oliveira

— UBERABA — MINAS —

